

A close-up photograph of a fountain pen and an inkwell resting on a piece of aged, textured paper. The pen is positioned diagonally from the top left towards the center, with its nib pointing downwards. The inkwell is a small, clear glass container with a stopper, partially filled with dark ink, and is located to the right of the pen. The paper has a warm, brownish-gold hue and a visible fibrous texture. The lighting is soft, creating gentle shadows and highlights on the objects and the paper's surface.

*Lingua Portuguesa:
da oralidade à escrita*

Vanessa Loureiro Correa



*Lingua Portuguesa:
da oralidade à escrita*

Vanessa Loureiro Correa

Vanessa Loureiro Correa

Mestre em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Licenciada em Letras pela PUCRS. Professora do curso de Letras na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).



Sumário

O processo comunicativo e seus elementos 13

Fatores que podem atrapalhar a comunicação..... 14

Qualidades de um bom texto 15

Funções da linguagem 17

Variação linguística e os níveis de linguagem 25

Diferença entre a língua oral e a escrita 25

Variação linguística: uma realidade mundial 27

Os níveis de linguagem..... 30

As relações entre fala e texto escrito..... 31

Coesão..... 37

A diferença entre frase, oração e período 37

O que é texto e textualidade..... 38

Mecanismos de coesão 39

Tipos de coesão 43

Coerência 49

Fatores de coerência 49

Fatores de contextualização..... 52

A coerência e as metarregras 55

Relação entre coerência e coesão 55

Transcrição e retextualização	59
Transcrição.....	59
Retextualização.....	63
Paráfrase	71
Tipos de paráfrase.....	72
Técnicas de paráfrase.....	72
Parágrafo-padrão	81
Conceito de parágrafo.....	82
Estrutura do parágrafo	82
Resumo	91
Tipos de resumo	91
Estrutura do resumo.....	95
Técnicas de resumo	96
Resenha crítica	101
Técnicas para produção da resenha	101
Correspondências oficiais	111
Ata: um documento de valor jurídico.....	111
Atestado: conceito e modelo.....	113
Conceito de carta comercial.....	114
Circular	115
Conceito de comunicação	115
Declaração: conceito e modelo.....	116

Memorando.....	117
Conceito de procuração.....	117
Concordância verbal	123
Concordância verbal: conceito e casos	123
Concordância nominal	133
Ocorrências de concordância nominal.....	133
Casos de concordância nominal.....	134
Emprego da vírgula e dos porquês.....	143
Emprego dos porquês	144
Casos de emprego da vírgula	145
O significado das palavras no contexto	153
Denotação e conotação: conceito	154
Dificuldades mais frequentes na Língua Portuguesa	156
Emprego da crase e dos pronomes demonstrativos.....	163
Casos de uso da crase	163
Dicas para reconhecer casos de emprego da crase.....	166
Emprego dos pronomes demonstrativos	167
Gabarito	173
Referências.....	189



Apresentação

A necessidade de se comunicar existe desde os primórdios da humanidade e hoje, é fundamental para o crescimento e as conquistas do ser humano. Usamos a linguagem diariamente para as mais diversas funções, precisamos saber nos expressar para fazer compras, trabalhar, estudar, emitir opiniões, necessidades e sentimentos.

Mas como se comunicar? A comunicação só existe quando a mensagem que estamos tentando passar consegue ser compreendida pelo outro, seja por meio da fala ou da escrita. O objetivo deste livro é conhecer as melhores formas de emitir informações de modo que os nossos interlocutores a compreendam.

No primeiro capítulo veremos como se dá o processo comunicativo e os vários elementos que o compõe. Quais são os fatores que podem atrapalhar a comunicação, como produzir um bom texto e as funções de linguagem.

No capítulo dois será abordada a variação linguística e os vários níveis de linguagem, evidenciando a diferença entre a linguagem oral e escrita. Outra questão que será abordada é a variação linguística que é a variação que acontece numa mesma língua, devido principalmente aos aspectos socioeconômicos e geográficos.

Nos capítulos três e quatro serão abordados os temas Coesão e Coerência, respectivamente, que são mecanismos usados para garantir ao interlocutor a compreensão do que se lê ou escuta, não só entre os elementos que compõem a oração, como também entre a sequência de orações dentro do texto.

Mais à frente, no quinto capítulo, será abordada a diferença entre a Transcrição e a Retextualização. Ambas fazem a passagem do texto oral para o escrito, enquanto a primeira mantém as características, inadequações gramaticais e semânticas do texto oral; a segunda faz uma regularização linguística.

No capítulo seis e sete os temas abordados serão a Paráfrase e Parágrafo-padrão. Parafrasear é o processo de transmitir a mensagem dita por um falante com outras palavras. E o parágrafo-padrão é aquele que tem uma ideia como núcleo e a apresenta, desenvolve e conclui, ou seja, inicia e encerra uma mensagem.

Nos próximos dois capítulos veremos as diferenças entre resumo e resenha crítica. O resumo é o ato de sintetizar situações ou falas para repassar a outras pessoas. Já resenhar significa fazer uma relação das propriedades de um objeto, enumerar aspectos relevantes e omitir sua opinião sobre ele. O objeto resenhado pode ser um acontecimento qualquer, um texto, um cd, um livro, entre outros.

No capítulo 10 serão trabalhadas as correspondências oficiais. Trabalharemos os modelos considerados mais importantes e mais usados, mostrando a estrutura de cada um deles, pois em todos os setores de nossa vida, precisamos saber elaborar alguns desses documentos.

Os dois próximos capítulos que seguem abordarão a concordância verbal, quando o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito simples a que se refere; e a nominal quando os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos determinados. Na sequência, o capítulo treze abordará o emprego da vírgula e dos porquês no texto.

No capítulo quatorze veremos a importância do significado das palavras no contexto, para se escrever um bom texto. Finalizando, o capítulo quinze trará as formas de se empregar corretamente a crase e os pronomes demonstrativos.

Procuramos esclarecer, neste livro, as principais dúvidas e questões referentes à linguagem. Tudo para que a mensagem possa ser passada para o seu interlocutor de forma correta e compreensível, pois somente deste modo a comunicação cumprirá o seu papel.

Bons estudos!



O processo comunicativo e seus elementos

O usuário de uma língua a usa diariamente para várias finalidades: comprar, vender, expressar opiniões, sentimentos e necessidades. A finalidade sempre é se comunicar com o outro, pois só assim conseguirá sobreviver. A grande questão é: O que é comunicar? Muitos acreditam que basta transmitir uma mensagem para estar comunicando. Outros acham que compreender uma ideia é uma forma de comunicação. No entanto, só há comunicação se uma mensagem for passada e a mesma for entendida pelo receptor. Se o falante colocar a ideia e ela não for assimilada pelo ouvinte, não houve comunicação. Por isso, somente para ilustrar, os grandes sucessos na televisão são de programas que *falam* para um público específico. É certo que um mesmo programa não atingirá a todas as camadas sociais existentes no Brasil. Sendo assim, o artista tem que saber para quem está se dirigindo, pois assim escolherá o nível de linguagem adequado e conseguirá prender a atenção do telespectador.

Segundo Martins e Zilberknop (2004), a comunicação se dá por meio de um processo que contém elementos importantes para a realização dela.

■ **Fonte:** de onde parte a mensagem.

Ex.: Pedro não tem computador. Por isso, ele pediu que João escrevesse um *e-mail* para Maria, em seu nome, para dizer que a ama. Maria leu o *e-mail*.

No caso acima, Pedro é a fonte, pois a mensagem partiu dele.

■ **Emissor:** é quem transmite a mensagem.

Ex.: Pedro não tem computador. Por isso, ele pediu que João escrevesse um *e-mail* para Maria, em seu nome, para dizer que a ama.

No caso acima, João é o emissor, uma vez que ele está passando a mensagem.

■ **Mensagem:** é a ideia que se quer transmitir.

Ex.: Pedro não tem computador. Por isso, ele pediu que João escrevesse um *e-mail* para Maria, em seu nome, para dizer que a ama.

No caso acima, a mensagem é “eu te amo”.

- **Canal:** é o meio pelo qual se passa a mensagem. Pode ser natural (meios sensoriais) ou tecnológico (todo e qualquer recurso que não use o corpo).
Ex.: Pedro não tem computador. Por isso, ele pediu que João escrevesse um *e-mail* para Maria, em seu nome, para dizer que a ama.

No caso acima, o canal é tecnológico.

Ex.: Pedro fez um coração no ar para Maria.

No caso acima, o canal é natural.

- **Código:** é um conjunto de sinais estruturados usados por uma comunidade linguística. Pode ser verbal (usa a palavra escrita ou falada) ou não-verbal (sinais, cores, desenhos, entre outros recursos).
Ex.: Pedro não tem computador. Por isso, ele pediu que João escrevesse um *e-mail* para Maria, em seu nome, para dizer que a ama.

No caso acima, o código é verbal, tendo em vista que a mensagem foi escrita.

Ex.: Pedro fez um coração no ar para Maria.

No caso acima, o código é não-verbal, pois a mensagem foi transmitida por meio de um sinal.

- **Receptor ou recebedor:** é aquele que recebe a mensagem e tem o importante papel de repassá-la, quando for o caso, para o destinatário.
Ex.: Pedro pediu para Joana dizer a Maria que a ama.

No caso acima, Joana é o receptor porque repassará a mensagem de Pedro para Maria.

- **Destinatário:** é a quem a mensagem se destina.
Ex.: Pedro pediu para Joana dizer a Maria que a ama.

No caso acima, Maria é o destinatário, pois a mensagem é para ela e não para Joana.

Fatores que podem atrapalhar a comunicação

Durante o processo comunicativo, precisamos garantir que o receptor está prestando atenção na mensagem para que ele a compreenda. Esse cuidado

deve ocorrer porque existem fatores que atrapalham a comunicação, como colocam Martins e Zilberknop (2004, p. 31):

- *ruído* – é qualquer intervenção que atrapalhe a transmissão de uma mensagem.
Ex.: Som alto, televisão ligada, roupas extravagantes.
- *entropia* – é uma mensagem desordenada, que não tem início nem fim. Muitas vezes não tem sentido.
Ex.: Pegar eu Maria.
- *redundância* – é a repetição da mesma mensagem com outras palavras. Ao mesmo tempo que ela tenta assegurar a compreensão da mensagem, pode passar também que o emissor não domina outro assunto ou não acredita na capacidade de compreensão de seu ouvinte.
Ex.: A abordagem da gramática faz-se necessária porque ela é importante para a construção de texto. Produzir textos implica em conhecer bem a sintaxe da língua. É necessário conhecer suas normas para a escritura de textos.

Qualidades de um bom texto

Tanto o texto oral quanto o escrito precisam ter algumas qualidades que garantam não somente a compreensão, mas a elegância. É possível uma produção escrita ser elegante? É claro que sim. Para garantir a harmonia do texto, precisamos nos atentar aos seguintes fenômenos:

- *aliteração* – repetição do mesmo som.
Ex.: O suave som de sua voz soa muito bem.
- *emenda de vogais* – na sequência frasal, se escolhermos palavras que terminam e começam com a mesma vogal, damos um tom deselegante ao texto.
Ex.: Ela a avisou do perigo.
- *cacofonia* – repetição de sons desagradáveis ou formação de palavras chulas na sequência frásica.
Ex.: A boca dela é muito bonita.
- *rima* – é a combinação sonora geralmente no final da palavra.
Ex.: O coração grandão do Pedrão ganhou o amorção de Maria.

- *repetição de palavras* – usar o mesmo termo no texto, sem substituí-lo, demonstra falta de vocabulário.

Ex.: Maria é uma boa aluna. Maria estuda todos os dias um pouco de cada conteúdo. Maria é bem-conceituada com os professores e Maria terá, certamente, um futuro brilhante.

- *excesso de que* – orações muito longas apresentam vários *que*, deixando o texto arrastado.

Ex.: Eu disse que gostaria que ela pedisse seu presente logo e que isso iria facilitar a vida dele.

É preciso tomar cuidado com a pontuação e com a ordem das palavras na frase, pois se esses recursos são mal empregados, eles comprometem a compreensão da frase. Muitas vezes escrevemos *difícil* para mostrarmos que dominamos a língua. Entretanto, para que o receptor entenda a mensagem, precisamos escrever da forma mais simples e clara. *Clareza* é a segunda qualidade de um bom texto. Colocaremos alguns exemplos de frases não claras.

Ex.: Não absolves? Não absolvo.

Não absolves? Não! Absolvo. (mudança de sentido)

Indicamos pílulas calmas para pessoas.

Contratamos garotas para cuidar de criança de boa aparência.

Um texto claro no mundo de hoje é tão importante quanto um texto conciso. *Concisão* é outra qualidade de um bom texto. Como se sabe, as informações atualmente são rápidas e mudam constantemente. O uso da internet, do celular, dos jornais por grande parte dos falantes nativos faz com que textos objetivos sejam lidos. Não temos mais tempo para ficarmos lendo textos emproados, com informações desnecessárias e falsas. Por isso, quanto mais objetivo e verdadeiro for o texto nos dados que fornece, mais leitores ele terá. Abaixo segue um exemplo de um texto não conciso.

Ex.: Estudar, como já se sabe, exige muita disciplina e determinação. Todos têm consciência que muitas horas de sono serão sacrificadas, bem como o tempo com a família. No entanto, o mundo atual, cheio de informações rápidas, pede uma qualificação cada vez maior e mais abrangente por parte de todos. Isso, com toda a certeza, só se alcança através do conhecimento. Cabe, então, com muita seriedade e estudo, buscar esse diferencial para ser, sempre, uma pessoa com chances no mercado de trabalho.

Deixando esse texto mais conciso, ele ficaria assim.

Ex.: Estudar exige muita disciplina e determinação. Todos têm consciência que muitas horas de sono serão sacrificadas, bem como o tempo com a família. No entanto, o mundo atual pede uma qualificação cada vez maior e mais abrangente por parte de todos. Isso só se alcança através do conhecimento. Cabe, então, com muita seriedade e estudo, buscar esse diferencial para ser uma pessoa com chances no mercado de trabalho.

Funções da linguagem

No processo comunicativo, utilizamos a nossa linguagem com funções pre-determinadas. Ninguém conversa sem ter um objetivo; nós queremos que um dos seis elementos da comunicação seja evidenciado na nossa fala. Por isso, temos seis funções da linguagem. De acordo com Martins e Zilberknop (2004, p. 35-36), são elas:

Função referencial (ou denotativa ou cognitiva)

Aponta para o sentido real dos seres e coisas.

Por que a Lua fica amarelada de vez em quando?

(FRANCO, 2005)

O fenômeno é ocasionado pela dispersão da luz. Como a Lua não tem luz própria, ela reflete a luz do Sol, que é branca – resultado da soma de todas as cores. Quando atravessa a atmosfera do nosso planeta, a luz refletida pela Lua se dissipa pelo ar. Em contato com as moléculas dos gases que compõem o ar (oxigênio, nitrogênio e hidrogênio), algumas cores, como o violeta, o azul e o verde, podem se dispersar a ponto de se tornarem imperceptíveis. É o que acontece quando a Lua está mais próxima do horizonte – ao amanhecer ou anoitecer. “Nesses momentos, a luz penetra a parte da atmosfera mais próxima do chão e, para isso, tem de atravessar uma camada mais densa de ar. Nesse processo, perde boa parte de suas cores azul e verde. Sobram muito amarelo, laranja e vermelho. A mistura dessas cores é que dá o tom amarelado”, diz Luiz Nunes de Oliveira, professor do Instituto de Física de São Paulo (USP).

Quando está bem no alto do céu, a luz refletida pela Lua conserva a cor original, que é o branco. Isso porque o ar é mais rarefeito em altitudes elevadas, fazendo com que a perda das tonalidades luminosas verde, azul e violeta seja pequena.

No texto anterior, Lua é um satélite natural da Terra. Não tem nenhum sentido figurado, apenas o sentido denotativo.

Função emotiva (ou expressiva)

Centra-se no sujeito emissor e tenta suscitar a impressão de um sentimento verdadeiro ou simulado.

Confissão

Eduardo Lages/Paulo Sérgio Valle

Eu só queria saber de você

E se você vive mesmo sem mim

Pois eu ainda não te esqueci

Em cada amor eu procuro você [...]

Função conativa (ou apelativa ou imperativa)

Centra-se no sujeito receptor e é eminentemente persuasória.

Propaganda dos relógios Citizen

[...] Mude de atitude. De bateria não.

Young Eco-drive

Dispensa troca de bateria [...]

Na propaganda anterior, vimos que o objetivo é fazer com que o receptor deixe de fazer algo que ele fazia para ter um relógio mais moderno.

Função fática (ou de contato)

Visa a estabelecer, prolongar ou interromper a comunicação e serve para testar a eficiência do canal.

Alô, alô, marciano

Rita Lee/Roberto de Carvalho

Alô, alô, marciano

Aqui quem fala é da Terra

Pra variar estamos em guerra

Você não imagina a loucura

O ser humano tá na maior fissura porque

Tá cada vez mais *down* o *high society* [...]

O termo alô tenta iniciar uma conversa, por isso ela testa o canal (neste caso, rádio ou telefone) em que se dá o processo comunicativo.

Função metalinguística

É a língua falando da própria língua. Serve para transmitir ao receptor reflexões sobre a língua.

O que é saber amar

Guilherme Arantes

[...] O seu olhar em mim

é a janela pro futuro

e o melhor presente que eu pude ganhar:

O que é saber amar.

O que é saber amar

senão um caminho pra crescer
nunca descuidar
que o outro também cresça por você.

Nessa canção, o autor define o que é saber amar usando outras palavras da língua para explicar um sentimento, uma atitude.

Função poética

Centra-se na mensagem. Predomina a conotação e o subjetivismo.

Amar

Carlos Drummond de Andrade

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados amar?
Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia? [...]

A preocupação de Carlos Drummond de Andrade nesse poema é com a mensagem. Ele só deseja passar para as pessoas a importância de se amar nesta vida.

Todos esses aspectos são importantes para que tenhamos a importância do quanto a nossa língua é rica no momento em que a estamos usando.

Atividades

Identifique, na situação abaixo, os elementos do processo comunicativo:

1. Pedro mandou um bilhete para Maria dizendo que quer sair com ela. Joana recebeu o bilhete e entregou-o para ela.

Fonte

Emissor

Canal

Código

Mensagem

Receptor ou recebedor

Destinatário

2. Identifique que tipo de função predomina nos textos abaixo:

a)

Não quero dinheiro

Tim Maia

Vou pedir pra você ficar

Vou pedir pra você voltar

Eu te amo

Eu te quero bem

b) Vá buscar o carro para mim!

c) Você está bem, não é?

d) O barão do aço está cansado.

Benjamin Steinbruch está preparando seu afastamento da presidência da CSN. Ficar, contudo, na presidência do conselho de administração, traçando a estratégia da siderúrgica. Não vai parar de mandar (nem isso é de seu estilo), mas deixa o dia-a-dia para um executivo mandar. *Veja*, 1.º de fev. 2006.

e)

Ismália

Alphonsus de Guimaraens

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.
No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar... [...]

f) Linguística é a ciência que estuda a linguagem verbal humana.

Dica de estudo

Um bom livro para ler é:

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1997.

Esse livro trata da variação linguística, mas é importante ver como as funções da linguagem estão em diferentes partes do texto. Os personagens, no desenrolar da trama, utilizam a língua para diferentes objetivos. Vale a pena conferir!

Autoavaliação

1. Identifique, nas passagens abaixo, os elementos que prejudicam a qualidade do texto:
 - a) Maria chamou Joana para sair. Ela *a* avistou na saída da escola e ficou feliz de ter tido o ótimo *insight* de chamá-la para sair.
 - b) Maria queria *saias para meninas rosas*.
 - c) Pedro, todos os dias, na saída da escola, como de costume, chama Maria para conversar. Ela, muito feliz e apaixonada, escuta, diariamente, encantada, sua fala sem sentido, mas cheia, como todos sabem, de segundas intenções.
 - d) Maria viu Pedro saindo com Joana quando *ela tinha* combinado o contrário.
 - e) O pai de Pedro pediu ao menino *para ele parar em casa e pegar os livros*.
2. Identifique, nas situações abaixo, os elementos do processo comunicativo.
 - a) Pedro pediu para Joana falar para Maria esperá-lo no final do corredor.
 - b) João escreveu um *e-mail* para Maria dizendo que Pedro pedia que ela o esperasse no final do corredor. Maria leu o *e-mail*.
 - c) João escreveu um *e-mail* para Maria dizendo que Pedro pedia que ela o esperasse no final do corredor. Joana leu o *e-mail* e falou para Maria.



Variação linguística e os níveis de linguagem

É impressionante como a língua escrita assumiu um papel importante e com caráter oficial na sociedade moderna. Quase não há mais avaliações orais, nem nas escolas, nem em concursos públicos. Sempre que é necessário selecionar alguém, ainda que se faça entrevista, o peso maior fica por conta da produção escrita.

Parece que o homem esqueceu que a língua oral é mais antiga e universal. Primeiro o homem falou, nos primórdios da civilização, depois escreveu. O mesmo acontece com as crianças: primeiro elas pronunciam palavras para depois transformá-las em texto. Também sabemos que existem muitos povos que só tem a comunicação oral e nenhum registro escrito. Existe, na Linguística¹, um princípio que se chama *prioridade da língua oral sobre a escrita*, que defende exatamente tudo isso.

Acreditamos, porém, que não é questão de uma ser mais importante do que outra, mas de igual valorização para os dois tipos de comunicação verbal. Tanto a fala quanto a escrita têm papéis relevantes em nossas vidas. Em certas ocasiões, a comunicação oral é mais valorizada, como, por exemplo, nas nossas situações diárias. Ninguém escreve uma carta para pedir café para a mãe. Em outros casos ocorre justamente o contrário; por causa da grande quantidade de *e-mails*, *MSN*, *Orkut* e assim por diante, escrever tornou-se necessário para a vida moderna. O que importa aqui é dominar ambas (oral e escrita) e saber usá-las nos momentos adequados.

Diferença entre a língua oral e a escrita

Tendo isso em vista, precisamos saber qual é a real diferença entre elas.

¹ A Linguística definiu-se, com bastante sucesso entre as Ciências Humanas, como o estudo científico que visa a descrever ou a explicar a linguagem verbal humana (ORLANDI, 1999).

Língua oral

A língua oral tem as seguintes características abaixo.

- *Língua não-padrão*: quando conversamos, o registro é de linguagem não-padrão, ou seja, aquele que não está de acordo com as normas gramaticais.
Ex.: Muitas vezes tu não pega o livro para ler.
- *Linguagem corporal*: é muito comum usarmos o nosso corpo para ajudar o processo de comunicação. Às vezes, um gesto ou um olhar expressa nossa ideia.
Ex.: Maria ficou com uma colocação feita por Joana e fez um sinal para Pedro, dizendo que ela estava louca.
- *Intervenção do receptor*: no processo comunicativo oral, o ouvinte pode nos interromper para pedir que expliquemos melhor a nossa mensagem, para opinar, para nos corrigir, ou para sugerir outro assunto.
Ex.: Maria e Pedro conversam. Ela, repentinamente, diz:
– Eu não quero te ver mais! E ele coloca:
– Eu não ouvi direito. O que foi?
- *Contexto situacional*: durante uma conversa, podemos fazer referência a algo externo ao assunto, mas que faz parte do contexto daquele momento.
Ex.: Maria e Pedro conversam sobre a escola. Neste momento, passa Joana com uma roupa espalhafatosa. A amiga de Pedro faz um comentário sobre aquela cena.

Língua escrita

Já a comunicação escrita tem as características a seguir.

- *Língua padrão*: o registro escrito não admite o uso de língua não-padrão. Quando escrevemos devemos usar a língua de acordo com as normas gramaticais, uma vez que fica no papel o nosso texto.
Ex.: Muitas vezes tu não pegas o livro para ler.
- *Contextualização*: tendo em vista que emissor e receptor estão longe um do outro, torna-se necessário que o autor do texto descreva o contexto e só saia dele quando especificar um outro.
Ex.: Em um livro de romance, o cenário da história.

- **Adequação do texto ao leitor:** o leitor não tem como interagir com o escritor, por isso deve haver um direcionamento do que se escreve para quem se lê. Isso diz respeito não somente ao assunto, mas também à adequação da linguagem. Se isso não for observado, corremos o risco de não nos comunicarmos por meio do texto produzido.

Ex.: Se o livro for direcionado a professores, usar assuntos de cunho pedagógico e linguagem técnica referente ao sistema educacional.

Variação linguística: uma realidade mundial

Na busca da perfeição linguística, acabamos radicalizando e assumimos uma postura preconceituosa diante das várias formas de expressão da Língua Portuguesa no Brasil. Quando se trata de texto escrito é fácil ter uma uniformização, pois usamos a língua padrão que se encontra nas gramáticas. Mas o que acontece quando falamos? É muito interessante ver como somos resistentes em aceitar outras variantes da língua materna². Não nos damos conta de que moramos em um país muito grande e que, por isso, a língua falada terá variações de região para região. A tendência é acharmos que uma língua é mais certa ou mais difícil do que outra. Isso, porém, não é verdade. Todas as línguas foram feitas para atender às necessidades dos falantes. Se no Sul do Brasil existe um grande cuidado na nomeação de cada parte do boi, comida preferida dos gaúchos; no Nordeste esse cuidado é para o peixe, alimento mais consumido por lá. Isso não quer dizer que uma região esteja mais correta do que outra, apenas têm realidades diferentes.

Fatores que fazem a língua variar

A língua sofre alterações por vários motivos. Abaixo seguem os principais.

- **Aspectos geográficos:** conforme a região, a língua sofrerá alteração. Essa mudança pode ser na gramática, no significado das palavras ou nos sons. Não podemos esquecer que dentro de um estado isso também ocorre. Seguem os exemplos.

Ex.: a palavra coração é pronunciada *coração*, no sul do Brasil e *córação* no nordeste.

A palavra porta é pronunciada *porta* no centro de São Paulo e *poRta* (com *r forte*) no interior.

² O termo "língua materna", neste texto, refere-se à Língua Portuguesa e é uma expressão usada na Linguística.

Em todo o Brasil, o doce *brigadeiro* recebe esse nome, porém, no Rio Grande do Sul, ele é chamado de *negrinho*.

- *Aspectos socioeconômicos*: o acesso à cultura e ao estudo também influencia na forma da língua. Pessoas que leem costumam estruturar as sentenças de modo mais próximo à língua padrão e ter um número maior de palavras no vocabulário. Isso não significa que a linguagem de pessoas menos cultas é pior, ela só é diferente, uma vez que atende as necessidades específicas do falante.

Ex.: Músicas do *funk* e *hip-hop* retratam uma realidade diferente da classe média. Por isso, para entendê-las, precisamos conhecer o contexto.

Castelo de madeira

A Família

[...] Rumo ao centro calos nas mãos multidões

Toda essa rebeldia reforça os refrões

Talvez você não saiba do herói que vive a guerra

Com uma marmita fria sem mistura eu sou favela. [...]

- *Idade*: sem dúvida, a experiência acumulada pelos anos de vida faz com que a língua se altere. Isso ocorre porque as necessidades, o conhecimento de mundo e outros fatores sejam diferentes. Não se pode esperar que alguém que esteja na adolescência fale como uma criança de seis anos ou como um adulto de 30 anos. Para cada fase da vida temos expressões diferentes, conforme as músicas a seguir:

Adoleta

Kelly Key

[...] 17 anos pré-vestibular,

tá me enchendo o saco,

tem que estudar.

Já tive essa idade sei como é que é,

mas tu tá lidando com uma mulher.

Vê se me obedece,
tem que respeitar,
você é gatinho mais assim não dá.
Quero atitude, quero atenção
tem que dar valor ao que tu tem na mão.

Codinome beija-flor

Cazuza

[...] Pra que usar de tanta educação,
Pra destilar terceiras intenções,
Desperdiçando o meu mel
Devagarzinho, flor em flor
Entre os meus inimigos, beija-flor [...]

- *Sexo, etnia, grupos sociais*: pode parecer estranho para alguns, mas esses fatores fazem com que a língua tenha características próprias. Há diferença entre a linguagem do homem e da mulher, pois as necessidades e realidades são diferentes; as revistas destinadas a esses públicos comprovam isso. Também as várias etnias influenciam na variação linguística. Os próprios cultos religiosos têm termos específicos e conhecidos por aquelas etnias. Por fim temos os grupos sociais. Atualmente, temos várias tribos: *skatistas*, *surfistas*, *punks*, *grafiteiros*, *rappers*, *roqueiros* e tantos outros. Cada um deles tem os seus termos e organização próprios, como se podem ver nos exemplos abaixo:

Qual é?

Marcelo D2

[...] Então vem, devagar no miudinho
Então vem, chega devagar no sapatinho

Malandro que sou não vou vacilar
Sou o que sou e ninguém vai me mudar
Porque eu tenho um escudo contra o vacilão
Papel e caneta e um beck na minha mão
E é isso é que é preciso
Coragem e humildade
Atitude certa na hora da verdade
E o que você precisa para evoluir
Me diz o que você precisa pra sair daí
O samba é o som e o Brasil é o lugar
O incomodado que se mude, eu tô aqui pra incomodar
Ô de que lado você samba? Você samba de que lado?
Na hora que o coro come é melhor tá preparado
E lembrando do Chico comecei a pensar,
que eu me organizando posso desorganizar.[...]

Os níveis de linguagem

Como vimos até agora, a língua muda por diversos motivos. Sendo assim, ela assume diferentes níveis de linguagem. Segundo Martins e Zilberknop (2004, p. 37-38), são estes os registros que temos:

- *língua culta* – é o nível que respeita as normas gramaticais.
Ex.: Comprei quinhentos gramas de queijo e quatrocentos gramas de presunto.
- *língua coloquial* – é o nível de linguagem em que ocorrem erros normativos gramaticais aceitáveis para o falante nativo.
Ex.: Comprei quinhentas gramas de queijo e quatrocentas gramas de presunto.

- *língua vulgar ou inculta* – é o nível em que ocorrem grandes desvios gramaticais, não aceitáveis para o falante nativo de determinadas estratificações sociais.

Ex.: A muié não comprou as flaldas das criança.

- *língua regional* – é o nível de linguagem em que ocorrem expressões e aspectos gramaticais próprios de uma determinada região.

Ex.: Axé, meu povo!

- *língua grupal* – é o nível de linguagem que pertence a grupos fechados. Divide-se em técnica e grupal.

- *língua técnica* – pertence a áreas de estudo. Só é compreendida por aqueles que estudaram os termos.

Ex.: [...] entrementes seria de bom alvitre saber o momento em que as digladiantes ficaram pávidas, se o foi no dealbar da titônia ornamentada de rosiclères ou se foi no obumbrar vespertino, com ou sem arrimos oculares ou percepções alheias. [...] (FLÔRES; SILVA, 2005).

- *gíria*: é própria de tribos existentes na sociedade, como, por exemplo, os surfistas, os *skatistas*, os *funkeiros* e assim por diante.

Ex.: Termos como *vazar* = ir embora; *tá ligado* = está prestando atenção; *fora da casinha* = louco; *pouco preço* = pobre, fazem parte da linguagem desses grupos.

Cabe ressaltar que nenhum desses níveis estão errados, basta que eles sejam usados na comunidade linguística³ adequada. O importante não é julgar o registro usado pelo falante, mas perceber se ele está sendo usado com o grupo que compreende o nível. Tudo que foi visto até aqui serve para mostrar como a nossa língua está organizada, pois somente assim o leitor entenderá o que é necessário para que elaborem textos comunicativos.

As relações entre fala e texto escrito

Quando escrevemos, temos a tendência de usar a mesma linguagem e forma da linguagem oral. O que nos leva a fazer isso é a grande dificuldade que temos em passar para um papel a nossa mensagem de forma clara. Ao escrevermos, tomamos algumas atitudes, como as que seguem:

³ A expressão “comunidade linguística” refere-se a um grupo de pessoas que utilizam o mesmo código.

Movimento de autoria

Em textos científicos, desde a escola, temos a tendência de copiarmos literalmente os autores. E por que fazemos isso? Porque temos medo de elaborar um texto próprio, sempre achamos que é muito melhor o texto dos outros, principalmente quando eles são autores consagrados.

Tecnologia da escrita e letramento

A escrita deve ser uma prática constante em nossas vidas. Devemos ler e escrever não porque nos mandam, mas porque queremos aprender e nos entreter. Porém, precisamos saber escrever bem porque é importante ter a consciência de que algumas profissões exigem mais a oralidade do que a escrita e outras, o contrário. Todos usam a escrita de acordo com a necessidade que possuem.

Eventos comunicativos e gêneros conversacionais

A fala e a escrita surgem em momentos diferentes em nossas vidas, e os textos variam de gênero conforme a distribuição dos papéis da fala e da escrita na rotina do falante nativo.

Legibilidade, gêneros e tipos textuais

Temos facilidade para entender textos que são da nossa área de estudo. O fato de falarmos português não significa que entenderemos todos os textos em Língua Portuguesa. É muito difícil para alguém que não é do ramo da Educação compreender termos como *Piaget*, *didática* e *educação intercultural*. As palavras *intervenção de terceiros*, *liticonsórcio* e *data venia* causam estranheza para falantes que não são do Direito. Assim acontece com todas as áreas do conhecimento.

Atividades

1. Dê exemplos de cada um dos níveis de linguagem.

2. Por que a língua varia?

3. Como deve se portar o falante diante da variação linguística?

Dicas de estudo

O conteúdo dessa aula pode ser visto no filme *Cidade de Deus* (direção de Fernando Meirelles – Brasil, 2002 – Lumière/Miramax Films) porque ele mostra a linguagem de um grupo social específico, com todas as suas construções gramaticais e gírias.

FLORES, Onici Claro; SILVA, Rosara Rossetto da. **Da Oralidade à Escrita**: uma busca da mediação multicultural e plurilinguística. Canoas: Editora da Ulbra, 2005.

O livro acima trata das relações entre fala e escrita. Tem boa parte do conteúdo trabalhado aqui com excelente explicação.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **O Que é Linguística**. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos).

Este é um livro específico da área da Linguística, ciência que embasa todas as teorias modernas acerca do estudo da língua. Ele é bastante acessível devido à linguagem e à forma como coloca o conteúdo.

Autoavaliação

1. Diga que nível de linguagem predomina nos textos abaixo:

a)

Medo de virar galeto

Bezerra da Silva

Olha que o coro tá comendo o bicho tá pegando,
os governantes não se entendem o negócio tá preto
e urubu não vem na terra pra pegar seu rango,
porque tá com medo de virar galeto [...]

b)

Canto alegretense

Antônio Fagundes/Bagre Fagundes

Não me perguntes onde fica o Alegrete,
segue o rumo do teu próprio coração
Cruzarás pela estrada algum ginete e
ouvirás toque de gaita e de violão.
Pra quem chega de Rosário ao fim da tarde
ou quem vem de Uruguaiana de manhã
tem o sol como uma brasa que ainda arde,
mergulhado no rio Ibirapuitã. [...]



Coesão

A diferença entre frase, oração e período

Quando usamos a nossa língua, produzimos textos compostos de frases, orações e períodos. Os falantes não sabem, porém, qual é a diferença existente entre esses termos. Talvez seja interessante saber o que é cada um no texto.

Frase

- *Frase* é qualquer enunciado que tenha sentido. Não há necessidade de ter verbo, basta que comunique ao ouvinte.

Ex.: Adeus!

Parabéns!

Ela mora aqui.

Nós podemos classificar as frases, segundo Mesquita (1999), de acordo com o núcleo existente em cada uma, conforme abaixo.

- *Frases nominais*: o núcleo desse tipo de frase é um nome, pois tem uma visão estática da realidade. Sendo assim, os verbos que aparecem nesse tipo de frase não são de movimento nem de ação.

Ex.: Maria está feliz!

Maria continua feliz!

- *Frases verbais*: são aquelas que têm como núcleo o verbo.

Ex.: Faça o dever de casa agora!

Termine suas tarefas já!

Além da classificação por núcleo, podemos dividi-las ainda por sentido. Nessa forma de classificação, temos os seguintes tipos:

- *Frases declarativas*: o emissor declara algo de alguém ou alguma coisa.

Ex.: Maria comprou muitos livros.

- *Frases interrogativas*: o emissor pergunta sobre algo ou alguma coisa.
Ex.: O que Maria está comprando?
- *Frases exclamativas*: o emissor exclama sobre algo ou alguma coisa, mostrando sua emotividade.
Ex.: Como Maria compra livros!
- *Frases imperativas*: o emissor comunica uma ordem, desejo, pedido, súplica, ou seja, usa o verbo no imperativo.
Ex.: Maria, compre esses livros agora.

Oração

Quando nós temos um enunciado que comunica e tem um verbo, então nós temos uma *oração*. Toda oração é uma frase, mas nem toda frase é uma oração, portanto tem que cuidar para não generalizar.

Ex.: Precisamos estudar para a prova!

Período

É a frase constituída de oração ou orações.

Período simples:

Ex.: Chega o amanhecer.

Período composto:

Ex.: Precisamos estudar para a prova *porque* ela estará difícil.

Qual é a relação dos conceitos acima vistos com o texto? Ao elaborarmos um texto, usamos frases, orações e períodos. É importante que se saiba como é e como funciona cada uma delas para que se obtenha um processo comunicativo de qualidade. Vale lembrar também que há o período simples, que é constituído de apenas uma oração.

O que é texto e textualidade

Os conceitos para texto são vários, mas ficaremos com o de Stammerjohann (*apud* FÁVERO; KOCH, 1988):

O termo *texto* abrange tanto textos orais como textos escritos, que tenham como extensão mínima dois signos linguísticos¹, um dos quais, porém, pode ser suprido pela situação, no caso de textos de uma só palavra, como “Socorro!”, sendo sua extensão máxima indeterminada.

Sendo assim, podemos ver que qualquer sequência linguística coesiva e coerente é um texto. Existem vários fatores que fazem deste um texto e não uma sequência solta de palavras. Chamamos de *textualidade* o conjunto desses fatores. O foco deste capítulo é a coesão, que ajuda a formar um texto coesivo. Por *coesão* entendemos as relações entre as partes de um texto. Ela é concreta, pois os mecanismos aparecem no texto. Veja o exemplo a seguir:

Ex.: Maria é amiga de Joana e Pedro. Maria estuda na Escola Estadual Conhecimento junto com Joana e Pedro. Maria estuda muito. Joana e Pedro não estudam muito. Maria passará para a série seguinte. Joana e Pedro ainda não sabem se passarão para a série seguinte.

O exemplo acima mostra um texto sem os mecanismos de coesão. O falante nativo percebe que não há relação entre as partes do texto (nesse exemplo, orações. No entanto, quando se fala de partes, podemos entender como a ligação entre as orações, parágrafos, capítulos e outras). O texto está truncado, não existe fluência. Vamos usar alguns mecanismos coesivos para unir as partes.

Ex.: Maria é amiga de Joana e Pedro. Eles estudam na Escola Estadual Conhecimento. A menina estuda muito, mas os colegas não. Sendo assim, a garota passará para a série seguinte, enquanto eles ainda não sabem se isso ocorrerá.

Com o uso de substituições e articuladores o texto ficou mais fluente e comunicativo.

Mecanismos de coesão

Referência

Segundo Koch (2003, p. 19), são elementos de *referência* os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação.

Ex.: *Maria* ajuda a mãe com as tarefas domésticas. *Ela* é muito prestativa e *suas* atitudes a levarão longe.

¹ Signo linguístico é um conjunto de significado e significante. O significado é o conceito e o significante é a imagem acústica que esse conceito produz. Ao falarmos *casa*, em nossa mente virá um desenho de casa, tendo em vista o conceito que temos dela.

No exemplo anterior, escolhemos os pronomes pessoais e possessivos para nos referir a Maria. A referência pode ser pessoal (efetuada por meio de pronomes pessoais e possessivos), demonstrativa (realizada por meio de pronomes demonstrativos e advérbios de lugar) e comparativa (feita por meio de identidades e similaridades).

Substituição

Segundo Halliday e Hasan (1976), a substituição consiste na colocação de um item em lugar de outro(s) elemento(s) do texto, podendo ser também a substituição de uma oração inteira.

Ex.: Maria *ajuda a mãe com as tarefas de casa*. Joana *também*.

No exemplo acima, a palavra *também* substituiu toda a oração anterior (*ajuda a mãe com as tarefas de casa*). Não podemos confundir referência com substituição, pois aquela equivale semanticamente ao termo referido; esta substitui sem necessidade de ser igual no significado, apenas pode equivaler.

Elipse

Segundo Koch (2003, p. 21), *elipse* seria, uma substituição por zero: omite-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado facilmente recuperáveis pelo contexto.

Ex.: Maria pergunta para Pedro:

– Tu conheces Joana?

Pedro responde.

– Conheço.

Nesse caso, é pelo contexto que entendemos a resposta de Pedro. Sem a pergunta, ficaria difícil saber sobre o que ele está falando. O verbo *conhecer* carrega todo o sentido existente na pergunta de Maria.

Articuladores

São palavras que estabelecem relações entre as partes do texto. Na Língua Portuguesa, as conjunções fazem o papel de articular o texto estabelecendo re-

lações de sentido entre as orações. Elas se dividem em conjuntivas e subordinativas. Segue um quadro para lembrá-las:

Conjunções coordenativas

Tipo/sentido/função	Conjunções	Locuções conjuntivas	Exemplos
<i>Aditiva</i> Estabelece relação de soma.	E, nem	Não só... mas também	Maria estuda na Escola Estadual Conhecimento e Pedro também. <i>Não só</i> Maria estuda na Escola Conhecimento <i>mas também</i> Pedro.
<i>Adversativa</i> Estabelece relação de oposição, de contraste.	Mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão	No entanto, não obstante	Maria é muito estudiosa, <i>mas</i> foi mal na prova. Pedro não estuda muito; <i>no entanto</i> , foi bem na prova.
<i>Alternativa</i> Estabelece relação de exclusão, alternância, de escolha por um ou por outro.	Ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja		<i>Ou</i> Maria vai à praça <i>ou</i> ela estuda.
<i>Conclusiva</i> Estabelece relação de conclusão do que foi anteriormente colocado.	Assim, logo, pois (após o verbo), portanto	Por isso, por conseguinte	Maria estudou muito para a prova, <i>logo</i> foi bem.
<i>Explicativa</i> Estabelece relação de explicação para o fato anteriormente colocado.	Que (= porque), pois (antes do verbo), porque, porquanto		Maria foi bem na prova <i>porque</i> estudou.

Conjunções subordinativas

Tipo/sentido/ função	Conjunções	Locuções conjuntivas	Exemplos
<i>Condicional</i> Estabelece relação de condição.	Se, caso	Contanto que, desde que, a menos que, a não ser que	Se Maria não estudar, ela irá mal na prova.
<i>Causal</i> Estabelece relação de causa.	Porque, como, que	Uma vez que, já que, visto que, desde que	Já que Maria foi mal na prova, ela pegará exames.
<i>Comparativa</i> Estabelece relação de comparação.	Como, que, qual	Mais (do) que, menos (do) que, assim como, tão... quanto, tanto... quanto	Maria é <i>mais</i> estudiosa do que Pedro.
<i>Concessiva</i> Estabelece relação de concessão, cedência.	Embora, conquanto	Ainda que, mesmo que, apesar de que	<i>Embora</i> Maria tenha estudado para a prova, ela foi mal.
<i>Conformativa</i> Estabelece relação de conformidade, de acordo com alguém.	Como, conforme, consoante, segundo	De acordo com	<i>Segundo</i> a professora de Maria, ela é boa aluna.
<i>Integrante</i> Estabelece relação de substantivo.	Que, se		Maria disse <i>que</i> foi mal na prova.
<i>Final</i> Estabelece relação de finalidade.	Porque (= para que), que (= para que)	Para que, a fim de que	Maria estudará <i>para que</i> tenha uma nota melhor na próxima avaliação.
<i>Consecutiva</i> Estabelece relação de consequência.	Que (depois de tal, tanto, tão, tamanho)	De modo que, de forma que, de sorte que	Maria está <i>tão</i> triste com a nota que não quis passear.
<i>Proporcional</i> Estabelece relação de proporção.		À proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais (menos)	<i>À medida que</i> o tempo passava, Maria perdia a concentração na prova.
<i>Temporal</i> Estabelece relação de tempo.	Quando, mal, apenas, enquanto	Logo que, assim que, antes que, depois que, desde que	<i>Quando</i> Maria terminou a prova, só havia ela em sala de aula.

Coesão lexical

Segundo Koch (2003, p. 22), a coesão lexical é obtida por meio de dois mecanismos: a *reiteração* e a *colocação*. O primeiro se faz por repetição do mesmo item lexical ou por meio de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos. O segundo, por sua vez, consiste no uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo.

Ex.: *Maria* ficou triste com *Pedro* porque *ele* não foi ao almoço em sua casa. *Ela* não sabia que o *garoto* estava doente.

Como se pode ver, usamos palavras que remetam ao termo que é referenciado.

Tipos de coesão

Temos, além dos mecanismos, os tipos de coesão.

Coesão referencial

Segundo Koch (2003, p. 31), coesão referencial é aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presente(s) ou inferíveis a partir do universo textual.

Ex.: *Maria* conheceu *Pedro* na escola. *Ela* ficou muito feliz por ter conhecido o *colega*. *Ele* é uma pessoa muito legal e a *garota* terá momentos bons ao lado *dele*.

Nesse tipo de coesão, falamos apenas dos elementos que são ou serão mencionados no texto; em outras palavras, trata-se da ligação relativa às palavras utilizadas na produção textual.

Coesão sequencial

Segundo Koch (2003, p. 53), a coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que faz o texto progredir.

Ex.: Maria tem boas notas em todas as disciplinas *porque* estuda muito. *Embora* tenha muitas atividades, ela sempre acha tempo para ler.

A coesão sequencial diz respeito às relações estabelecidas entre as partes de um texto. No exemplo acima, usamos as conjunções *porque* e *embora* para que se tivesse o sentido de explicação e concessão.

Entender e aplicar adequadamente esses mecanismos ajudará para que as produções textuais tenham uma melhor qualidade comunicativa. Ainda que, como falantes nativos, façamos isso naturalmente na fala, temos sérios problemas na escrita. Logo, é de suma importância a prática consciente dos recursos coesivos.

Atividades

1. Localize, no texto abaixo, os articuladores usados para a coesão sequencial.

Nasce o novo rádio

(SUZUKI, 2005)

E ele promete revolucionar a maneira de ouvir músicas, receber notícias e até falar com amigos.

Ao longo do século XX, o rádio realizou uma das maiores revoluções da história das telecomunicações – levou informação a quem não tinha, ditou modas, derrubou governos. Agora, ele pretende mudar tudo de novo. Graças às novas tecnologias, programas de rádio estão conquistando todos os espaços e aparelhos que se puder imaginar: celulares, *MP3 players*, televisões e até satélites. Tudo isso com a promessa de um som perfeito, músicas sempre interessantes, opiniões que combinam com a sua e programas feitos só para você – sem chiados, sem jabás. As novas modalidades de rádio já ganharam milhões de adeptos por todo o mundo – até no Brasil. O problema são os formatos que precisam de um padrão, como as rádios digitais, por exemplo. Existem vários sistemas de transmissão e o governo deixou para as emissoras a tarefa de escolher o melhor – algumas estações até já começaram a fazer testes em São Paulo. A estimativa é que a completa digitalização da transmissão e recepção por aqui vá demorar ainda dez anos. Mas, como toda a revolução, ela chegará à sua casa.

Dicas de estudo

Uma boa dica é ler, mensalmente, a revista *Superinteressante*. Ela trata de diversos assuntos de maneira clara e comunicativa. Os textos são, linguisticamente, muito bem escritos. É uma boa forma para se interar de diferentes assuntos e ainda analisar como deve ser uma produção textual bem escrita.

FÁVERO, Leonor. L.; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística Textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1988.

Esse livro é recomendado para alunos que queiram entender sobre a linguística textual, na área da Linguística.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Rugaya. **Cohesion in English**. London: Logman, 1976.

É o livro que embasou todos os estudos sobre coesão. Ainda que seja fácil de se entender, é preciso que o leitor domine a língua inglesa.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A Coesão Textual**. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

Esse livro explica, com riqueza de detalhes e exemplos, todos os tópicos abordados neste capítulo, exceto a primeira parte.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Sarai-va, 1999.

É a gramática que trata da primeira parte deste capítulo. Aborda as questões da gramática de forma simples e clara, além de oferecer exercícios diversos.

Autoavaliação

1. Procure, no texto, as palavras que foram substituídas pelos termos em negrito.

Nasce o novo rádio

(SUZUKI, 2005)

E ele promete revolucionar a maneira de ouvir músicas, receber notícias e até falar com amigos.

Ao longo do século XX, o rádio realizou uma das maiores revoluções da história das telecomunicações – levou informação a quem não tinha, ditou modas, derrubou governos. Agora, **ele** pretende mudar tudo de novo. Graças às novas tecnologias, programas de rádio estão conquistando todos os espaços e aparelhos **que** se puder imaginar: celulares, *MP3 players*, televisões e até satélites. Tudo **isso** com a promessa de um som perfeito, músicas sempre interessantes, opiniões **que** combinam com a sua e programas feitos só para você – sem chiados, sem jabás. As novas modalidades de rádio já ganharam milhões de adeptos por todo o mundo – até no Brasil. O problema são os formatos que precisam de um padrão, como as rádios digitais, por exemplo. Existem vários sistemas de transmissão e o governo deixou para as emissoras a tarefa de escolher o melhor – algumas **estações** até já começaram a fazer testes em São Paulo. A estimativa é que a completa digitalização da transmissão e recepção por **aqui** vá demorar ainda dez anos. Mas, como toda a revolução, ela chegará à sua casa.



Coerência

No convívio diário com as pessoas, sempre falamos de atitudes coerentes. Não é difícil ouvir que fulano não foi coerente com os seus ideais ou que o texto não está coerente. Cabe, então, a pergunta: o que é coerência?

Muitas vezes, ouvimos um professor dizer que o cigarro faz mal para a saúde e, na hora do intervalo, ele vai para a sala dos professores fumar. Também há médicos que dizem para não comermos gorduras nem ingerirmos bebida alcoólica e, quando encontrados em uma festa, estão lá, fazendo exatamente o contrário do que disseram para fazermos. Existem pessoas que dizem “façam o que eu digo, mas não façam o que eu faço”, indicando que, certamente, atitudes incoerentes serão vistas pelos outros.

As situações acima mostram a incoerência. Entre o que se diz e o que se faz tem que haver uniformidade, a fim de que haja ligação entre postura ideológica e atos práticos. Há uma grande dificuldade, por parte do falante nativo, de aceitar a incoerência, uma vez que ele percebe o rompimento existente entre o discurso e as ações.

Sendo assim, *coerência é a relação entre as ideias do texto*. É abstrata, embora os elementos coesivos ajudem no processo. Muitas vezes, na fala, temos dificuldades de observá-la; na escrita, porém, ela é mais perceptível, como no exemplo a seguir.

Ex.: Maria vai ao médico toda semana para consulta. Ela tem uma saúde ótima.

É pouco provável que uma pessoa com saúde tenha que ir ao médico semanalmente para se consultar. Logo, notamos que não há relação entre as ideias apresentadas no período analisado.

Fatores de coerência

Existem fatores que ajudam a dar coerência ao texto. Segundo Koch (2002), esses podem ser de ordem linguística, discursiva, cognitiva, cultural e interacional. A seguir serão abordados alguns dos mais importantes.

Elementos linguísticos

Quando escrevemos um texto, temos que escolher campos semânticos e lexicais pertinentes ao assunto abordado. Não podemos discorrer sobre carros, por exemplo, e, no meio da produção ou no final, colocarmos palavras que se relacionam à produção textual. No todo textual, as palavras precisam estar relacionadas umas com as outras, respeitando uma ordem significativa.

Ex.: Pedro adora carros. Tudo que ele faz se direciona a esse *hobby*. Nos finais de semana, ele escreve textos sobre economia.

Pedro adora carros. Tudo que ele faz se direciona a esse *hobby*. Nos fins-de-semana, ele senta e escreve textos sobre o automobilismo.

Se Pedro gosta de carros, certamente ele escreverá sobre eles. É claro que, por se tratar de um hobby, ele poderia escrever sobre economia, área em que atua, mas, para que isso pudesse ser escrito, o autor teria que explicar. A mudança drástica de carros para economia não pode ser feita se ela, de alguma forma, não estiver mencionada no texto, com a finalidade de ser entendida pelo leitor.

Conhecimento de mundo

Esse conhecimento é adquirido com o passar dos anos e com as várias atividades e leituras que fazemos. É por meio dele que podemos entender as entrelinhas do texto. Tudo que vivenciamos é colocado em blocos, em modelos cognitivos. Há vários tipos de modelos, os mais conhecidos são, conforme Koch (2002):

- *frames* – conjuntos de conhecimentos guardados na memória sob um certo *rótulo*. Não há, necessariamente, uma ordenação entre eles.

Ex.: Cozinha (panela, fogão, geladeira, forno elétrico, garfo, faca, colher); Páscoa (Cristo, ovos de chocolate, coelhinho, domingo); carro (farol, banco traseiro, motorista, pneu, motor, bateria, radiador).

- *esquemas* – conjunto de conhecimentos guardados na memória em sequência temporal ou causal.

Ex.: Rotinas que tenham uma sequência, como horário de estudo, rotina de trabalho.

- *planos* – conjunto de conhecimentos acerca da maneira como agir para se atingir determinadas metas.

Ex.: Plano de ação das escolas e empresas, plano de governo.

- *scripts* – conjunto de conhecimentos acerca das maneiras de agir de modo estereotipado em determinadas culturas. Abrangem a linguagem, vestuário, posturas.

Ex.: Todos os ritos próprios de uma cultura.

- *superestruturas* ou *esquemas textuais* – conjunto de conhecimentos que dizem respeito à diversidade textual, que, ao longo dos anos, é adquirida.

Ex.: Narração, descrição, dissertação etc.

Todos esses modelos são acionados para que possamos compreender a mensagem de um texto. É facilmente observável em algumas situações, como as citadas a seguir:

- o falante que não viveu a ditadura militar e não estudou sobre ela tem dificuldades em compreender a mensagem transmitida nas letras de música daquela época, como as canções “Sem lenço, sem documento”; “Apesar de você”; “Pra não dizer que não falei das flores”; e outras tantas que foram feitas tendo como tema a situação política.
- charges que tratam de temas específicos como futebol, religião, política, também não conseguem atingir o leitor que não está informado sobre os fatos abordados. Uma das características da charge é resumir em frase e desenho uma situação atual muito ampla. É necessário que o leitor saiba tudo sobre assuntos recentes para que aprecie esse tipo de texto.
- o aspecto cultural também conta para a coerência do texto. É muito difícil entender um texto relacionado aos aspectos culturais de um povo se não conhecemos a cultura do país.

Conhecimento compartilhado

Para que o leitor entenda as novas informações, é preciso que o autor dê informações velhas, ou seja, dados que o leitor já conheça para poder entender aqueles que serão apresentados no texto. Quanto maior for o conhecimento comum entre receptor e emissor, melhor se dará o processo comunicativo, uma vez que não podemos ler um texto que contenha informações completamente novas. A fim de que possamos acessar modelos cognitivos, precisamos que toda informação velha venha com uma nova. A metalinguística ajuda em muito nesse processo, uma vez que usa palavras conhecidas da língua para explicar termos desconhecidos.

Ex.: Ossama, significado igual ao de *ossada*.

Uma vez que o falante não sabe o que é *ossama*, usou-se o seu sinônimo *ossada*, termo já conhecido do falante, para explicá-lo.

Inferência

De acordo com Koch (2002, p. 79), “inferência é a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não-explicita entre dois elementos deste texto que ele busca compreender e interpretar [...]”. Em outras palavras, inferir é *ler* uma mensagem que não está escrita no texto. Isso nós fazemos o tempo todo, tendo em vista que fica muito difícil colocar explicitamente todas as nossas ideias no papel. Além disso, o texto muito explicado, que não exige um esforço de compreensão por parte do receptor, torna-se enfadonho. Vejamos os exemplos a seguir:

Ex.: Pedro parou de brigar.

Inferências:

1. Pedro brigava antes.
2. Pedro não briga mais.

Ex.: Maria emagreceu porque parou de comer.

1. Maria era gorda.
2. Maria comia muito.
3. Maria não come demais agora.

Uma simples frase acarreta alguma inferência, como as que foram vistas acima.

Além dos fatores até aqui abordados que ajudam a manter a coerência do texto, temos ainda outros fatores colaboradores.

Fatores de contextualização

Na linguística textual, área da Linguística que trata do texto, há três momentos diferentes para estudo. De acordo com Bentes (2001, p. 247), são eles:

- *análise transfrástica* – o texto é estudado em nível de frase;
- *construção de gramáticas textuais* – o texto é estudado pela competência¹ textual do falante;

¹ Competência: termo usado na Linguística para descrever a capacidade que todo falante tem de produzir e entender frases em sua língua materna. Esse termo foi proposto por Noam Chomsky, linguista que revolucionou as teorias sobre a língua.

- *teorias do texto* – o contexto passa a contar no estudo do texto.

Exatamente por causa desse terceiro momento é que os fatores de contextualização são estudados. Eles influenciam na compreensão da mensagem. Sem o contexto, fica difícil entender a grande maioria do que é dito e escrito. A seguir, serão abordados alguns desses elementos que contribuem para a coerência textual através do contexto.

Situacionalidade

O texto deve ser adequado à situação em que será dito ou lido. Para garantir que ele será entendido, devemos ter em mente a situação em que será usado. Em uma palestra, por exemplo, precisamos adequar não somente o conteúdo, mas também o nível de linguagem. No meio acadêmico, dificilmente se aceita uma palestra em um nível que não seja o culto ou, pelo menos, um coloquial mais elaborado. Também não se admite que o convidado tenha pautado sua fala na Matemática para uma plateia composta por pessoas da área de Letras.

Informatividade

O texto será mais informativo e, conseqüentemente, mais atraente, se tiver um bom número de informações novas, baseadas nas velhas. Como já foi dito anteriormente, um texto com dados completamente inéditos exigirá para o receptor um grande esforço para que seja compreendido; sendo assim, ele terá uma grande propensão a desistir de lê-lo. O contrário também prejudica a qualidade do texto, ou seja, uma produção feita somente com informações velhas levará o leitor a se desinteressar por ela, uma vez que não exigirá esforço para entendimento da mensagem. O bom texto é aquele que tem uma boa dose de informações novas desenvolvidas por meio das velhas. Os próprios livros e capítulos, como este, buscam explicar novos termos e teorias à luz de dados já conhecidos pelo leitor.

Focalização

Um bom texto centra o foco em um assunto, aprofundando-o para que seja melhor compreendido. Com a modernidade da informação, temos de forma rápida e precisa acesso a um grande número de notícias e dados. Isso nos leva,

muitas vezes, a escrever pontuando vários assuntos em um texto. Dessa forma, perdemos o foco que, geralmente, carrega o objetivo que tínhamos em mente para produção daquele texto. Embora seja interessante termos um conhecimento vasto sobre tudo, devemos, entretanto, escolher apenas um assunto para tratarmos e, dentro desse tópico, apenas um foco. Caso contrário, o nosso receptor terá sérias dificuldades para entender a nossa mensagem.

Intertextualidade

Muitos autores escrevem textos tendo como base um outro texto. A compreensão do primeiro está intimamente ligada à leitura daquele que foi a fonte ou o ponto de partida. Para quem não conhece os livros de Shakespeare, por exemplo, não irá perceber que vários autores tiveram obras clássicas desse autor como base. Muitas novelas da televisão brasileira têm como núcleo central o amor entre duas pessoas pertencentes a famílias inimigas. Esse é o tema de *Romeu e Julieta*. Também *Othelo* foi utilizado por Machado de Assis no livro *Dom Casmurro* e, outra vez, o tema do livro é usado em filmes e novelas, uma vez que tratam de um ciúme doentio, sem razões aparentes para existir, alimentado por um vilão. Letras de música também fazem uso desse recurso. Caetano Veloso tem uma música intitulada “Enquanto seu lobo não vem”, numa clara referência à música que a personagem do conto *Chapeuzinho Vermelho* cantava enquanto ia para a casa da avó: vamos passear na floresta, enquanto seu Lobo não vem. Renato Russo, na música “Monte Castelo”, do grupo Legião Urbana, mesclou a epístola de São Paulo aos Coríntios com um soneto de Camões.

Intencionalidade e aceitabilidade

O autor de um texto sempre o escreve a fim de atingir certas metas. Para que se obtenha a compreensão da mensagem é necessário que o leitor perceba a intenção do autor e aceite-a. Isso porque é necessário que o emissor deixe pistas no texto de suas intenções e, ao receptor, o papel de detectá-las e apreendê-las.

Consistência e relevância

O leitor busca a leitura de textos que tenham relevância para a vida dele e consistência nos dados apresentados. Na correria diária, poucas pessoas podem se dar ao luxo de ler assuntos que fujam de seus interesses. Também fica difícil

escolher textos que não tragam dados consistentes ao que procuramos. Portanto, melhor será o texto que, focalizado em um assunto, traga ideias de fato verdadeiras em relação ao assunto tratado.

A coerência e as metarregras

A coerência de um texto, então, é garantida por quatro regras básicas. Ao finalizar um texto, devemos observar se todas foram contempladas. Essas metarregras, segundo Charolles (1978), dividem-se como descrito a seguir:

- *metarregra da repetição* – invoca o uso dos anafóricos para que o texto não repita palavras, termos, expressões ou ideias.
- *metarregra da progressão* – invoca o uso dos articuladores para que o texto não se repita indefinidamente, isto é, para que haja sempre acréscimo de informações.
- *metarregra da não-contradição* – invoca a obrigatoriedade da coerência das ideias, do tempo verbal e da pessoa do discurso, de forma que todos esses itens estejam presentes no texto sem nenhuma contradição.
- *metarregra da relação* – cada parte do texto, cada parágrafo que encerra, prepara o seguinte e este, por sua vez, retoma e amplia o que foi apresentado pelo anterior, garantindo assim a permanência no tema sem fuga do assunto.

Relação entre coerência e coesão

Para que um texto seja *coeso* é preciso que se utilize *anafóricos* e *articuladores*.

Anafóricos são palavras utilizadas para evitar a repetição no texto. Como a sua função é substituir outra palavra, os anafóricos sempre possuem um referente anterior.

Ex.: João comprou um carro. João estava realizado.

João comprou um carro. *Ele* estava realizado.

Ele (anafórico) – João (referente).

Articuladores são palavras utilizadas para ligarem ideias. Como as ideias, em geral, estão interligadas, os articuladores reforçam essa ligação através de um sentido. Existem dez possibilidades de sentido: *adição, oposição, comparação,*

causalidade, alternância, conclusão, condicionalidade, finalidade, temporalidade e conformidade. Os articuladores também são chamados de conjunções, conectivos ou nexos.

Ex.: As ruas estão alagadas. Choveu muito.

As ruas estão alagadas porque choveu muito.

Porque (articulador) – causalidade (sentido).

Para que um texto seja coerente é preciso que ele respeite as quatro metarregras:

- da repetição – uso dos anafóricos;
- da progressão – uso dos articuladores para introduzir novas informações;
- da não-contradição – ideias, tempo e pessoa do discurso devem ter lógica;
- da relação – manutenção do tema.

Construir um texto coerente é uma tarefa que exige do emissor o uso de todos os recursos e habilidades comunicativas. Quanto mais prestarmos atenção no que foi trabalhado neste capítulo, maior qualidade terão as produções textuais. Cabe lembrar que muito do que foi visto já é, naturalmente, feito pelo falante nativo na modalidade oral; portanto, basta que tenhamos a consciência desses fatores para organizá-los no texto escrito.

Atividades

1. Aponte, no texto abaixo, a incoerência realizada.

Praticar esportes faz bem para a saúde. Além disso, é por meio do convívio em academias e parques que temos a oportunidade de conhecer novas pessoas. Sendo assim, ficar em casa olhando para a televisão é muito melhor do que se exercitar.

Dicas de estudo

Uma boa dica é assistir a filmes que se utilizam da intertextualidade nos roteiros. O brasileiro *Dom* (Moacyr Góes, Brasil – 2003, Warner), com Marcos Palmeira e Maria Fernanda Cândido é um deles, pois remete a *Dom Casmurro*. Outro título é *As Horas* (*The Hours*, Stephen Daldry, EUA – 2002, Imagem Filmes) baseado no livro homônimo de Michael Cunningham, o qual conta os últimos momentos de vida da escritora Virginia Woolf, entre outras histórias.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.

Esse livro é uma introdução às áreas da Linguística. É de suma importância, uma vez que explica, de forma acessível, cada uma das áreas e exemplifica-as.

CHAROLLES. M. Introduction aux problèmes de la cohérence des textes, **Langue Française**, 38. Paris: Larousse, 1978.

Nessa obra estão as quatro metarregras apresentadas na aula. Não é uma leitura fácil devido à dificuldade com o idioma. No entanto, para quem o domina, o texto é muito pertinente aos estudos do texto.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A Coerência Textual**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

Koch dedica esse livro à coerência. Usa uma linguagem acessível e muitos exemplos para que o receptor entenda o que é coerência e como ela funciona na prática.

Autoavaliação

1. Diga qual metarregra é respeitada no texto abaixo.

Todos os dias Maria e Pedro fazem as mesmas atividades. *Primeiro*, eles *levantam, tomam banho e café e vão para a escola*. *Já na escola*, eles estudam e brincam com os colegas. *Ao terminar a aula*, eles se encaminham para casa e almoçam. *Depois da refeição*, descansam e fazem os temas de casa, para, *então*, irem brincar. *No final do dia*, já exaustos vão para a cama para, no dia seguinte, repetirem tudo outra vez.



Transcrição e retextualização

Transcrição

O texto falado tem suas próprias características e a escrita não pode ser tida como uma representação da fala, pois não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos. Nenhuma das modalidades é melhor do que a outra. Enquanto a fala tem uma primazia cronológica (surgiu antes), a escrita simboliza educação e poder.

Segundo Flôres e Silva (2005, p. 42), “para ‘visualizar’ as características do texto falado, existe a *transcrição* que nada mais é do que a ‘fala passada a limpo’”. Em outras palavras, a transcrição consiste em passar o texto oral para o texto escrito, com todas as suas características, inadequações gramaticais e semânticas. Por que precisamos falar dela?

Temos notado que, cada vez mais, os estudantes estão escrevendo como falam. Isso ocorre por vários motivos. O primeiro tem sido a influência da internet, uma vez que, para responder rapidamente nos *chats*, *Orkut*, *Messenger* e outros, os internautas fizeram uma língua própria com codificação conhecida por aqueles que utilizam esses programas, tão rápida quanto a fala. Outra razão é que a tendência do usuário é reproduzir no texto escrito o modo como fala, tendo em vista que ele usa muito mais a parte oral da língua do que a escrita. Gírias, termos chulos e marcas conversacionais costumam aparecer nos textos escritos formais. Não há uma prática de escrita natural nas escolas; todas as redações surgem de modo artificial, com assuntos que não interessam ou não são conhecidos. Logo, o estudante tem sérias dificuldades em produzir um texto escrito dentro do padrão culto, respeitando a coesão e a coerência.

É por meio da transcrição que nos tornamos cientes do modo como falamos e das diferenças entre fala e escrita. Poderemos melhorar a nossa

*performance*¹ na oralidade quando pararmos para observar as nossas ocorrências, e o mesmo acontece com a escrita. Marcuschi (2003, p. 50) apresenta os quatro níveis de relação entre fala e escrita propostos pela linguista francesa Rey-Debove². Esses níveis foram pensados em termos de língua francesa, mas podem ser considerados em qualquer língua. São eles:

- *nível da substância da expressão* – diz respeito à materialidade linguística e considera a correspondência entre letra e som, podendo entrar também questões idioletais³ e dialetais⁴ (um problema que a sociolinguística poderia esclarecer);
- *nível da forma da expressão* – nesse caso consideram-se os signos falados e os signos escritos, situando-se aqui a distinção entre a forma do grafema (a grafia usual) e a do fonema (este na realização fonética, a pronúncia) (por exemplo: menino e [mininu]), diferenças que no francês são mais acentuadas do que no português;
- *nível da forma do conteúdo* – consideram-se aqui as relações entre as unidades significantes (expressões, itens lexicais ou sintagmas⁵) orais e as correspondentes unidades significantes escritas que operam como sinônimas no plano da própria língua tal como dicionarizada, mas de realização diferente na fala e na escrita (por exemplo: *o que queres comer?* [na escrita] e *que que qué comê?* [na fala]);
- *nível da substância do conteúdo* – são as realizações linguísticas que se equivalem do ponto de vista pragmático, isto é, do uso situacional e contextual específico, como quando numa carta escrita dizemos *com os meus cumprimentos, inscrevo-me*, ao passo que num telefonema diríamos *olha, um abraço e um cheiro pra você, tá*, na variante pernambucana.

A seguir, exemplificaremos com uma transcrição realizada a partir de uma entrevista com Dona Josefa, nordestina, 40 anos, auxiliar de serviços gerais e analfabeta. Numa conversa informal, pedimos que ela falasse sobre alguns problemas relacionados à cidade de Porto Alegre. Nos primeiros minutos, ela se

¹ *Performance*: termo da linguística proposto por Noam Chomsky e que designa o uso particular que cada falante faz da língua.

² Josette Rey-Debove é uma linguista francesa que estudou a relação entre fala e escrita na língua francesa e propôs os quatro níveis apresentados no livro de Marcuschi.

³ Idioleto: conjunto de enunciados produzido por uma só pessoa, e, principalmente, as constantes linguísticas que são subjacentes e que consideramos como idiomas ou sistemas específicos; o idioleto é, portanto, o conjunto dos usos de uma língua própria de um indivíduo, num momento determinado.

⁴ Dialeto: variedade de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua.

⁵ Sintagma: Saussure denomina *sintagma* toda combinação na cadeia da fala.

mostrou um pouco nervosa e reticente, mas depois foi se tranquilizando e seu discurso tornou-se um verdadeiro desabafo.

Após a conversa, a gravação foi transcrita, o que é bastante trabalhoso, demanda tempo e paciência, pois é imprescindível prestar total atenção às peculiaridades da conversação, em geral *filtradas* pelo nosso ouvido e das quais temos uma consciência escassa.

Observe, a seguir, como ficou essa transcrição:

Pergunta: Qual é a sua opinião sobre os transportes em Porto Alegre?

Resposta da entrevistada:

bom u qui eu achu du:: du transporrte u qui eu achu dus ônhibus é qui:: us motorista são muito dus ignorantis i maltratu muito us velhinhus ((suspi-rou)) i as pessoa deficiente mintal i tem agora aquelis negóciu di carrterinha quando elis pedi a carrterinha qui a genti nãu::... tem... elis omilha bastanti na frenti di TODU mundu dentru dus ônhibus

Pergunta: E sobre o centro da cidade?

Resposta dada:

sobri / ah ah ah / Porrtalegri u centru di Porrtalegri eu achu assim qui u centru de Porrtalegri as pessoas éh::: sei lá... tem muitos crianças ah... pedindu ermola muit:::us vélhu::s ah pedindu ermola i:: muitas coisas assim exagerada né? cumidas ex-tra-ga-da pelu centru comu verrdura otras coisa mais inveiz deli ajudá aquelas pissoas pobris elis nãu ajudu pefiru botá no lixu i::: us guarda lá nu centru... maltratu muito as pessoas tamém tem qui batalhá muito muito merrmo tem qui trabalhá ah ganhanu bem porrque si a pessoa trabalha né? ganhanu um salário mínmu a pessoa não conségui moradia aqui ni Porrtalegri in otus cantu ondeu morei foi fáciu deu consegui minha casa meu terrenu mais aqui tá senu muito difíciu aqui ni Porrtalegri qué dize qui eu achu quié muito difíciu a moradia aqui pra consigui veju muito terrenu aí baudiu aí muita casa aí disacupada ãh::: ocupanu ladrão i otras coisa mais dentru da casa i us pobris aí ãh::: vai pra consigui uma casinha aí in vila aí no Demab aí (sofri bastanti) pra consigui uma moradia i eu achu quissoaí é um () merrmu as pessoas pudenu pagá as suas casinha e us seus lugar pra morá

Perceba o quanto a transcrição deve manter-se fiel à fala da entrevistada, mantendo todas as suas características fonéticas, alongamentos vocálicos e consonantais, pausas, hesitações, truncamentos, sotaque, entonações, correções, pois esses são elementos típicos da fala que não devem ser desmerecidos no momento minucioso da transcrição.

Simbologia da transcrição

Vamos agora acompanhar e identificar a simbologia utilizada para elaborar a transcrição. Veja o quadro abaixo proposto por Flôres e Silva (2005, p. 44):

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	é um () merrmu
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	aí (<i>sofri bastanti</i>) pra consigui uma moradia
Truncamento	/	Sobri / <i>ah ah ah</i> / Porrtalegri
Entoação enfática	Maiúsculas	na fronti di <i>TODU</i> mundu
Alongamento de vogal ou consoante	:: podendo aumentar para ::::	é <i>qui::</i> us motorista as pessoas <i>éh:::</i> <i>ãh:::</i> ocupanu ladrãu I us pobris aí <i>ãh::</i>
Silabação	-	ex-tra-ga-da
Interrogação	?	muitas coisas assim extragada <i>né?</i>
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	i maltratu muito us velhinhus ((suspirou))
Qualquer pausa	...	tem... sei lá... lá nu centru...

- os marcadores verbais – bom, sei lá, ah, né?, eu achu;
- as repetições – u qui eu achu, du:: du, u centru di Porrtalegri, pedindu err-mola, aí;
- o sotaque carregado *nos erres* – *transporte, carrterinha, merrmo, Porrtalegri*;
- combinação de alongamento e pausa na mesma palavra – *nãu::...* ;

- supressão de letras – omilha, mínmu, senu;
- redução do *r* no final do infinitivo verbal – batalhá, trabalhá, dizê, mora;
- restrição da concordância nominal e verbal apenas ao artigo ou ao sujeito: as pessoa deficienti mintal, elis pedi, cumidas extragadas, i otras coisa mais, elis não ajudú; (É claro que o nível de escolaridade do falante interfere muito nesse quesito. Considerando que a entrevistada é analfabeta, as ocorrências de concordância inapropriada tendem a ser muitas.)
- aglutinação de palavras – Porrtalegri, quissoaí.

Observações

- nem todas as ocorrências foram citadas nos exemplos;
- não são usados sinais de pontuação típicos da escrita para marcar as pausas (como vírgulas, ponto e vírgula, pontos finais);
- não são utilizadas iniciais maiúsculas;
- não há abertura de margem para paragrafação;
- as perguntas são transcritas em negrito.

Retextualização

A retextualização é a passagem do texto falado para o texto escrito e não é um processo mecânico, pois envolve operações que interferem no código e no sentido.

Não são poucos os eventos linguísticos cotidianos em que atividades de retextualização, reformulação, reescrita e transformação de textos estão envolvidas. Exemplos: quando a secretária anota informações orais do chefe para redigir um ofício; ao contarmos, por carta, o que acabamos de ouvir na vizinhança; no momento em que o aluno anota no caderno as explicações do professor. São nessas situações corriqueiras que o texto é refeito de outro modo, modalidade ou gênero. O fato é que, embora bastante utilizadas, essas ações são até hoje pouco compreendidas e estudadas.

Não se trata de propor em uma retextualização a passagem de um texto supostamente descontrolado e confuso (referindo-se ao texto falado) para outro dominado e bem-falado (texto escrito). A passagem da fala para a escrita não

é do caos para a ordem: é apenas a passagem de uma forma para outra, pois ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes por meio da elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações sociais e dialetais.

Antes de qualquer transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva chamada *compreensão*, pois, antes de começar os processos de retextualização, é necessário entender o que a outra pessoa disse ou teve intenção de dizer e, somente a partir disso, proceder às alterações lexicais e estruturais. A proposta é, portanto, utilizada também para um trabalho de compreensão das mensagens e não apenas com o objetivo de produção textual.

Esse tipo de atividade com a língua é extremamente enriquecedora e comprova que a linguagem não é apenas um sistema de regras, mas sim uma atividade sociointerativa. Seu uso tem um lugar de destaque e deve ser o principal objeto de nossa observação. A língua deve ser vista além da simples transmissão de informações. É um fenômeno sociocultural que nos permite a criação e nos torna verdadeiramente senhores de nossa opinião e expressão, e agentes que, conscientemente, transformam a realidade.

As operações de transformação do texto falado para o texto escrito

Conforme os autores Fávero (2002) e Marcuschi (2003), existem cinco etapas que conduzem à produção do texto escrito a partir da transcrição.

Transcrição (trecho)

Qual é a sua opinião sobre os transportes em Porto Alegre?

bom u qui eu achu du:: du transporrte u qui eu achu dus ônhibus é qui:: us motorista são muito dus ignorantis i maltratu muito us velhinhus ((suspi-rou)) i as pessoa deficienti mintal i tem agora aquelis negóciu di carrterinha quandu elis pedi a carrterinha qui a genti nãu::... tem ... elis omilha bastanti na fronti di TODU mundu dentru dus ônhibus

E sobre o centro da cidade?

sobri / ah ah ah / Porrtalegri u centru di Porrtalegri eu achu assim qui u centru de Porrtalegri as pessoas éh::: sei lá ... tem muitus crianças ah...

pedindu errmola muit::us vélhu::s ah pedindu errmola i:: muitas coisas assim extragada né? cumidas ex-tra-ga-da pelu centru comu verrdura otras coisa mais inveiz deli ajudá aquelas pissoas pobr is elis nãu ajudu pefiru botá no lixu...

Primeira etapa: eliminação de marcas interacionais, mudança fonética para modalidade escrita, inclusão de pontuação (vírgulas e pontuação dos períodos)

O que eu acho do transporte, o que eu acho dos ônibus é que os motorista são muito dos ignorantes e maltratam muito os velinhos e as pessoa deficiente mental. E tem agora aqueles negócio de carteirinha, quando eles pede a carteirinha que a gente não tem, eles humilha bastante, na frente de todo mundo, dentro dos ônibus. Sobre Porto Alegre, as pessoas, têm muitas crianças pedindo esmola, muitos velhos pedindo esmola e muitas coisas assim estragada, comidas estragada pelo centro, como verdura, outras coisa mais. Ao invés deles ajudar aquelas pessoas pobres, eles não ajudam, preferem botar no lixo...

Segunda etapa: retirada de repetições, redundâncias, autocorreções, introdução de substituições

Nos ônibus, os motorista são ignorantes e maltratam muito os velinhos e as pessoa deficiente mental. Tem agora aqueles negócio de carteirinha, quando eles pede e a gente não tem, humilha bastante na frente de todo mundo. Sobre Porto Alegre, tem muitas crianças e velhos pedindo esmola, comidas estragada, como verdura e outras coisas. Ao invés de ajudar os pobres, preferem botar no lixo.

Terceira etapa: introdução da paragrafação

Nos ônibus, os motorista são ignorantes e maltratam muito os velinhos e as pessoa deficiente mental. Tem agora aqueles negócio de carteirinha, quando eles pede e a gente não tem, humilha bastante na frente de todo mundo.

Sobre Porto Alegre, tem muitas crianças e velhos pedindo esmola, comidas estragada, como verdura e outras coisas. Ao invés de ajudar os pobres, preferem botar no lixo.

Quarta etapa: reconstrução de estruturas truncadas, concordância, reordenação sintática, encadeamento (coesão entre as orações e períodos)

Nos ônibus, os motoristas são muito ignorantes e maltratam demais os idosos e deficientes mentais. Quando pedem a carteirinha, e eles não a têm, são humilhados na frente de todos.

No centro de Porto Alegre, estão várias crianças e idosos pedindo esmola e há desperdício de comida. Ao invés de ajudarem a quem precisa, preferem colocar no lixo.

Quinta etapa: tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas (reconstrução visando a uma maior formalidade), passagem do discurso direto para o indireto, agrupamento de argumentos (condensação de ideias)

Josefa, servente de um edifício de Porto Alegre, explica que os motoristas de ônibus maltratam as pessoas da cidade, principalmente idosos, quando eles não apresentam a carteira que autoriza o passe-livre.

O centro da cidade, diz ela, é percorrido por crianças e idosos que pedem esmola, mas, paradoxalmente, a comida é desperdiçada por aqueles que a colocam no lixo ao invés de se solidarizarem pelos necessitados.

Como pode ver, a retextualização de uma transcrição nos faz conscientes das diferenças existentes entre a oralidade e a escrita.

Atividades

1. Indique que tipos de ocorrências são as marcadas em negrito. Para que você se anime ainda mais em realizar essa atividade, acompanhe a excelente transcrição realizada por uma aluna do curso de Comunicação Social. Observe que a entrevistada é de origem italiana (Garibaldi é uma cidade do Rio Grande do Sul de colonização tipicamente italiana) e, por isso, sua pronúncia tem características fonéticas marcantes.

Gravação não-espontânea

Entrevistada: M. Z.

Idade: 53 anos

Sexo: feminino

Naturalidade: Garibaldi, RS

Grau de escolaridade: primário

Conte um pouco de sua vida, de quando você era criança...

ih::: ((risos))... indoidô:::... **comé** que eu vou ti contar isso qui aconteceu quando eu era mais nova?() ((risos)) Ma quando eu era pequena... pequena nom, quando eu tinha... Olto anos... pa começÁ eu nem fui nu culégio... eu ia nu culégio di manhã... i nois nois ia só quandu chuvia... quando dava sol eu tinha qui ficá em casa () ajudá nossa mãe... pra irna roça... **cuidá** dos irmão mas pequeno... i assim **ia...** fazê serviço... ih:::... a a minha mãe ia na roça eu eu ficava em casa e minha irmã mais VEIha... i nós tinha o nosso irmão mais pequeno lá i nós tinha qui cuidÁ... fazê a comida... limpá a casa... lava ropa... ih::: i daí eu eu tinha que pegá meu irmão mas pequeno.... que eu cuidava dele i eu levava lá na roça... [...]



Paráfrase

No final do dia, quando chegamos em casa, temos muitas novidades para contar. Entre elas, há sempre comentários que amigos, parentes e colegas fizeram e nós reproduzimos. No entanto, ao fazermos isso, colocamos essa fala dita por outra pessoa com as nossas palavras. Ninguém diz: – “Fulano disse: *abre aspas* [...], *fecha aspas*”, porque é muito pouco provável que lembremos quais foram as palavras exatas usadas pelo outro falante. Se não tivermos nenhuma outra intenção, a tendência é que a mensagem seja mantida, porém em outros termos.

Parafrasear é transmitir a mensagem dita por um falante com outras palavras, ou seja, é dizer da sua maneira o que uma pessoa disse; é fazer o que está descrito na situação acima. Qual é a importância desse recurso em nossa vida?

Primeiramente, saber parafrasear ajuda bastante na vida acadêmica, porque, ao elaborarmos um trabalho científico, temos que mencionar autores para embasar o que estamos argumentando. Há duas formas de fazer isso, sendo a primeira pela citação direta, como segue:

Walter Kasper, cardeal e ex-assessor de João Paulo II, coloca:

A discussão sobre o papel da mulher no catolicismo não envolve direitos humanos. É uma questão de tradição. A ordenação feminina é uma mudança há muito comentada na Igreja e há quem espere que Bento XVI adote uma nova posição a respeito do assunto. O novo papa não deu sinais de que esteja disposto a isso. Mesmo se aprovada, a ordenação feminina é algo que demorará décadas para ser aceita e implementada. (CARELLI, 2005)

As palavras de Walter Kasper foram reproduzidas da maneira que ele falou, por isso foram expressas com corpo de letra menor e margem recuada. Na paráfrase, podemos passar a mesma ideia, mas de outra forma. Não precisamos entrar nos detalhes, basta que a mensagem principal tenha outro modo de ser transmitida. Vamos parafrasear a fala de Kasper:

Walter Kasper, cardeal e ex-assessor de João Paulo II, disse que se levarão algumas décadas para que se tenha uma mulher sacerdotisa, uma vez que a tradição impede a assimilação rápida desse processo. Falou também que, embora se esperasse um posicionamento sobre o tema com o novo papa, ele não está inclinado a resolver esse caso agora. A questão feminina no catolicismo está relacionada à tradição e não aos direitos humanos, ainda segundo o cardeal.

Devemos sempre, também quando parafraseamos, mencionar a fonte (nome do autor da ideia) para que não tenhamos problemas com direitos autorais. Essa noção de direitos autorais precisa ser mais trabalhada nas escolas de ensinos Fundamental e Médio. Lá, as professoras aceitam que os alunos copiem os capítulos dos livros sem menção da fonte e sua respectiva referência bibliográfica. Talvez seja isso o que nos leva a não realizar a paráfrase no texto escrito, apenas no oral.

Tipos de paráfrase

Há dois tipos de paráfrase:

- *paráfrase frasal*: modifica a frase dita por alguém.

Ex.: Maria disse – “Vou ficar em casa hoje.”

Maria disse que não sairá de casa hoje.

- *paráfrase textual* – modifica um trecho de texto dito por alguém.

Ex.: Maria disse que vai ficar em casa porque está preocupada com as provas que terá na escola. Como ela não pode reprovar, precisa estudar muito. A mãe dela concorda e também ficará com a filha em casa.

Maria disse que não vai sair de casa, pois tem que estudar. Ela tem provas na escola e está preocupada com a aprovação, uma vez que ela não pode rodar. Dona Ana, mãe de Maria, diz que a menina está certa e permanecerá em casa ao lado dela.

Técnicas de paráfrase

Para realizarmos a paráfrase, temos que nos valer de recursos lexicais (que dizem respeito ao vocabulário) e sintáticos (que dizem respeito à gramática). A seguir estão algumas sugestões de técnicas que acabam modificando o texto.

Transformações baseadas no léxico

São aquelas que alteram as palavras na frase. Há duas formas para fazer isso.

Transformações baseadas no léxico por meio dos sinônimos

É quando substitui-se a palavra por um sinônimo. O dicionário ajuda bastante nesse tipo de técnica.

Ex.: Maria *brigou* com Pedro.

Maria *se desentendeu* com Pedro (no caso da paráfrase textual).

A leitura não exige de nossos olhos nada que eles já não façam quando olhamos ao redor de uma sala. A leitura não exige nenhuma habilidade linguística que não tenha sido demonstrada na compreensão da fala. E aprender a ler não envolve nenhuma habilidade especial de aprendizagem. As crianças são aprendizes altamente habilitados e experientes, embora seja possível que o tipo de instrução as deixe confusas. A linguagem escrita deve ter sentido e utilidade para as crianças que estão lutando para aprender a ler. Essa assistência essencial pode ser dada pelos professores que entendem a natureza da leitura e que conhecem o aluno individualmente, mas não pelos procedimentos formais de ensino projetados previamente por alguém de fora da sala de aula. (SMITH, 1999, p. 17)

Ao mudarmos um bom número de palavras desse texto, já podemos tirar as aspas (que indicam a fala na íntegra do autor), como segue:

Frank Smith disse que a leitura não *requer* de nossos olhos nada que eles já não *executam* quando olhamos ao redor de uma sala. A leitura não *demand*a nenhuma habilidade linguística que não tenha sido *mostrada* na compreensão *do texto oral*. E aprender a ler não *abrange* nenhuma habilidade especial de aprendizagem. As crianças são aprendizes *muito* habilitados e experientes, *ainda que* seja possível que o tipo de *ordem* as deixe confusas. A linguagem escrita deve ter sentido e *ser útil* para *elas* que estão *batalhando* para aprender a ler. Essa assistência essencial pode ser dada pelos professores que *compreendem* a natureza da leitura e que conhecem o *pupilo* individualmente, mas não *pelas ações* formais de ensino projetados previamente por *uma pessoa* de fora da sala de aula.

As palavras em itálico substituíram as que existiam no texto original, sem que o sentido fosse alterado. Esse trabalho pode ser feito com o dicionário.

Transformações baseadas no léxico pela substituição lexical

Substitui-se um termo da língua por outro equivalente, que não tem necessidade de ser sinônimo, mas que corresponda à palavra em determinada situação.

Ex.: *Maria e Pedro* tiraram dez na prova de Português.

Os amigos tiraram dez na prova de Português. (paráfrase frasal)

Transformações de caráter sintático

São aquelas que alteram a ordem gramatical da frase. Há cinco tipos.

Transformações de caráter sintático pela inversão

Nesse tipo alteramos a ordem direta da frase.

Ex.: Pedro deu flores para Maria.

Para Maria, Pedro deu flores.

Pedro, para Maria, deu flores. (paráfrase frasal)

Ex.: Frank Smith (1999, p. 17) afirmou que a leitura não exige de nossos olhos nada que eles já não façam quando olhamos ao redor de uma sala. A leitura não exige nenhuma habilidade linguística que não tenha sido demonstrada na compreensão da fala. Aprender a ler não envolve nenhuma habilidade especial de aprendizagem. Embora seja possível que o tipo de instrução deixe as crianças confusas, elas são aprendizes altamente habilitadas e experientes. Para as crianças que estão lutando para aprender a ler, a linguagem escrita deve ter sentido e utilidade. Essa assistência essencial pode ser dada pelos professores que entendem a natureza da leitura e que conhecem o aluno individualmente, mas não pelos procedimentos formais de ensino projetados previamente por alguém de fora da sala de aula.

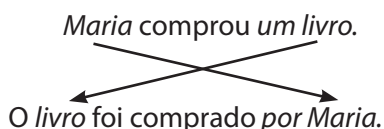
No texto anterior, trocamos as frases de lugar. É preciso termos consciência que para usar esse recurso precisamos saber empregar adequadamente a vírgula. Para lembrá-los da ordem direta da língua portuguesa, segue uma breve explicação.

- a ordem direta da Língua Portuguesa é a que segue:
sujeito + verbo + complementos verbais + adjuntos adverbiais
Ex.: Maria leu um livro na escola.

Transformações de caráter sintático pela passagem da voz ativa para a voz passiva e vice-versa

Pode-se colocar o que era complemento como sujeito e vice-versa.

Ex.:



Alterar as vozes verbais implica em passar o sujeito para agente da passiva e o objeto para sujeito. Esse recurso é importante também na nossa fala diária, porque assim podemos ressaltar um determinado termo quando ele vem como sujeito da frase.

Ex.:

1. O sorteio contempla os inscritos.
Os inscritos são contemplados pelo sorteio. (Presente)
2. O sorteio contemplou os inscritos.
Os inscritos foram contemplados pelo sorteio. (Pretérito perfeito)
3. O sorteio contemplava os inscritos.
Os inscritos eram contemplados pelo sorteio. (Pretérito imperfeito)
4. O sorteio contemplará os inscritos.
Os inscritos serão contemplados pelo sorteio. (Futuro do presente)
5. O sorteio contemplaria os inscritos.
Os inscritos seriam contemplados pelo sorteio. (Futuro do pretérito)

O verbo principal passa a ser conjugado no particípio, acompanhado de um verbo auxiliar.

Acompanhe novamente os exemplos:

O sorteio contempla os inscritos.			
Verbo principal no presente			
Os inscritos	são	<i>contemplados</i>	pelo sorteio.
	Verbo auxiliar	Verbo principal	
	no presente	no particípio	

O sorteio contemplou os inscritos.			
Verbo principal no pretérito perfeito			
Os inscritos	<i>foram</i>	<i>contemplados</i>	pelo sorteio.
	Verbo auxiliar no pretérito perfeito	Verbo principal no particípio	

O sorteio contemplava os inscritos.			
Verbo principal no pretérito imperfeito			
Os inscritos	<i>eram</i>	<i>contemplados</i>	pelo sorteio.
	Verbo auxiliar no pretérito imperfeito	Verbo principal no particípio	

O sorteio contemplará os inscritos.			
Verbo principal no futuro do presente			
Os inscritos	<i>serão</i>	<i>contemplados</i>	pelo sorteio.
	Verbo auxiliar no futuro do presente	Verbo principal no particípio	

O sorteio contemplaria os inscritos.			
Verbo principal no futuro do pretérito			
Os inscritos	<i>seriam</i>	<i>contemplados</i>	pelo sorteio.
	Verbo auxiliar no futuro do pretérito	Verbo principal no particípio	

Transformações de caráter sintático por meio das comparações de igualdade, superioridade e inferioridade

Ex.:

1. Maria é tão inteligente quanto Pedro.
Pedro é tão inteligente quanto Maria.
2. Maria é mais inteligente do que Joana.
Joana é menos inteligente do que Maria.

- Joana é menos simpática do que Pedro.
Pedro é mais simpático do que Maria.

Transformações de caráter sintático pela nominalização

Essa técnica consiste em transformar o verbo em substantivo.

Ex.:

- Pedro pediu paciência para Maria.
O pedido de Pedro foi para que Maria tivesse paciência.
- Maria lê muitos livros de ficção.
A leitura de Maria é de livros de ficção.

Transformações de caráter sintático pelas alterações verbais

A primeira forma para alterar o verbo é trocando o tempo verbal; a segunda é colocar uma locução verbal no lugar de um verbo e vice-versa.

Ex.:

- Se Maria solicitasse, Pedro ficaria.
Maria solicitara e Pedro ficou.
- Quando Pedro chegou, Maria saía.
Quando Pedro chegou, Maria já tinha saído.

Todos esses recursos farão com que a paráfrase de fato ocorra. Vale lembrar que podemos usar uma de cada vez ou todas, se necessário for. No entanto, precisamos cuidar para não mudarmos a mensagem principal, o que descaracterizaria a paráfrase.

Atividades

- Elabore paráfrases por meio de nominalização.

Ex.: Foi assim que o José descobriu que estava doente.

Foi assim que o José descobriu sua doença.

1. Os testes desmentiram que boa parte do material estivesse contaminado.

2. O discurso mostra que o presidente está preparado para exercer o cargo.

3. Surpreendeu aos jornalistas que o velhinho estivesse lúcido, aos 103 anos.

4. Naquele momento, alguém lembrou que o presidente do sindicato era inábil no trato de questões políticas.

5. Desde o primeiro momento, nenhum dos técnicos do laboratório se dispôs a afirmar que a fita cassete era autêntica.

Dicas de estudo

Uma boa dica é ler trabalhos científicos para ver como eles parafraseiam grandes autores e teóricos.

CARELLI, Gabriela. O pecado da ignorância. **Veja**, São Paulo, n. 59, ano 38, 28 set. 2005.

A revista *Veja* é um bom veículo para se ver como se faz a paráfrase, uma vez que nas reportagens há citações de falas e pensamentos de forma indireta.

FLÔRES, Onici Claro; SILVA, Rosara Rosseto da. **Da Oralidade à Escrita**: uma busca da mediação multicultural e plurilinguística. Canoas: Editora da Ulbra, 2005.

Essa obra dedica um capítulo inteiro para a paráfrase. A abordagem é muito simples e bem feita, uma vez que a linguagem é bastante acessível. As autoras usaram muitos exemplos para representar cada uma das técnicas, além de explicar como fazê-las passo a passo.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. Tradução de: NEVES, Beatriz Affonso. 3. ed. Porto Alegre: Arteméd, 1999.

O livro de Frank Smith sobre leitura é um clássico e ajuda a ensinar e entender o que é ler.

Autoavaliação

1. Elabore paráfrases, modificando a voz verbal.

Ex.: Os meninos deixavam os livros na carteira.

Os livros eram deixados pelos meninos na carteira.

1. O professor interrompeu a aula.
2. Os garotos enfurecem o professor.
3. A aula será interrompida por alguém.
4. O dia de hoje não foi previsto por ninguém.
5. As despesas seriam pagas por todos.
6. Matei os pernilongos.
7. Escrevi a carta.



Parágrafo-padrão

Leia o texto abaixo e responda: quantos parágrafos ele tem?

O Pelé do pôquer

*O maior jogador de pôquer da história
só perdeu para a cocaína e para as corridas de cachorros*

(OPPERMANN, 2006)

Ninguém ganhou mais torneios em Las Vegas ou jogou tão bem nas mesas de pôquer quanto Stu Ungar. Seu raciocínio e elaboração de estratégias eram fora do comum. Suas partidas eram espetáculos. [...]

Stu nasceu em 1953 em Nova York. O pai, um imigrante judeu, ganhava a vida como *bookmaker* em corridas de cavalo. A mãe era fanática por pôquer. Com 7 anos, Ungar aprendeu as manhas do jogo. Com 10, já era craque e aos 15 caiu nas graças da família Genovese, da máfia, ganhando acesso aos clubes ilegais de carteados. Em 1978, não tendo mais de quem ganhar na sua região, foi para Las Vegas. [...]

Até Stu aparecer em Vegas, o pôquer era dominado por caubóis. Carismático, logo virou *pop star* na cidade. Era galanteador com as mulheres e implacável com os adversários. Tinha memória fotográfica absoluta: se visse rapidamente as cartas sendo embaralhadas, saberia depois qual a combinação de cada pessoa na mesa. [...]

Sua saúde, no entanto, tinha dois adversários: as noitadas com mulheres e a cocaína. O seu bolso tinha um ainda pior: ele não passava um dia sem apostar, principalmente em corridas de cachorros (jogo que adorava, mas do qual não entendia nada). [...]

A sua resposta para a pergunta proposta certamente foi que o texto tem quatro parágrafos. Como usuários da língua e conhecedores das normas da escrita, sabemos que o espaço mais recuado da margem indica um novo parágrafo.

Conceito de parágrafo

Em uma redação, o parágrafo serve para dividir os assuntos desenvolvidos no texto. Neste capítulo, no entanto, falaremos do *parágrafo-padrão*, que, segundo Martins e Zilberknop (2004, p. 97), é aquele que tem uma ideia como núcleo e a apresenta, desenvolve e conclui, ou seja, esse tipo de parágrafo inicia e encerra uma mensagem.

Biblioteca-cabeça

*A coleção de cérebros que ajuda a decifrar
o que acontece com a cabeça dos idosos*

(DEVEZE, 2006)

Você pode colecionar selos ou moedas, mas se o seu objetivo é saber como a mente funciona, o ideal é juntar um bocado de cérebros. Foi o que fez a neuropatologista Lea Grinberg e uma equipe da Faculdade de Medicina do Hospital das Clínicas, de São Paulo. Desde abril de 2004, ela juntou mais de 1 200 cérebros congelados de pacientes acima de 50 anos. Recebendo entre 80 a 120 órgãos por mês, a *biblioteca* caminha para se tornar a maior do gênero no mundo. Metade é de pessoas que sofriam de doenças cerebrais, metade são de órgãos saudáveis. Comparando um grupo com o outro e cruzando com dados fornecidos por familiares sobre a psicologia de cada paciente, eles querem elaborar o mais completo perfil epidemiológico já feito sobre males cerebrais. “Queremos saber quando doenças cerebrais se manifestam no cérebro para diagnosticá-las precocemente”, diz Lea. [...]

No texto anterior, a jornalista iniciou, desenvolveu e concluiu o assunto sobre a biblioteca de cérebros em apenas um parágrafo. Ela não deixou a possibilidade de continuar em outro parágrafo, uma vez que não é um texto grande.

Estrutura do parágrafo

Vamos ver como é a estrutura de um parágrafo, analisando o texto a seguir.

A Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, que determinava a liberdade para os filhos de escravos nascidos a partir de então, representou um marco importante na luta dos brasileiros para abolir a escravidão.

O texto da lei, aprovada pela Assembleia, determinava que “os filhos da mulher escrava, que nascerem no Império desde a data desta lei, serão considerados de condição livre”. Após a promulgação, anualmente, os abolicionistas utilizavam-se da data para promover mobilizações a fim de libertar o maior número possível de cativos. Havia organizações permanentes que agitavam a questão no país e na província. No Rio Grande do Sul, tais organizações eram especialmente fortes em Pelotas e Rio Grande. Mário Gardelin refere que em 1884, por exemplo, a Lei do Ventre Livre foi comemorada com especial destaque em Passo Fundo e seu distrito de Nonoi, em Bagé, Soledade, Santa Cristina do Pinhal e Cacimbinhas.

A ideia inicial é apresentada na *introdução*. A partir de uma frase-núcleo, o leitor conhece o assunto que desencadeará o texto: o que foi a Lei do Ventre Livre, sua data de promulgação e importância no contexto histórico brasileiro, como segue:

A Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, que determinava a liberdade para os filhos de escravos nascidos a partir de então, representou um marco importante na luta dos brasileiros para abolir a escravidão.

No *desenvolvimento*, os argumentos, inicialmente apresentados na introdução, são desmembrados e ordenados:

- argumento 1 – o que determinava a lei;
- argumento 2 – atividades desencadeadas pela lei;
- argumento 3 – organizações abolicionistas do país e da província.

O texto da lei, aprovada pela Assembleia, determinava que “os filhos da mulher escrava que nascerem no Império desde a data desta lei serão considerados de condição livre”. Após a promulgação, anualmente, os abolicionistas utilizavam-se da data para promover mobilizações a fim de libertar o maior número possível de cativos. Havia organizações permanentes que agitavam a questão no país e na província. No Rio Grande, tais organizações eram especialmente fortes em Pelotas e Rio Grande.

Na *conclusão*, ocorre um fechamento que retoma a ideia inicial de modo coeso e coerente. Nesse parágrafo, o autor optou por uma conclusão que exemplificasse os argumentos até então apresentados.

Mário Gardelin refere que em 1884, por exemplo, a Lei do Ventre Livre foi comemorada com especial destaque em Passo Fundo e seu distrito de Nonoai, em Bagé, Soledade, Santa Cristina do Pinhal e Cacimbinhas.

Estrutura interna do parágrafo: períodos

Uma forma que nos ajuda também na estrutura é saber quantos períodos compõem, aproximadamente, cada parágrafo. Colocamos uma sugestão no esquema abaixo:

Período – começa com a letra inicial maiúscula e termina com uma pausa bem definida, indicada por ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências.

Atenção: vírgula, ponto-e-vírgula e dois-pontos são sinais de pontuação que não delimitam os períodos.

A *introdução* do texto anterior é composta por um período, ou seja, apresenta apenas um ponto final.

A Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, que determinava a liberdade para os filhos de escravos nascidos a partir de então, representou um marco importante na luta dos brasileiros para abolir a escravidão.

Já o *desenvolvimento* tem quatro períodos, ou seja, quatro pontos finais.

O texto da lei, aprovada pela Assembleia, determinava que “os filhos da mulher escrava, que nascerem no Império desde a data desta lei, serão considerados de condição livre”. Após a promulgação, anualmente, os abolicionistas utilizavam-se da data para promover mobilizações a fim de libertar o maior número possível de cativos. Havia organizações permanentes que agitavam a questão no país e na província. No Rio Grande do Sul, tais organizações eram especialmente fortes em Pelotas e Rio Grande.

E a *conclusão* é formada por um período, ou seja, possui um ponto final.

Mário Gardelin refere que em 1884, por exemplo, a Lei do Ventre Livre foi comemorada com especial destaque em Passo Fundo e seu distrito de Nonoai, em Bagé, Soledade, Santa Cristina do Pinhal e Cacimbinhas.

Agora que já vimos essa estrutura mais ampla e básica, vamos trabalhar mais detalhadamente o *tópico frasal*, a ideia núcleo, a partir da introdução. Podemos, para esclarecer ao nosso leitor o foco do nosso parágrafo, apresentar o tópico frasal no início dele, com uma *declaração* inicial ou mesmo uma *definição* de nosso tópico. Veja os exemplos:

■ Declaração

Os alunos de Ensino Fundamental e Médio têm medo da disciplina de Língua Portuguesa por dois motivos. O primeiro é que os pais concentram a atenção nas notas tiradas em Português e Matemática. Não interessa que o aluno tenha tirado dez em História e Geografia; se foi mal nas duas consideradas mais importantes, ficarão de castigo. Abordagem gramatical também faz os alunos temerem as aulas. O sistema educacional brasileiro não favorece um estudo à luz da Linguística, muito mais útil, tendo em vista que fatos da língua são estudados, analisados e descritos. A tendência é seguir a gramática tradicional que dita o que é certo e errado, fazendo com que o aluno não veja aplicabilidade na vida. O resultado são notas baixas e um pavor da língua materna. Para que possamos mudar tudo isso, é necessário que a comunidade educativa reveja conceitos e posturas. Somente assim a língua terá o destaque que merece na vida de seu usuário.

■ Definição do tópico

*O Óleo de Lorenzo é uma mistura dos ácidos oleico e erúxico que combate a adrenoleucodistrofia, doença degenerativa que leva à morte. Ele foi descoberto pelo pai de Lorenzo, menino nascido com essa doença, Augusto Odone, que não é da área médica. Ele resolveu estudar por conta própria sobre a cura da doença do filho quando viu que a pesquisa era alimentada por muito dinheiro e pouca boa vontade em descobrir como acabá-la. Tal esforço rendeu um filme, *Óleo de Lorenzo*, que tem Nick Nolte no papel do pai. Esse remédio é o maior avanço existente para a doença, uma vez que 76% dos 68 meninos que usaram o óleo permaneceram saudáveis. De fato, o amor move montanhas, até as do conhecimento!*

Podemos começar o parágrafo fazendo uma revisão histórica do tópico frasal que será desenvolvido, como no exemplo a seguir.

Como surgiu a expressão “santo do pau oco”?

(AMARAL, 2002)

Foi provavelmente no Brasil Colonial do século XVIII, auge da mineração no país. Acredita-se que as imagens de santos esculpidas em madeira oca eram recheadas de ouro e pedras preciosas para passar pelos postos de fiscalização da Coroa Portuguesa. Assim, evitava-se o pagamento de impostos altíssimos. “Como não foi encontrado nenhum registro preciso de um caso como esse, as estatuetas com aberturas nas costas, típicas dessa época, são a única pista de que a prática tenha realmente existido – além, é claro, da tradição oral”, afirma o historiador Luciano Figueiredo, da Universidade Federal Fluminense (UFF). [...]

Outro meio é utilizar a interrogação, como segue:

Um processo de paz que ninguém esperava

(VEJA, 25 jan. 2006)

Dá para imaginar uma israelense judia e um líbio namorando? Ainda por cima se forem figuras conhecidas? E ele filho do grão-ditador Muamar Kadafi? Pois o romance secreto que agita o Oriente Médio une a atriz e apresentadora Orly Weinweman, loira sedutora de 35 anos, e Saif Kadafi, 31, filho do próprio. Saif não é estranho ao Brasil: passou a virada do ano em Angra dos Reis, onde chegou com três seguranças, um tradutor e nenhuma loira. [...]

Garcia (2002, p. 230) sugere algumas maneiras para desenvolver o tópico frasal.

- *Enumeração ou descrição de detalhes*: explica-se detalhadamente ou enumera-se o tópico frasal.
- *Confronto*: mostra o tópico frasal por meio de outro tema que lhe seja contrário ou semelhante.
- *Analogia e comparação*: compara-se o tópico frasal com outro objeto.
- *Citação de exemplos*: cita-se exemplos relacionados ao tópico frasal.

- *Razões e consequências*: explica-se a razão de tal assunto e a(s) consequência(s) dele no meio.
- *Causa e efeito*: explica-se a causa do assunto e seu efeito.
- *Divisão e explanação de ideias “em cadeia”*: divisão do tópico frasal em focos menores.
- *Definição*: define o tópico frasal.

Uma dica para começar a escrever vem de Cunha (1997, p. 67):

- primeiramente, deve-se escolher um assunto e pesquisá-lo;
- depois, delimitar o tema, ou seja, escolher o foco, o tópico frasal;
- por último, ter claros os objetivos que se têm ao redigir o parágrafo.

Sem dúvida a escolha do assunto é muito importante, uma vez que o texto será mais bem escrito se conhecermos o tópico tratado. Fica muito difícil escrever sobre o que não se sabe, daí a importância de pesquisar várias fontes (livros, revistas, internet) para obter todas as informações necessárias principalmente para o desenvolvimento. Além disso, é necessário que os objetivos sejam claros, pois só assim o texto ficará coeso e coerente. Muitas vezes, por gostarmos de um assunto, queremos em um parágrafo ou, até mesmo, numa redação, abordá-lo na sua totalidade. No entanto, se fizermos isso, correremos o risco de sermos muito abrangentes e, conseqüentemente, pouco coerentes.

Escrever não é uma tarefa fácil. A única maneira de melhorarmos a nossa produção textual é escrevendo. Portanto, o conteúdo deste capítulo precisa ser lido e posto em prática diariamente.

Atividades

1. Identifique o tópico frasal do texto abaixo:

O tetris é um problemão

(PIMENTA JR., 2003)

O tetris, o prosaico quebra-cabeça digital cujo objetivo é encaixar peças geométricas que caem do alto da tela, já vendeu mais de 60 milhões de cópias e tornou-se um dos mais populares *games* do mundo. Tamanho sucesso

sucesso tem uma explicação científica: apesar de parecer simples, o problema contido no tetris é um dos mais difíceis da matemática. Um estudo do professor Erik Demaine, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), nos Estados Unidos, mostrou que o jogo pertence a uma classe de problemas chamados NP-completo. Isso significa que não há como estabelecer um modelo de equação que possa ser aplicado para sua solução. Por isso, para um novo problema (cada pecinha que cai) é preciso uma resposta distinta. “Não há fórmulas ou truques que possam ser aprendidos”, diz Demaine. Mesmo que você jogue mil vezes, todas as partidas repetirão o mesmo grau de dificuldade. Talvez por isso ele seja tão viciante. [...]

Dicas de estudo

Uma boa dica é ler as revistas semanais ou mensais que trazem pequenos textos nas colunas.

CUNHA, Sérgio F. *et al.* **Tecendo Textos**. Canoas: Editora da Ulbra, 1997.

É um livro escrito por um grupo de professores da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) que aborda vários assuntos pertinentes à Língua Portuguesa instrumental. Lá, encontramos um capítulo dedicado ao parágrafo. Para quem está iniciando o estudo do texto, essa obra ajuda bastante.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna**: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 22. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

Esse livro é essencial para quem quer aprender a escrever bem. Ele é dividido em dez partes: *a frase*; *o vocabulário*; *o parágrafo*; *eficácia e falácias da comunicação*; *pondo ordem no caos*; *como criar ideias*; *planejamento*; *redação técnica*; *preparação dos originais*; *exercícios*. O autor utiliza uma linguagem simples e uma metodologia que facilita o aprendizado do que é proposto. Para quem quer melhorar a escrita, essa obra é obrigatória.

MARTINS, D. A. P. S.; ZILBERKNOP, L. S. **Português Instrumental**: de acordo com as atuais normas da ABNT. Porto Alegre: Sagra, 2005.



Resumo

Muitas vezes somos obrigados a sintetizar situações ou falas para re-passá-las a outras pessoas. Isso porque é muito difícil reproduzir na íntegra aquilo que estamos relatando. Por isso, selecionamos os fatos que consideramos mais relevantes para narrar. Por exemplo, se alguém chega atrasado no trabalho por causa de um pneu furado, vai contar como ele furou e a forma que resolveu esse problema e não vai contar os mínimos detalhes do que aconteceu antes, durante e depois, porque ninguém tem paciência para ouvir. O mundo moderno nos obriga a resumir tudo, uma vez que as pessoas não têm tempo de ficar ouvindo informações que não são pertinentes à situação.

Segundo Cunha (*et al.*, 2000, p. 137)

resumir um texto é condensá-lo em um menor, mantendo-se as ideias principais, de maneira objetiva, precisa e direta. Consiste numa exposição abreviada de uma sucessão de acontecimentos, das características gerais de alguma coisa, a fim de favorecer sua visão global. [...]

Resumir é reescrever o texto com as próprias palavras, destacando as ideias principais. Para isso, é necessário entendê-lo.

Tipos de resumo

O resumo, segundo Martins e Zilberknop (2004, p. 265), pode ser:

- *indicativo* – indica as ideias principais do texto, sem dados qualitativos ou quantitativos.
- *informativo* – informa, fornecendo todos os dados relevantes para que essa informação seja suficiente ao leitor.

Faremos agora um resumo de cada um dos tipos para que o leitor visualize a diferença existente entre eles.

Autores que escrevam sobre nada

(SILVA, 2005)

A nossa literatura carece de grandes autores que saibam tecer bem histórias sobre nada. Pode soar estranho ou mesmo paradoxal, mas assim se atingirá uma gigantesca parcela da população que ainda não começou a enveredar pelos deliciosos caminhos literários.

Infelizmente, como se sabe, o brasileiro lê pouco e em grande parte por causa dessa falta de escritores nacionais que saibam escrever sobre temas corriqueiros, mas agradáveis ao leitor. As novelas estão aí para provar. Cada vez mais aumenta o número de telespectadores que assistem a elas na ânsia de se entreterem com uma grande quantidade de nada. É claro que há aí, nesse contexto, uma gana por contemplar uma vida às vezes tão distante da real ou às vezes tão próxima dela. Mas há, também, essa grande vontade de entreter-se com nada. De não ter que pensar, talvez não por preguiça, mas sim como válvula de escape para o estresse diário.

É também pelo mesmo motivo que os filmes de ação e aventura são os mais bem cotados da indústria cinematográfica de Hollywood. Quem nunca sentiu um enorme prazer em ir ao cinema simplesmente para ver um filme cheio de tiros, mortes, ou mesmo um romance *água-com-açúcar* que atire a primeira pedra. O ser humano carece tanto de momentos de reflexão e sapiência quanto de entretenimento e descanso. Mas nossos críticos literários parecem não ver isso e continuam sacrificando todo e qualquer livro que não traga *um algo a mais* para o leitor. E nossa população continua a ler cada vez menos.

Não é apenas por esse motivo, entretanto, que a população tem se afastado dos livros. Além das nem sempre eficazes medidas de estímulos educacionais de nosso governo, pode-se perceber nos adolescentes (e por consequência nos adultos) uma *macunaímica* preguiça de ler. Isso se deve não somente aos videogames, mas, também, ao grande abismo que há entre a literatura infantil e adulta. Há uma deficiência de livros que façam a transição entre *O Patinho Feio* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ou até mesmo de clássicos infanto-juvenis, como *O Mistério do Cinco Estrelas* e *O escaravelho do Diabo*, para obras de escritores *maiores* como Drummond, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Euclides da Cunha.

É exatamente aí que se encaixam os autores que escrevem sobre nada. Apesar de haver no mercado um sem número de obras escritas sobre esse assunto, quase todas são de autores estrangeiros. Não há uma identidade nacional nesses livros e o adolescente de hoje, quando começa a tomar gosto pela leitura, seja lendo Sidney Sheldon ou Tolkien, ao descobrir os escritores nacionais desiste por haver metafísica demais para ele. Parece heresia? Pois imagine um garoto que leu apenas um ou dois livros em sua vida abrindo *Sagarana*, curioso. Seria um trauma! Precisamos de livros que preparem o nosso futuro literário (as crianças e adolescentes) para maravilhas como essa de Guimarães Rosa. Caso contrário, o choque é avassalador.

Precisamos nos orgulhar dos nossos bons escritores e livros sobre nada. Paulo Coelho é um herege, um judas para a crítica tupiniquim. Por outro lado, J. K. Rowling, a autora de *Harry Potter*, é uma deusa na Inglaterra. Pois será que o nosso escritor precisaria ter criado um bruxinho de vassoura e varinha para ser agraciado? Ou será que só o fato de ele escrever para o entretenimento e com isso levar a literatura brasileira não só aos nossos pequenos leitores, mas ao mundo, não seria o suficiente? Ninguém começa a ler por *Macunaíma*. Precisamos nos conscientizar disso. Há um longo caminho até a chegada do gosto e prazer pela leitura de Mário de Andrade, por exemplo.

Não afirmo, porém, que devemos nos limitar apenas à literatura infanto-juvenil ou à voltada para o entretenimento pura e simplesmente. Obviamente, é necessária também uma carga cultural intrínseca.

Deve-se, sim, continuar a aumentar nosso acervo preeminente [...]

Em um resumo indicativo, teríamos apenas as informações principais, como segue:

Bruno Miquelino da Silva, no artigo *Autores que escrevam sobre nada*, defende que, no Brasil, não existem escritores que escrevam sobre temas mais leves, uma vez que há uma tendência, por parte dos críticos literários, em não aceitar livros dedicados ao entretenimento. O resultado disso é que o povo brasileiro lê cada vez menos e os adolescentes modernos preferem o videogame a um bom livro. A solução é balancear o número de obras com temas leves e obras de grandes escritores brasileiros, pois somente assim se formarão leitores para o futuro.

Pelo tamanho do texto, podemos notar que foram postas somente as ideias principais do original, sem maiores detalhes. Também o resumo é uma produção com todas as qualidades, isto é, com adequação gramatical, coesão e coerência.

Vamos agora para um resumo informativo:

Bruno Miquelino da Silva, no artigo *Autores que escrevam sobre nada*, defende que, no Brasil, não existem escritores que escrevam sobre temas mais leves, uma vez que há uma tendência, por parte dos críticos literários, em não aceitar livros dedicados ao entretenimento. Por isso, cada vez mais, as novelas estão tendo um número maior de telespectadores, assim como filmes de ação, aventura e romance. Outro motivo que leva o brasileiro a não ler é a carência de obras que façam a ponte entre a literatura infantil e infanto-juvenil para obras de autores consagrados. É muito difícil, por exemplo, para o adolescente sair de uma leitura leve e compreender um texto mais elaborado, tanto gramaticalmente quanto em informações. Sendo assim, deveríamos aceitar escritores como Paulo Coelho, que promove o hábito da leitura através de seus livros. No entanto, ele é pouco aceito pela crítica brasileira. O resultado de tudo isso é que o povo brasileiro lê cada vez menos e os adolescentes modernos preferem o videogame a um bom livro. A solução é balancear o número de obras com temas leves e obras de grandes escritores brasileiros, pois somente assim formar-se-ão leitores para o futuro.

O tamanho do resumo informativo já mostra que precisamos dar mais informações para o leitor, quando o texto requer. Para sabermos quando é adequado fazer um ou outro, temos que analisar quem é o nosso leitor, qual é o nosso veículo e, principalmente, qual é o texto original. O artigo *Autores que escrevam sobre nada* requer um resumo informativo, tendo em vista que ele usa argumentos muito polêmicos para defender seu ponto de vista. No entanto, não são todos assim, como podemos ver no texto a seguir:

Cerveja preta aumenta o leite?

(STIVANIN, 2005)

Não. Apesar da antiga crença de que beber cerveja preta aumenta a quantidade de leite em mulheres grávidas, não existem estudos que comprovem o fato. E, na realidade, qualquer tipo de bebida alcoólica é contra-indicado nessa situação. Num estudo feito em 1993, a cientista americana Julie

Mennella acompanhou lactantes que ingeriam bebidas alcoólicas e encontrou indícios de que elas produziam menos leite.

Ninguém sabe ao certo a origem da crença. Uma das hipóteses é que ela tenha surgido porque mulheres que ingeriam bebidas de teor alcoólico não eram bem vistas na sociedade. “A cerveja preta tem menos álcool que bebidas como cachaça e, por isso, ganhou *status* de bebida de *mulheres decentes*. Ou seja, mães. A partir daí, a relação foi se aperfeiçoando”, diz Maria Amélia Bitar, autora da tese *Aleitamento Materno: um estudo sobre crenças e tabus ligados à prática*.

O que se sabe é que o mito não é exclusividade brasileira. [...]

Esse texto nos apresenta um assunto sem uma argumentação mais profunda. Portanto, o resumo indicativo é, nesse caso, o mais apropriado. Veja como fica:

Taíssa Stivanin afirma em seu artigo *Cerveja preta aumenta o leite?* que, após estudos feitos por Maria Amélia Bitar para sua tese nomeada *Aleitamento Materno: um estudo sobre crenças e tabus ligados à prática*, a bebida alcoólica não promove uma produção maior de leite. Além disso, é contraindicado. Embora a crença exista em outros países, o aconselhável é não ingerir bebidas que contenham álcool no período de gestação nem no de aleitamento.

Estrutura do resumo

O resumo pode apresentar a estrutura que segue:

- *introdução, desenvolvimento e conclusão* – o resumo não é um texto *colado*. Não adianta encontrar o tópico frasal e os argumentos que o sustentam se eles não receberem um trato em termos de organização textual. O leitor precisa encontrar as três partes que compõem um texto completo: introdução, desenvolvimento e conclusão.
- *mostrar as ideias através da compreensão do redator do resumo* – um modo de mostrar que houve compreensão é parafrasear o autor do texto original. Devemos usar o nosso estilo textual, a fim de que o texto não seja um recorte do original.

- *a extensão de um resumo de notas e comunicações breves é de até 100 palavras* – quanto menor for o texto, menor será o seu resumo. É sempre importante que nele conste o tema, os objetivos e as hipóteses que permeiam o trabalho.
- *a extensão do resumo para monografias e artigos deve ser de até 250 palavras* – esse tipo de trabalho costuma ser extenso; portanto, seu resumo poderá ser maior do que notas e comunicações breves.
- *a extensão do resumo para relatórios e teses é de até 500 palavras* – esse tipo de trabalho costuma ser ainda maior; portanto, seu resumo poderá ser maior do que o de monografias e artigos.

Técnicas de resumo

Para elaborarmos um bom resumo, segundo Cunha (*et al.*, 2000, p. 137), devemos seguir os seguintes passos:

- *ler integralmente o texto para descobrir a temática principal* – quando se sabe que a tarefa é sintetizar um texto, devemos lê-lo para encontrar a temática principal, pois é tendo-a como base que o autor desenvolverá os argumentos.
- *realizar uma segunda leitura para que haja uma compreensão mais detalhada do texto* – num primeiro momento, podemos achar uma temática central. Porém, é em uma segunda leitura que teremos certeza, para que se retire do texto original os argumentos usados pelo autor.
- *a partir de uma terceira leitura é que se começa, então, o trabalho de redação do resumo* – segmentar o texto em partes – por parágrafos (textos pequenos), por capítulos (textos de livros didáticos e teóricos) ou por oposição de ideias, de tempo, de lugar, de comportamento dos personagens; destacar a(s) ideia(s) principal(is) e cada parte segmentada; reunir todos os procedimentos anteriores num texto reduzido, mantendo o estilo do autor, a coesão e a coerência de forma a estabelecer relação entre as ideias destacadas no texto original.
- *dar a redação final* – depois de todos os passos podemos escrever o texto final cuidando de todos os aspectos que lhe dão características de texto.

Resumir é uma tarefa necessária para a vida do usuário da língua. Para elaborar resumos bons é preciso que se leia bons modelos, pois é por meio da prática e da leitura que a escrita desenvolver-se-á melhor.

Atividades

1. Faça um resumo indicativo do texto abaixo.

O Brasil no espaço

(BORTOLOTTI, 2005)

O espaço tem seu lado verde-amarelo. São asteroides, crateras e vulcões em outros planetas com nomes que fazem referência ao Brasil – chegam a 38 as homenagens ao país. Isso sem contar os asteroides não contabilizados pelo United States Geological Survey, instituto americano que trabalha com pesquisas espaciais. A lista inclui desde o vale do Paraná, em Marte, até o vulcão Tupan, numa lua de Júpiter.

Qualquer pessoa que descobrir um objeto tem o direito de batizá-lo. Mas, para evitar que as estrelas recebam os nomes esdrúxulos que alguns pais dedicam aos filhos, a União Astronômica Internacional (IAU) determina regras de nomenclatura. Para asteroides, por exemplo, referências a militares e políticos são vetadas. No caso de acidentes geográficos, a sugestão é a utilização de nomes mitológicos, antigo favorito para batismos no Universo. E, segundo a etiqueta astronômica, não é de bom tom eternizar o próprio nome no espaço – mais educado é homenagear alguém. A exceção são os cometas. Raros, eles costumam levar o nome do descobridor.

A maioria das homenagens foi feita pelos muitos cientistas brasileiros que trabalham em programas espaciais internacionais e *puxam sardinha para o nosso lado* na hora de sugerir nome a um objeto recém-identificado. Além disso, dois centros de observação, um em Campinas e outro em Belo Horizonte, são credenciados no IAU para batizar asteroides. Pesquisadores estrangeiros que simpatizam com o Brasil também costumam homenagear nosso país em suas descobertas. Na próxima viagem que você fizer a Marte, não deixe de visitar a cratera de Caxias ou a rocha Pão de Açúcar.

Dicas de estudo

Uma boa dica é ler trabalhos científicos para ver como eles parafraseiam grandes autores e teóricos.

CUNHA, Sérgio F. *et al.* **Tecendo Textos**. Canoas: Editora da Ulbra, 1997.

É um livro escrito por um grupo de professores da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e aborda vários assuntos pertinentes à Língua Portuguesa Instrumental. Lá encontramos um capítulo dedicado ao resumo. Para quem está começando a estudar o texto, essa obra ajuda bastante.

MARTINS, D. A. P. S.; ZILBERKNOP, L. S. **Português Instrumental**: de acordo com as atuais normas da ABNT. Porto Alegre: Sagra, 2005.

Esse livro é de suma importância porque traz um apanhado geral dos aspectos mais relevantes para o uso da Língua Portuguesa Instrumental. O livro se divide em três partes: a primeira disserta sobre a comunicação e redação; a segunda traz modelos de correspondência e redação técnica; a terceira parte é dedicada à gramática, abordando conteúdos pertinentes à redação.

Autoavaliação

1. Faça um resumo informativo do texto abaixo.

A sujeira das nações: quem é que vai pagar por isso?

(MONTENEGRO, 2005)

Em novembro de 2004, a discussão sobre aquecimento global tornou-se ainda mais acalorada. Com a adesão da Rússia ao Protocolo de Kyoto, o

acordo que pretende controlar o efeito estufa atingiu o número mínimo de participantes para entrar em vigor. Começa a valer em 16 de fevereiro, mas ainda é cercado de polêmicas e com a oposição dos Estados Unidos.

As diferenças de opinião têm a ver com o dinheiro. Para conter a temperatura na Terra, Kyoto dividiu o planeta em dois grupos. No primeiro, as 34 nações mais industrializadas, que devem reduzir 5% das emissões em relação a 1990 – ano de início de debates. Os demais países, *países em desenvolvimento*, estão livre das obrigações e podem vender créditos de carbono, espécie de vale-polução que permite às nações ricas comprar cotas de emissão de gases. Apenas Mônaco, Lichtenstein, Austrália e Estados Unidos não toparam o acordo.

Os americanos afirmam que o acordo irá frear a economia. A principal forma de emitir gases é a queima do petróleo e do carvão que movem carros e indústrias. Por isso, reduzir a poluição significa uma de duas possibilidades: menor produção industrial ou então gastar montanhas de dinheiro em alternativas de energia. “A entrada em vigor do protocolo é um importante primeiro passo, mas ainda precisamos engajar os Estados Unidos e os maiores países em desenvolvimento”, afirma o inglês Bob Watson, cientista-chefe do Banco Mundial.

O problema é que nações como Brasil e China se recusam a reduzir emissões. Argumentam que não podem custear medidas iguais aos ricos e que os industrializados são histórica e proporcionalmente os maiores responsáveis pela poluição. “É como um barco com capacidade para 200 quilos e duas pessoas dentro, uma de 50 e outra de 150 quilos”, diz Christiano Campos, pesquisador climático da UFRJ. “Quem tem de emagrecer para o barco não afundar?”



Resenha crítica

Existe um tipo de texto que quem estuda deve saber fazer: a *resenha crítica*. Isso porque muitos professores pedirão aos alunos que façam uma apreciação crítica dos mais diferentes objetos. Mas, o que é resenha? Resenhar significa fazer uma relação das propriedades de um objeto, enumerar cuidadosamente os aspectos relevantes, descrever as circunstâncias que o envolvem. O objeto resenhado pode ser um acontecimento qualquer da realidade ou textos e obras culturais.

Podemos resenhar um filme, uma novela, uma peça teatral, um livro, um texto, um poema, um CD, um *game*, uma palestra, um congresso, uma oficina, enfim, qualquer coisa que faça parte de nossas vidas. Damos nossa opinião baseada em aspectos técnicos. Não basta dizer se gosta ou não. É necessário que fatores técnicos relevantes corroborem a posição tomada (MACHADO, 2004).

Técnicas para produção da resenha

Para elaborarmos uma boa resenha, segundo Cunha (1997, p. 137), devemos seguir os seguintes passos:

- ler integralmente o texto para descobrir a temática principal;
- realizar uma segunda leitura, para que haja uma compreensão mais detalhada do texto;
- a partir de uma terceira leitura é que se começa, então, o trabalho de redação da resenha, que compreende em:
 - segmentar o texto em partes – por parágrafos (textos pequenos), por capítulos (textos de livros didáticos e teóricos) ou por oposição de ideias, de tempo, de lugar, de comportamento dos personagens;
 - destacar a(s) ideia(s) principal(is) de cada parte segmentada;
 - reunir todos os procedimentos anteriores num texto reduzido, mantendo o estilo do autor, a coesão e a coerência, de forma a estabelecer relação entre as ideias destacadas no texto original.

- fazer a redação final.

É necessário que contenha no texto os seguintes dados para que o leitor obtenha as informações sobre o livro a ser resenhado:

- dados de identificação do objeto a ser resenhado;
- nome do autor;
- título da obra;
- nome da editora;
- lugar e data da publicação;
- número de volumes e páginas.

Além dos itens anteriores, outros serão analisados de acordo com a necessidade. Vejamos duas resenhas de livros, uma positiva e outra negativa.

Economia e aventura

(BAN, 2002)

O escritor Eduardo Bueno, famoso por traduzir a história do Brasil em uma série de livros populares, agora transformou o primeiro ciclo da nossa economia em aventura. Para cumprir a tarefa, o organizador de *Pau Brasil (Axis Mundi)* reuniu um time de especialistas brasileiros e europeus e dissecou os aspectos biológicos, econômicos e históricos da árvore que batizou estas terras – tudo ilustrado por fotos atuais e desenhos antigos. Aprende-se que a origem de *brasil* não vem de brasa, como todo mundo estudou na escola, mas sim de uma palavra antiquíssima da linguagem celta, *brezail*, que denominava o estanho, utilizado pelos fenícios para colorir suas roupas de púrpura. A localização da primeira feitoria ao sul do Equador também é constatada: segundo os livros didáticos, ficava em Cabo Frio; mas há evidências de que foi erguida na Ilha do Governador, na baía da Guanabara. [...] A obra vem em duas edições: vistosa, com capa dura (80 reais); ou popular, em papel reciclado (35 reais).”

Nessa resenha, a autora preferiu fazer uma análise técnica mais sutil, menos expressiva, mas não menos interessante, e bem respaldada. Ela deixa claro a qualidade do livro, tanto em conteúdo quanto no aspecto físico.

Vejamos agora uma resenha que não foi favorável ao livro:

Machado não merecia

Os muitos erros da nova biografia do escritor

(VEJA, 22 fev. 2006)

Lançado no fim do ano passado pela Imprensa Oficial de São Paulo, *Machado de Assis – Um gênio brasileiro*, do jornalista paulista Daniel Piza, deveria ser uma novidade auspiciosa nas livrarias. Afinal, a obra de Machado de Assis (1839-1908), o maior dos escritores brasileiros, tem sido objeto de muitos estudos críticos recentes, mas a última biografia do autor foi publicada em 1981 por Raimundo Magalhães Júnior. A leitura dos especialistas, contudo, demonstra que o livro está repleto de erros. Ele falha no requisito primordial de uma obra de referência: a informação confiável.

“Tudo o que há de bom na biografia de Piza já se encontrava em Magalhães Júnior. O resto são erros factuais e ilações indevidas”, disse o crítico Wilson Martins a *Veja*. Em sua coluna no *Jornal do Brasil*, Martins fez um breve inventário de equívocos do livro, que inclui aberrações históricas (por exemplo, a informação de que o brasileiro José Bonifácio era português, ou de que o Padre Feijó foi tutor de dom Pedro II) e análises delirantes dos nomes próprios dos personagens machadianos (Piza diz, por exemplo, que o Palha, de *Quincas Borba*, é quase pulha). Antes do artigo de Martins, o escritor e professor de Literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luís Augusto Fischer, já havia apontado problemas semelhantes no jornal *Zero Hora*. O estruído é transformado em festa de salão, e não de rua, enredos como o do conto *O Alienista* são resumidos de forma equivocada e um personagem de *Dom Casmurro*, José Dias, o agregado que adora usar superlativos, é rebatizado de João.

Piza parece ter acreditado sobretudo nos próprios dotes críticos para compor *Um gênio brasileiro* – a narrativa da vida do escritor é entremeada com análises de suas principais obras. Um livro como esse, porém, não é somente um veículo para o biógrafo ventilar opiniões sobre o biografado. Ele deve ser uma fonte de dados confiáveis. O desprezo pela precisão – ou pela simples revisão de nomes, conceitos e datas – torna o livro imprestável. [...]

Nesse texto, não houve preocupação em analisar os aspectos físicos do livro porque os erros de conteúdo eram muito graves. Embora o autor não tenha colocado uma frase como “não vale a pena ler esta obra”, toda a sua argumentação conduz o leitor a não comprar o livro.

Vamos listar alguns itens que podem ser avaliados em um livro.

- *Aspectos físicos*: capa, contracapa, orelha, folha, fonte, ilustrações, fotos, espaços entre linhas, encadernação;
- *Conteúdo*: linguagem, relevância e veracidade das informações, divisão de capítulos, abordagem do assunto, a relação entre informações novas e velhas para compreensão, autor.

Também é possível fazer resenha crítica de filmes, mas os aspectos a serem analisados mudam. Vamos ver como é:

Deus é brasileiro – de Carlos Diegues

Bonitinho e divertido, apesar de não grandioso.

E qual é o problema de se fazer cinema despretensioso?

(SECCHES, 2006)

Previsível, recheado de lugares-comuns e personagens caricatos, mas bonitinho. Assim é o longa *Deus é brasileiro*, do consagrado cineasta Cacá Diegues, recém-chegado às telonas.

O filme é uma comédia colorida, é inspirado em conto do despachado e talentoso escritor João Ubaldo Ribeiro, que também assina o roteiro ao lado de Diegues.

A ideia parece excêntrica: Deus, o Todo Poderoso, está muito cansado das dores de cabeça criadas pela humanidade. Precisa de umas férias estelares [sic] para se recompor, mas antes tem que encontrar um santo competente que possa ocupar temporariamente seu lugar e coordenar toda essa bagunça.

O lugar eleito para caçar o tal santo é o nosso Brasil, especificamente o Nordeste. E para encontrar Quincas das Mulas, o possível substituto, Deus vai contar com a ajuda do atrapalhado e malandro Taoca (Wagner Moura), seu *guia* pelas nossas terras. Apesar de caricato, é Taoca quem ganha a simpatia da plateia e arranca as risadas mais sinceras.

Espere por um filme divertido, mas não tenha expectativas maiores do que a de um bom passatempo. Em alguns momentos, sentimos uma tentativa de crítica social e moral, mas o filme faz a curva e escapa de uma reflexão mais ousada. Na verdade, o que vemos é uma sequência de clichês – mas

não chega a incomodar tanto o espectador a ponto de se retorcer na cadeira. No entanto, é preciso fazer um esforço para se deixar envolver pela história, ou o filme fica tão superficial que nem chega a nos tocar.

O mérito fica, uma vez mais, para as paisagens e fotografia, belíssimas. Um Nordeste novo aponta neste filme de Diegues. Como o otimista que é, Cacá faz questão de passar pela miséria com humor, pelas desigualdades com sutileza, e agrega à pobreza uma cor e astral que fazem até com que pareça simpática. Um nordeste sofredor, mas alegre, bem ao jeitinho brasileiro de ser. Bonito, de tão feio. Feio de tão bonito. Mais ou menos assim.

Antônio Fagundes não está exatamente à vontade no papel. Reconhecemos que é um grande e talentoso ator, mas principalmente não convence muito no papel de um Deus mal humorado, sem paciência, indelicado e pouco sensível. Certo que o Todo Poderoso estava precisando de férias e deveria parecer estressado e intolerante, mas não poderia deixar de ter um resto de doçura e esperança no olhar, sentimento que Fagundes tão bem demonstra em seus papéis globais, mesmo nos vilões.

Em alguns raros momentos, os cabelos e a barba branca chegam a comover. Sempre tão limpo, tão inacessível e encantador, ele poderia mesmo ser Deus. Mas eu simplesmente não consigo imaginar que Deus não tenha senso de humor muito mais afiado e inteligente do que este Deus explosivo e até chato criado por Cacá Diegues e Fagundes.

Paloma Duarte está bem em seu papel, ambígua, triste, distante, mas humana. Linda em sua pobreza, sem a beleza perfeita e bem acabada de sempre, uma beleza mais bruta, mas muito feminina. Fala com o silêncio, expressiva que está. É para mim a personagem mais completa do filme.

Apesar das ressalvas, o filme consegue ser engraçado. Não o tempo todo – em algumas cenas força a barra para isso. Mas, de maneira geral, diverte e preenche o espectador com a beleza das nossas paisagens, exaltadas inclusive no próprio texto do filme. E mesmo o texto tem os seus bons momentos, como quando Deus exclama em um velório, após ouvir alguns versos escritos pelo rapaz que havia morrido: – Mas que mania vocês têm de quererem ser felizes o tempo todo! – Boa reflexão, mas fica por aí mesmo. O filme não a aprofunda.

Deus é brasileiro passa longe de outras obras primas dirigidas por Diegues, como o já clássico nacional *Bye Bye Brasil* (1980). Mas se salva em algumas cenas, como ele disse. Algumas cenas que fazem com que o filme mereça ser

visto e que o tornam bonitinho e divertido, apesar de não grandioso. E qual é o problema de se fazer cinema despretenso? Eu, sinceramente, não vejo qualquer um, desde que seja bem feito, ou ao menos, feito com amor.

A autora não fez uma crítica negativa, mas também não fez positiva. Ela selecionou alguns aspectos do filme e os avaliou tecnicamente. Mostrou o lado bom e outro não tão bom, mas que não prejudica o filme na sua totalidade. No caso de *Deus é brasileiro*, coube observar fotografia, elenco, roteiro, mas nem todos os filmes requerem esse tipo de detalhamento. Cada filme tem o seu rol de elementos que devem ser analisados. Vamos ver alguns deles:

- *aspectos do filme* – direção, roteiro, edição, maquiagem, trilha sonora, fotografia, iluminação, adequação do ator ao personagem, figurino, cenário, efeitos especiais, animação.

Resenhar DVDs ou CDs também é possível. Veja um exemplo:

O Violinista que Veio do Mar

(Ladies in Lavender; Inglaterra, 2004. Imagem)

(VEJA, 15 fev. 2006)

Os ingleses têm um superávit de grandes atrizes, mas nem por isso descuidam delas. Dirigido pelo também ator Charles Dance, esse filme tem o propósito explícito de servir de palco a Maggie Smith e Judi Dench. As veteranas interpretam duas irmãs que, certo dia, encontram um rapaz desacordado – provavelmente sobrevivente de um naufrágio – na praia defronte à sua casa. [...] *O Violinista* [...] é uma diversão amena, mas compensa pela presença de Maggie e Judi e pelos coadjuvantes que não raro roubam a cena das duas, como Miriam Margolyes, no papel da empregada Dorcas.

Ring of Fire: The Legend of Johnny Cash - Johnny Cash (Universal)

(VEJA, 25 fev. 2006)

Expoente do rock americano dos anos 50, Johnny Cash (1932-2003) não foi famoso como, digamos, Elvis Presley – mas também não viveu a decadência desse último. Ele lançou discos históricos em várias décadas e, em 1993, caiu

nas graças do público jovem novamente, ao soltar seu vozeirão num CD do U2. [...] É um aperitivo à cinebiografia *Johnny & June*, que estreia no Brasil em 10 de fevereiro e acaba de render a Joaquim Phoenix o Globo de Ouro de melhor ator, pelo papel do roqueiro.

Nas duas resenhas anteriores, os autores deram um breve resumo e fizeram uma apreciação crítica leve, tendo em vista que se tratam de clássicos.

Os elementos que devem ser avaliados em um DVD assemelham-se aos de um filme. No entanto, precisam ser acrescentados: entrevistas, *making off*, seleção de cenas e tudo o que o DVD trouxe como extra.

Em CD, os aspectos são compositores, músicos, ordem das faixas, capa, qualidade do som.

A revista *Superinteressante* também resenha *games*, como segue:

Caipiras do Pixel

(SUPERINTERESSANTE, 2002)

Em *Animal Crossing* (Nintendo) você não tem objetivos a cumprir, não enfrenta inimigos nem nada. Sua tarefa é viver numa pequena cidade. Um simulador de caipirice. Você brinca, pesca, conversa com os amigos e faz coisas normais. O legal desse cotidiano digital é o fato de ele simular a passagem do tempo real. Ligou o videogame de madrugada? No jogo vai ser de madrugada. Cada segundo virtual equivale a um segundo real. [...]

Em *games* podemos avaliar o grau de veracidade, conexão com a realidade, animação, objetivos, estratégias, cores e outros.

Com o grande número de telespectadores que assistem às novelas brasileiras, os críticos também estão fazendo avaliações desse tipo de entretenimento. Veja um exemplo:

A megera das seis

(VALLADARES, 2006)

Desde que a atriz carioca Flávia Alessandra assumiu o papel da megera Cristina na novela *Alma Gêmea*, sua filha, Giulia, de 5 anos, volta e meia é

obrigada a explicar para as amigas que a mãe – contra todas as evidências – é uma mulher *legal*.

Recentemente, a própria Flávia sentiu o peso da personagem: foi agredida por duas senhoras na rua. “As pessoas xingam muito. Outro dia jogaram uma pedra de gelo em mim, do alto de um prédio”, diz ela. Esses xingamentos, claro, equivalem a elogios: o sucesso de Cristina é mais uma prova do que uma boa vilã pode fazer por um folhetim. Com médias diárias acima dos 40 pontos no Ibope, *Alma Gêmea* está entre os maiores êxitos na faixa das seis nos últimos dez anos. Tanto que a Rede Globo resolveu esticá-la: a novela tem ido ao ar com um bloco de sete minutos a mais e teve seu desfecho adiado deste mês para março. A trama de época de Walcyr Carrasco agrada por seu humor contemporâneo, que confere um tempero atual ao tom açucarado do horário. Também caiu no gosto do público pelas tintas esotéricas – a heroína Serena (Priscila Fantin) é a reencarnação da primeira mulher de seu amado, o botânico Rafael (Eduardo Moscovis). Cada vez mais, contudo, torna-se evidente que as maldades de Cristina contra o casal são a mola propulsora da história.

Logo no início da novela, a megera armou um assalto que resultou na morte de sua prima. Em seguida, simulou uma gravidez para se casar com Rafael, viúvo da mesma. Seu ódio se confunde com a loucura: no capítulo que iria ao ar na sexta-feira, dia 6, Rafael quase morreria por causa de um incêndio causado por ela. Em estado de choque, ele ficará sob os cuidados de Cristina – que, embora pose de enfermeira gentil, vai fazê-lo passar por maus bocados. [...]

Os elementos a serem analisados em uma novela são os mesmo de um filme, podendo ser acrescentado a adequação quanto ao horário e à sequência de capítulos.

Conforme já foi dito, tudo pode ser resenhado, desde que tenha critérios técnicos que embasem a opinião expressa.

Atividades

1. Faça uma resenha crítica de um filme.

Dicas de estudo

Uma boa dica é visitar o site <www.zetafilmes.com.br>, pois lá você poderá ler resenhas críticas de vários filmes.

CUNHA, Sérgio F. *et al.* **Tecendo Textos**. Canoas: Editora da Ulbra, 1997.

Esse livro tem um capítulo dedicado à resenha crítica, inclusive com bons modelos.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.); ABREU-TARDELLI, Lígia Santos; LOUSADA, E. G. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Essa obra traz um estudo sobre resenha baseado em exercícios.

Autoavaliação

1. Faça uma resenha crítica de um CD.



Correspondências oficiais

Em todos os setores de nossa vida, precisamos saber elaborar alguns documentos oficiais que têm uma redação técnica específica. Trabalharemos aqui aqueles que consideramos mais relevantes, oferecendo conceito e modelo para todos e, quando necessário, mostrando a estrutura de alguns deles. Usamos para isso o livro das professoras Dileta da Silveira Martins e Lúbia Zilberknop – *Português Instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT*.

Ata: um documento de valor jurídico

Ata é um documento oficial, com valor jurídico, que resume os assuntos tratados em reuniões, sessões, assembleias, entre outros eventos que registram os encontros. Tem a seguinte estrutura:

- precisa ter um livro próprio com os termos de abertura e fechamento;
- é escrita, geralmente à mão, pelo secretário responsável pelo registro;
- os números mencionados nela devem ser escritos por extenso;
- não tem entrada de parágrafo, margens, espaço duplo entre as linhas, ou seja, não se deve deixar espaços que possam ser preenchidos depois que ela foi encerrada;
- evita-se o uso de abreviações, usando-se o nome completo e por extenso;
- no corpo do texto, menciona-se a pauta da reunião e o posicionamento final, deixando de fora o detalhamento;
- as folhas do livro devem ser *todas* numeradas e rubricadas pelo secretário que tem o nome nos termos de abertura e fechamento;
- não pode ser rasurada. No caso de erro, usa-se a palavra *digo* entre vírgulas, colocando-se a correção após o aparecimento desse termo.

Nas livrarias, podemos adquirir livros que já contêm os termos de abertura e encerramento. Mesmo assim, daremos um modelo de cada um deles.

Modelo de termo de abertura

Contém este livro 200 (duzentas) páginas numeradas de 1 (um) a 200 (duzentos), por mim rubricadas, e se destina ao registro de Atas das Reuniões da (*colocar o nome do setor*) da (*colocar o nome da instituição*), com sede, nesta capital, na Rua (*colocar o nome da rua*), n. (*colocar o número*). A minha rubrica é a seguinte: (*colocar a rubrica que será usada em todas as folhas do livro*)

Nome da cidade,

Nome do responsável pelo livro

Assinatura

Nome em letra de forma

Modelo de termo de encerramento

Contém este livro 200 (duzentas) páginas numeradas de 1 (um) a 200 (duzentos), que, rubricadas pelo (*cargo e nome do responsável pelo livro*), destinaram-se ao registro de Atas das Reuniões da (*colocar o nome do setor*) da (*colocar o nome da instituição*), conforme se lê no Termo de Abertura.

Nome da cidade,

Nome do responsável pelo livro

Assinatura

Nome em letra de forma

Os exemplos são tirados do livro das professoras Dileta da Silveira Martins e Lúbia Zilberknop (2005, p. 149).

Modelo de ata

Ata 01

Aos oito dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e seis, reuniram-se na sala onze, às quinze horas, no setor de Serviço de Orientação Educacional, no prédio da Escola Estadual Conhecimento, a coordenadora pedagógica

– Maria dos Santos – e os professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. Depois de cumprimentar os professores, a coordenadora apresentou os gráficos da escola que possuem o número de reprovados nas disciplinas. Apontou para o grande número de alunos não aprovados na disciplina de Língua Portuguesa e pediu explicações aos professores. Estes, representados pelo professor João da Silva, comentaram sobre o nível cultural e intelectual dos alunos, além do pouco incentivo que os discentes recebem em casa para o fracasso na matéria. A professora Maria sugeriu uma reunião entre pais e professores e alunos e professores para uma discussão sobre o tema. A sugestão foi aceita e os encontros serão posteriormente marcados. E, após a leitura da pauta para a próxima reunião, a coordenadora encerrou esta, da qual para constar, eu, Joana dos Anjos, lavrei esta Ata. Sala do Serviço de Orientação Educacional, em 08 de fevereiro de 2006.

Cabe ressaltar que ata não é relatório. De acordo com o nosso modelo, podemos ver que se pontua apenas a pauta e a ação em relação ao ponto. Detalhamento de atitudes e falas não se faz, exceto quando alteram o resultado final.

Atestado: conceito e modelo

Atestado é um documento que certifica um fato verdadeiro a favor ou contra alguém.

Modelo de atestado

Timbre da instituição
Atestado

ATESTO, para os devidos fins, que a professora Joana dos Santos trabalha nesta Instituição desde março de 2000.

Curitiba, 07 de fevereiro de 2006.

Beltrano de Tal
Cargo de quem atestou

Cabe ressaltar que atestar algo é muito importante, uma vez que quem assina o documento é responsável por aquilo que atestou.

Conceito de carta comercial

Segundo Martins & Zilberknop (2005, p. 163), é a carta usada pela indústria e comércio. Existe a carta comercial tradicional e a moderna.

Modelo de carta comercial tradicional

Timbre da empresa
Endereço da empresa

Curitiba, 07 de fevereiro de 2006.

À
(nome da empresa a que se destina a carta)
endereço da empresa
Nome da Cidade e Estado

Prezados Senhores:

Vimos, através desta, solicitar-lhes uma visita por parte da nossa empresa, com fins de apresentação de novos livros didáticos.

Sem mais para a presente, subscrevemo-nos

Atenciosamente
Nome de quem escreve
Cargo

Modelo de carta comercial moderna

Timbre da empresa
Endereço da empresa

07 de fevereiro de 2006.

(nome da empresa a que se destina a carta)

Prezados Senhores

Solicitamos uma visita em sua Instituição para apresentarmos nossos livros didáticos.

Atenciosamente
Nome de quem escreve
Cargo

O modelo de carta moderna surgiu justamente porque o mundo moderno não permite redundância e nem mesmo dados irrelevantes.

Circular

Segundo Martins e Zilberknop (2005, p. 175), circular é uma correspondência que possibilita uma pessoa ou setor a se dirigir a várias pessoas ou setores.

Modelo de circular

Timbre da instituição
Circular n. 001/2006

Procedência: Setor de Recursos Humanos
Assunto: Horário de saída

A chefe do setor de Recursos Humanos, no uso de suas atribuições, baixa a presente Circular:

1. Foi observado que alguns funcionários não estão cumprindo o horário de saída, uma vez que saem antes do horário estipulado pela empresa.
2. A empresa decidiu que aquele colaborador que não cumprir o seu horário na totalidade será demitido por justa causa.
3. Esta circular entra em vigor nesta data.

Curitiba, 07 de fevereiro de 2006.

Maria da Silva
Chefe dos Recursos Humanos

João dos Santos
Diretor

A objetividade é muito importante nesse tipo de correspondência. Não é possível levantar vários assuntos, sob pena de não ser adequadamente claro.

Conceito de comunicação

Comunicação é um documento que tem por objetivo tornar ciente alguém ou grupo sobre algo. Quando pública, deve-se preferir o edital, quando interna, o memorando. No entanto, quando publicada, deve ter o verbo na terceira pessoa. Divide-se em interna e externa.

Modelo de comunicação externa

COMUNICAÇÃO

Escola Estadual Conhecimento

Comunica que não funcionará do dia 01 de março até o dia 15 de março para que as obras iniciadas sejam concluídas.

Curitiba, 07 de fevereiro de 2006.

Maria da Silva
Diretora

Modelo de comunicação interna

Escola Estadual Conhecimento

Comunicado interno 01/2006

Da: Direção

Para: Professores e funcionários

Comunicamos, através desta, que a Escola não funcionará do dia 01 de março até o dia 15 de março para que as obras de melhoria iniciadas sejam concluídas.

Sendo assim, é necessário que se preveja a recuperação dessas aulas junto aos alunos.

Sendo o que tínhamos para informar, subscrevemo-nos atenciosamente

Maria da Silva
Diretora

O modelo de comunicação interna pode ser mais elaborado. Na externa, é preciso comunicar somente o ponto mais importante.

Declaração: conceito e modelo

É um documento que declara algo de alguém. Órgãos públicos, porém, não podem usá-la.

Modelo de declaração

Timbre da empresa

Declaramos, para os devidos fins, que Joana dos Anjos é professora nesta Instituição desde março de 2006.

Curitiba, 07 de fevereiro de 2007.

Maria da Silva
Diretora

Assim como no atestado, a pessoa que assina a declaração é responsável por aquilo que declara.

Memorando

Memorando é um tipo de correspondência que visa à rapidez acerca do assunto tratado. Deve ser escrito em folha meio-ofício e o despacho pode ser na mesma folha ou em folha que o acompanhe.

Modelo de memorando

Timbre da instituição

N. 01/2006

Data: 07/02/2006

Para: Recursos Humanos

Assunto: Regulamentação do horário de saída

Solicito que seja comunicado aos funcionários que a não observância do horário de saída resultará em demissão por justa causa.

Nome e cargo do signatário

Conceito de procuração

Segundo Martins e Zilberknop (2005, p. 243), procuração é o instrumento por meio do qual a pessoa física ou jurídica outorga poderes à outra.

Modelo de procuração

Procuração

Por meio deste instrumento, eu, Maria da Silva, brasileira, casada, residente e domiciliada em Curitiba, na Rua dos Deuses, n. 1, professora da Escola Estadual Conhecimento, nomeio e constituo minha procuradora a senhora Joana dos Anjos, brasileira, solteira, maior, residente e domiciliada em Curitiba, Rua dos Anjos, n. 2, com o fim especial de entregar os meus cadernos de chamada na secretaria da Escola.

Curitiba, 07 de fevereiro de 2006.

Assinatura

É muito importante que a pessoa que está dando poderes à outra especifique a finalidade da procuração. Esse documento é muito perigoso quando muito amplo, tendo em vista que se dá poderes a outro para agir em lugar de outro.

Existem outros documentos que podem ser estudados no livro que consta nas referências.

Atividades

1. Preencha os campos em branco do modelo de ata. Coloque os dados que estão faltando.



Concordância verbal

Concordância verbal: conceito e casos

Mundo mágico

Conheça a história e os segredos das atrações do maior espetáculo da Terra

(BIGHETI, 2005)

É difícil que **esse universo lúdico** *tenha* origem nas sanguinolentas lutas de gladiadores, mas é isso mesmo. Foi durante o século VI a. C. que *apareceram* **as primeiras versões** desse tipo de entretenimento. Reunidas no Circus Maximus, em Roma, **150 mil pessoas** *assistiam* a apresentações nada inofensivas.

Na era medieval, **os artistas** *improvisavam* em praças públicas e feiras. Era preciso viajar para procurar público e, por isso, *nasceram* **as trupes circenses**. Formadas por famílias, **eles** *passavam* a tradição e os segredos de pai e filho.

Nas últimas décadas, no entanto, **o circo clássico** *começou* a perder espaço para **versões modernas** que *lembram* um espetáculo de dança e teatro e dispensam alguns dos personagens mais importantes das exibições originais. É o caso dos animais e do apresentador. [...]

No texto anterior, temos os sujeitos marcados em **negrito** e os verbos em *itálico*, que mostram a concordância verbal. Ela é necessária no texto para que se identifique o sujeito, uma vez que o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Geralmente, quando o sujeito é simples e o verbo aparece depois dele, o falante faz a concordância adequadamente, como segue:

Ex.: esse universo lúdico *tenha*;

150 mil pessoas *assistiam*;

os artistas improvisavam;
eles passavam;
o circo clássico começou;
versões modernas lembram.

No entanto, quando o sujeito aparece composto e com o verbo deslocado, o falante não concorda, principalmente quando fala. A produção textual nos dá a oportunidade de rever o que foi escrito. A música popular brasileira tem vários exemplos disso, como veremos a seguir:

Samba do Arnesto

Adoniram Barbosa

O Arnesto nos convidô prum samba, ele mora no Brás

Nóis fumo e não encontremos ninguém

Nóis vortemo cuma baita duma reiva

Da outra vez **nóis** num vai mais

Nóis não semos tatu!

Outro dia *encontremo* com o Arnesto

Que pediu desculpa mais nós não aceitamos

Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa [...]

A concordância verbal nesse texto está completamente prejudicada, uma vez que o sujeito é *nós* (3.^a pessoa do plural) e os verbos estão no singular.

Logo percebemos, quando dominamos os casos mais comuns de concordância verbal, que precisa-se conjugar o verbo de acordo com o sujeito. Tiramos dois exemplos do primeiro texto apresentado.

Ex.: apareceram as primeiras versões;
nasceram as trupes circenses.

Temos vários casos de concordância verbal. Explicaremos, porém, aqueles que julgamos mais importantes e mais fáceis de ocorrerem no texto que elaboramos.

Casos de concordância verbal

- Caso 1 – O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.
Ex.: **Maria** *gosta* de conhecer novas pessoas.
- Caso 2 – O verbo vai para a 3.^a pessoa do plural (eles), quando o sujeito for composto e estiver antes do verbo.
Ex.: Pedro **e Maria** *gostam* de conhecer novas pessoas.
- Caso 3 – O verbo irá para o plural ou concordará com o substantivo mais próximo, quando o sujeito estiver depois do verbo e for composto.
Ex.: *Gosta* **Maria e Pedro** de conhecer novas pessoas. Ou:
Gostam **Maria e Pedro** de conhecer novas pessoas.
- Caso 4 – Quando o sujeito for composto por pessoas diferentes e nele estiver a 1.^a pessoa do singular (eu), o verbo será conjugado na 1.^a pessoa do plural (nós).
Ex.: **Maria, Pedro, Joana e eu** *fomos* passear em Curitiba.
- Caso 5 – Quando o sujeito for composto por pessoas diferentes e nele estiver a 2.^a pessoa do singular (tu), o verbo será conjugado na 2.^a pessoa do plural (vós). Aceita-se também a conjugação concordando com *vocês*.
Ex.: **Maria, Pedro, Joana e tu** *fostes* passear em Curitiba. Ou:
Maria, Pedro, Joana e tu *foram* passear em Curitiba.
- Caso 6 – O verbo *fazer* indicando tempo e o verbo *haver* no sentido de *existir* não vão para o plural, pois ambos não têm sujeito.
Ex.: Faz *dez anos* que conheço Maria.
Faz *três horas* que Pedro espera Maria para passear.
Há *trinta alunos* em sala de aula.
Há *muitos mistérios* na vida de Maria.
- Caso 7 – Quando se tem a conjunção *ou* há duas possibilidades de conjugação verbal.
 - Quando *ou* indicar exclusão, o verbo fica no singular.
Ex.: Maria *ou* Pedro terá uma chance com a professora.
 - Quando *ou* fizer referência aos dois sujeitos, o verbo irá para o plural.
Ex.: Maria *ou* Pedro pegam o livro para a professora.

- Caso 8 – Quando o sujeito for um substantivo coletivo sem marca de plural, o verbo fica no singular.
Ex.: Uma **turma** *deixou* a professora cansada.
- Caso 9 – Quando o sujeito for um substantivo coletivo no singular especificado com substantivo no plural, o verbo tanto pode ficar no singular quanto no plural.
Ex.: **Uma turma** de alunos *deixou* a professora cansada. Ou:
Uma turma de **alunos** *deixaram* a professora cansada.
- Caso 10 – Quando as palavras *nada, tudo, ninguém* e outras que aparecerem no fim de uma oração para resumir os termos anteriores, o verbo fica no singular.
Ex.: Livros, provas, trabalhos, **nada** *fez* Maria perder o sono.
- Caso 11 – Os verbos *dar, bater e soar* concordam com o sujeito quando ele aparecer na frase. Se o sujeito não aparecer, eles concordarão com as horas.
Ex.: O **relógio** *bateu* duas horas.
Bateram duas horas.
Os **relógios** *soaram* uma hora.
Souu **uma hora**.
O **relógio** *deu* três horas.
Deram **três horas**.
- Caso 12 – Quando houver os pronomes *que* e *quem* entre o verbo e o sujeito, temos duas possibilidades.
 - O verbo concorda com o sujeito que vem antes do pronome *que*.
Ex.: Foi **Maria** *que pediu* o conselho para Pedro.
Foram **as amigas** *que pediram* o conselho para Pedro.
 - O verbo será conjugado da 3.^a pessoa do singular (ele) quando o pronome for *quem*.
Ex.: Foi **Maria** *quem pediu* o conselho para Pedro.
Foram **as amigas** *quem pediu* o conselho para Pedro.
- Caso 13 – Quando as palavras *tudo, isso, aquilo* e *isso* forem sujeito, o verbo concordará com o predicativo.
Ex.: Tudo pedem **alegrias** na vida de Maria.

- Caso 14 – O verbo *ser* concorda sempre com o predicativo, exceto quando aparecer pronomes pessoais. Nesse caso ele concordará com o pronome, sendo ele sujeito ou predicativo.

Ex.: Eu *sou* a professora hoje!

A professora *sou* **eu** hoje!

Daqui a Porto Alegre *são* **800km**.

Hoje *é* **dia 7** de fevereiro.

Hoje *são* **7** de fevereiro.

É **uma** hora da manhã.

São **duas** horas da manhã.

Quem *são* **vocês**?

O verbo *ser* tem uma conjugação difícil de fazer porque ele tem uma tabela de prioridade para concordar com o sujeito. As professoras Martins e Zilberknop (2005, p. 416) colocaram que aquele com o qual o verbo *ser* menos concorda é quando se tem uma coisa (não personativo). Ele preferencialmente concorda com expressões personativas e pronomes pessoais, como segue:

Pronome pessoal como sujeito



Pronome pessoal



Personativo



Não-personativo

- Caso 15 – Quando o sujeito simples for representado por nomes próprios no plural, há duas possibilidades:
 - Quando o nome próprio for precedido de artigo, o verbo é conjugado no plural, como segue:

Ex.: **Os Souza**s *gostam* de reunir a família.
 - Quando o nome próprio não for precedido de artigo, o verbo é conjugado no singular.

Ex.: **Atenas** *é* uma bela cidade.
- Caso 16 – Quando o sujeito for representado por pronomes interrogativos ou indefinidos no plural, seguidos das expressões *de nós* ou *de vós*, pode-

mos usar o verbo na 3.^a pessoa do plural (eles) ou concordar o verbo com *nós* ou *vós*.

Ex.:

Quais	de nós <i>gostariam</i>	de saber a verdade?
↓	↓	
Pronome interrogativo	3. ^a pessoa do plural (eles)	
Quais	de nós <i>gostaríamos</i>	de saber a verdade?
↓	↓	
Pronome interrogativo	1. ^a pessoa do plural (nós)	
Alguns	de nós <i>gostariam</i>	de saber a verdade.
↓	↓	
Pronome indefinido	3. ^a pessoa do plural (eles)	
Alguns	de nós <i>gostaríamos</i>	de saber a verdade.
↓	↓	
Pronome indefinido	1. ^a pessoa do plural (nós)	

- Quando o pronome interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo deve ficar sempre no singular.
Ex.: **Qual** de nós *gostaria* de saber a verdade?
Algun de nós *gostaria* de saber a verdade?
- Caso 17 – Quando os núcleos de um sujeito composto estiverem ligados pelo *com*, o verbo deverá ser conjugado no plural. Exceto quando *com* acompanhar adjunto adverbial de companhia.
Ex.: A menina com a sua mãe foram à Escola Estadual Conhecimento.
A menina, com a sua mãe, foi à Escola Estadual Conhecimento.
Na primeira frase, ambas foram à Escola. Já na segunda frase, a menina foi à Escola, a mãe apenas a acompanhou.
- Caso 18 – Quando o sujeito for representado pela expressão *um dos que*, o verbo vai para o plural.
Ex.: Pedro foi **um dos** alunos **que** conseguiram passar por média.
- Caso 19 – Quando o sujeito for pronome de tratamento, o verbo é conjugado na 3.^a pessoa do singular (ele).

Ex.: **Vossa Excelência** está convidado para a festa.

Uma dica que ajuda no momento de fazer a concordância quando se tem nomes é trocá-los por pronomes equivalentes. Feito isso, concorde o verbo com o pronome, como foi feito nos casos 1, 2, 3, 4 e 5.

Sem dúvida, para de fato aprendermos a concordância, temos, necessariamente, que praticá-la e usá-la de forma consciente. Devemos lembrar que um texto com graves problemas de concordância verbal não comunicará o que deseja, falhando assim no processo comunicativo.

Atividades

1. Concorde o verbo entre parênteses com o sujeito da frase.

1. _____ muitos alunos na Escola Estadual Conhecimento. (Haver)

2. _____ muitos alunos na Escola Estadual Conhecimento. (Existir)

3. _____ muitos alunos na Escola Estadual Conhecimento. (Dever)

4. Foram eles que _____ a mensalidade da Escola. (Pagar)

5. Foram eles quem _____ a mensalidade da Escola. (Pagar)

6. _____ três horas no relógio da Escola. (Bater)

7. O relógio da Escola _____ três horas. (Soar)

8. Maria, Pedro Joana e eu _____ amanhã. (Sair)

9. Maria, Pedro, Joana e tu _____ amanhã. (Sair)

Dicas de estudo

A gramática deve ser escolhida pelo próprio usuário. Ele é quem deve descobrir, entre as várias gramáticas existentes, qual explica melhor o conteúdo, ou seja, qual ele entende melhor. Mesmo assim, segue a indicação de algumas boas gramáticas:

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. 19. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

SAVIOLI, Francisco Platão. **Gramática em 44 Lições**. 32. ed. São Paulo: Ática, 2000.

Autoavaliação

1. Aponte, no texto abaixo, a palavra com a qual o verbo em negrito concorda.

Natureza em fúria

Além de causar destruição, as piores catástrofes naturais de todos os tempos ajudaram a moldar nossa história

(LOPES)

Nós, humanos, **pensamos** que tudo na Terra está sob nosso controle. Mas, de vez em quando, a natureza **inventa** jeitos devastadores de provar que isso não **passa** de mera presunção.

Pode não ser consolo, mas o planeta só **continua** favorável à vida, em parte, porque esses desastres **acontecem**. Quando as placas tectônicas (as *balsas* de rocha sobre as quais os continentes se **apoiam**) se **chocam** criando vulcões, terremotos e ondas gigantes chamadas *tsunamis*, novas rochas e solos **nascem**. “A água, o dióxido de carbono e o enxofre essenciais para a criação e manutenção da vida são reciclados pelos vulcões”, **afirmou** o geólogo Simon Winchester no livro *Krakatoa*.

Além de provocar mortes e mudanças físicas no planeta, os grandes desastres ajudaram também a virar do avesso a história humana. Com isso em mente, **fizemos** uma lista dos mais assustadores ataques de fúria da natureza e chegamos a cinco que **podem ser considerados** os mais marcantes de todos os tempos. Candidatos fortes ficaram de fora, como o terremoto que **teria matado** 830 mil pessoas na província chinesa de Shensi, em 1556. Mas, além da conta assustadora de vítimas, outros espasmos atmosféricos e geológicos **inspiraram** revoluções, derrubaram governos e fizeram o homem repensar a sua relação com a natureza. [...]



Concordância nominal

Leia o texto abaixo:

Caldeirão de culturas

*A **miscigenação** característica de nosso **povo** também é um traço marcante do **português** falado no Brasil*

(LUCCHESI, 2006, p. 43-45)

Cada vez mais o Brasil assume sua **identidade pluriétnica**. Assistimos a um despertar da consciência de que, ao longo de mais de 500 anos de história, *diversos povos* se entrecruzaram, no mais das vezes de **forma dramática e violenta**, para formarem a **sociedade brasileira**.

Isso se traduz no *crescente* **reconhecimento** das diferenças de cor de pele, **das diversas tradições culturais** e *dos múltiplos* **hábitos** que compõem a **riqueza cultural** de *nossa* **sociedade**. E, não deixa de impressionar que, por sobre *esse imenso* **mosaico cultural**, se estenda *uma única língua*: a portuguesa. *É essa a* **língua materna** da quase totalidade da população do país. [...]

No trecho da reportagem estão **em negrito** os substantivos e em *itálico* os determinantes. A concordância entre eles permite ao leitor saber a quem se referem as palavras que caracterizam, determinam e especificam o substantivo. Os determinantes sempre concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem. Embora o usuário da língua use, na grande parte do tempo, os determinantes, poucos sabem o que são. Determinantes são palavras que se referem ao substantivo para qualificá-lo, especificá-lo.

Ex.: A **menina brasileira** aprecia feijoada.

Ocorrências de concordância nominal

A concordância ocorre entre:

- Artigo e substantivo

Ex.: a **menina**; as **meninas**; o **menino**; os **meninos**.

Cabe aqui lembrar o que é artigo e substantivo. Artigo é a palavra variável que acompanha o substantivo e o define ou indefine. Varia em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural). Substantivo é a palavra que dá nome aos seres, às coisas existentes no mundo. Varia em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e grau (aumentativo e diminutivo).

■ Adjetivo e substantivo

Ex.: **menina** *querida*; **meninas** *queridas*; **menino** *querido*, **meninos** *queridos*.

O adjetivo é a palavra da Língua Portuguesa que expressa qualidade, característica, modo de ser. Varia em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e grau (aumentativo e diminutivo), dependendo do nome a que se refere.

■ Numeral e substantivo

Ex.: *uma* **menina**, *duas* **meninas**; *um* **menino**, *dois* **meninos**.

Numeral é a palavra que expressa quantidade. Varia em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e pode acompanhar ou substituir o substantivo.

■ Pronome e substantivo

Ex.: conheci a **menina**, conheci-*a*; conheci as **meninas**, conheci-*as*.

Conheci o **menino**, conheci-*o*; Conheci os **meninos**, Conheci-*os*.

Pronome é a palavra que substitui um substantivo. Varia em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e pessoa (eu, tu, ele, nós, vós e eles). Desempenha funções de substantivo e adjetivo.

■ Predicativo e sujeito

Ex.: a **menina** *é linda*, as **meninas** *são lindas*; o **menino** *é lindo*, os **meninos** *são lindos*.

Predicativo é uma função gramatical. É o termo que aparece depois dos verbos de ligação (ser, estar, parecer, continuar, andar, ficar, permanecer etc.) e tem a função de qualificar o sujeito ou o objeto.

Casos de concordância nominal

■ Caso 1: o adjetivo concorda com o substantivo a que se refere em gênero e número.

Ex.: A *estudiosa* **Maria** ficou lendo em casa.

- Caso 2: quando o adjetivo se referir a dois substantivos de gêneros diferentes, e aparecer depois deles, haverá duas possibilidades de uso.

- O adjetivo vai para o masculino plural.

Ex.: **As meninas e os meninos** *esforçados* estudam na Escola Estadual Conhecimento.

- O adjetivo pode concordar com o substantivo mais próximo.

Ex.: **Os meninos e as meninas** *esforçadas* estudam na Escola Estadual Conhecimento.

No entanto, na Língua Portuguesa, se optamos em concordar o adjetivo com o substantivo mais próximo, como fizemos no exemplo anterior, passamos a impressão ao ouvinte que estamos chamando de *esforçadas* somente as meninas. Embora esteja gramaticalmente se referindo aos dois sujeitos (meninos e meninas), não estamos acostumados a empregar a forma feminina em um substantivo masculino. Por isso, parece que estamos excluindo-o da caracterização. É sempre aconselhável usarmos o masculino plural, pois assim evitamos problemas com o processo comunicativo. Porém, precisamos conhecer todas as possibilidades, pois há ocasiões em que se faz necessário ter esse conhecimento, como vestibulares e concursos.

- Caso 3: o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo quando ele vier antes dos dois substantivos de gêneros diferentes a que se refere.

Ex.: *Esforzada* **menina e meninos** estudam na Escola Estadual Conhecimento.

Quando o adjetivo vem antes dos substantivos a que se refere, não há outra opção, temos que concordar com o núcleo mais próximo, mesmo que o sentido, para o leitor, fique comprometido. Mais uma vez, no exemplo acima, parece que estamos nos referindo apenas à menina, quando na verdade o adjetivo se refere aos dois sujeitos.

- Caso 4: quando tivermos dois adjetivos que se referem a um mesmo substantivo, haverá duas opções.

- O substantivo fica no singular se o segundo adjetivo vier precedido de um **artigo**.

Ex.: O estudo da **concordância** *nominal* e da *verbal* é importante para produção de textos.

Esse caso é bastante importante, uma vez que a maioria dos usuários não faz essa concordância. A presença do **artigo** mostra que, embora a palavra *concordância* não esteja escrita, ela está implícita na frase, permitindo que o substantivo expresso fique no singular.

- O substantivo vai para o plural se o segundo adjetivo não vier precedido de artigo.

Ex.: O estudo das **concordâncias** *nominal e verbal* é importante para produção de textos.

- Caso 5: o predicativo concorda com o sujeito em gênero e número.

Ex.: **Maria** está *furiosa*.

As meninas estão *furiosas*.

- Caso 6: o predicativo vai para o masculino plural quando o sujeito for composto de gêneros diferentes.

Ex.: **As meninas e os meninos** estão *cansados*.

Para os casos 5 e 6, o mais fácil é trocar os substantivos por pronomes e concordar o adjetivo com eles.

Ex.: **Maria** está *furiosa*.

Ela está *furiosa*.

As meninas estão *furiosas*.

Elas estão *furiosas*.

- Caso 7: quando o sujeito for um pronome de tratamento, o predicativo concorda com o sexo da pessoa a quem nos dirigimos.

Ex.: **Vossa Excelência** está *convidado* (se a autoridade for um homem).

Vossa Excelência está *convidada* (se a autoridade for uma mulher).

Precisamos tomar cuidado com o pronome de tratamento porque se uma mulher receber um convite com determinantes no masculino, provavelmente ela não se importará, uma vez que a Língua Portuguesa usa a maioria deles no masculino. No entanto, se um homem receber um convite com determinantes no feminino com certeza ele não vai gostar. Esse comportamento faz parte da nossa cultura.

- Caso 8: expressões formadas por *ser* + *adjetivo* apresentam duas possibilidades:

- O adjetivo da expressão concorda com o substantivo a que se refere se este vier precedido de artigo.

Ex.: É *proibida* **a entrada** de pessoas estranhas.

A presença do artigo permite que haja concordância entre o adjetivo da expressão e o substantivo que vem depois.

- O adjetivo da expressão permanece no singular se o substantivo a que se refere não vier acompanhado de artigo.

Ex.: É *proibido* **entrada** de pessoas estranhas.

- Caso 9: o pronome concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Ex.: Pegou o **livro** e leu-o.

Tendo em vista que o pronome é a palavra que substitui o nome, ele deve concordar com o substantivo substituído.

- Caso 10: as palavras *anexo* e *incluso* concordam com o substantivo a que se referem.

Ex.: Ao relatório, estão *anexas* as **fotos**.

À carta, está *incluso* o **documento**.

É preciso ter cuidado, pois a expressão *em anexo* não varia.

- Caso 11: as palavras *mesmo*, *próprio*, *quite* e *obrigado* concordam com o substantivo a que se referem.

Ex.: **Elas** *mesmas* disseram que estavam *quites*.

– Muito *obrigada!* – disse-me a *própria* **menina**.

Geralmente, a mulher brasileira diz *muito obrigado* quando vai agradecer. Porém, esse uso, no português-padrão, só pode ser feito pelos homens e as mulheres devem usar o feminino dessa palavra.

- Caso 12: as palavras *bastante*, *muito*, *pouco*, *meio*, *caro*, *barato* variam concordando com o substantivo a que se referem e não variam quando se referirem a adjetivo ou verbo.

Ex.: Esperamos *muito* **amor** na vida! (**Amor** é substantivo abstrato e não varia, portanto *muito* também não).

Esperamos *muitas* **leituras** na vida! (**Leitura** é substantivo concreto e varia, portanto *muito* pode flexionar em gênero e número)

Tu és *bastante* **atenciosa**. (A palavra *bastante* não pode ir para o plural porque se refere a **atenciosa**, que é um adjetivo)

Tu fazes *bastantes* **exercícios**. (**Exercícios** é substantivo concreto e varia, portanto *bastante*, que se refere a concreto, pode ir para o plural)

Maria estava um *pouco* **triste**. (**Triste** é adjetivo, portanto *pouco* não pode ir para o plural por se referir a esse adjetivo)

Poucas **pessoas** sabem ser felizes. (**Pessoas** é substantivo concreto, portanto *pouco* pode flexionar em gênero e número)

Maria estava *meio* **triste**. (**Triste** é adjetivo, portanto *meio*, que se refere a **triste**, não pode ir para o plural)

Maria tomou *meia* **garrafa** de leite. (**Garrafa** é substantivo concreto, portanto *meio*, que se refere à **garrafa**, pode flexionar em gênero e número)

- Caso 13: a concordância de nomes compostos pode seguir a tabela elaborada por Martins e Zilberknop (2004, p. 386).

Concordância de nomes compostos

Flexão dos dois elementos	
Substantivos formados por	Exemplos
substantivo + substantivo	cirurgiã(s)/ão(ões)-dentistas(s)
substantivo + adjetivo	amor(es)-perfeito(s)
adjetivo + substantivo	livre(s)-pensador(es)/a(s)
Flexão apenas do segundo elemento	
Substantivos formados por	Exemplos
Verbo + substantivo	porta-retrato(s)
Verbo + verbo	puxa-puxa(s)
Substantivos e adjetivos formados por	Exemplo
advérbio + adjetivo (ou particípio)	alto-falante(s)
Adjetivos compostos formados por	Exemplo
adjetivo + adjetivo	greco-latino(s)/a(s)

Flexão apenas do primeiro elemento	
Substantivos formados por	Exemplos
Substantivo + de + substantivo	pé(s)-de-moleque
Substantivo + substantivo	caneta(s)-tinteiro
Invariáveis	
Advérbio formado por	Exemplo
advérbio+ advérbio	assim-assim
Adjetivo composto formado por	Exemplo
adjetivo + substantivo	(índios) pele-vermelha

- Caso 14: o nome de cor que tem sua origem em um substantivo não varia. A única exceção é para a cor *lilás*.

Ex.: A **blusa** *pastel* é linda.

As **blusas** *pastel* são lindas.

O **batom** *vermelho-rubi* fica bem para a tua pele.

Os **batons** *vermelho-rubi* ficam bem para a tua pele.

A **flor** *lilás* floresceu hoje pela manhã.

As **flores** *lilases* floresceram hoje pela manhã.

- Caso 15: o nome de cor vinda das cores, quando adjetivo, concorda com o substantivo. As exceções são *bege*, *azul-marinho* e *azul-celeste*.

Ex.: Maria tem um **casaco** *branco*.

Maria tem **casacos** *brancos*.

Maria tem **casacos** *azul-claros*.

Maria tem **casacos** *azul-celeste*.

Os casos mais importantes de concordância nominal foram apresentados. O ideal é procurar exercícios em gramáticas e livros didáticos para fixar o conteúdo.

Nunca esqueça que a quebra de concordância no texto prejudicará a mensagem que se deseja passar. Portanto, torna-se necessário que, ao terminarmos de escrever, façamos uma revisão em busca de possíveis casos de falta de concordância.

Atividades

1. Faça a concordância nominal adequando a palavra que está entre parênteses
 1. A _____ Maria disse, emocionada: "Muito _____ !". (próprio/obrigado)
 2. _____ portuguesa e espanhola são de origem indo-europeia. (a língua)
 3. _____ portuguesa e a espanhola são de origem indo-europeia. (a língua)
 4. Alunos e alunas _____ estudam na Escola Estadual Conhecimento. (esforçado)
 5. _____ alunas e alunos estudam na Escola Estadual Conhecimento. (esforçado)
 6. É _____ a visita de familiares. (permitido)
 7. É _____ visita de familiares. (permitido)
 8. É meio dia e _____. (meio)
 9. Estava _____ feliz com o resultado da prova. (bastante)
 10. Estava com _____ provas para fazer. (bastante)

Dica de estudo

Sugiro a leitura do livro:

MARTINS, D. A. P. S.; ZILBERKNOP, L. S.. **Português Instrumental**: de acordo com as atuais normas da ABNT. Porto Alegre: Sagra, 2005.

Autoavaliação

1. Aponte, no texto abaixo, a palavra com a qual os determinantes em negrito concordam.

Caldeirão de culturas

A miscigenação característica de nosso povo também é um traço marcante do português falado no Brasil

(LUCCHESI, 2006, p. 43-45)

[...]

Mas nem sempre foi assim. Rosa Virgínia Mattos e Silva, grande nome da pesquisa sobre a história da Língua Portuguesa, define bem (1) **a** história **linguística** do Brasil como a passagem de um “multilinguismo generalizado para um multilinguismo localizado”. Hoje, existem cerca de 180 línguas indígenas que ainda sobrevivem (2) **no** território **brasileiro**, além das línguas dos núcleos dos imigrantes, como alemães, italianos, japoneses, coreanos etc.

(3) **A grande** homogeneidade **linguística** do Brasil faz-nos esquecer de que por muito tempo (4) **a** Língua Portuguesa teve que conviver com grandes contingentes de falantes nativos de línguas (5) **indígenas** e **africanas** e de como esse convívio afetou a nossa história linguística.

No início da colonização, na década de 1530, habitavam o território brasileiro cerca de 2,4 milhões de índios. (6) **Esse** número foi drasticamente **reduzido** já (7) **no primeiro** século de ocupação europeia, em função da beligerância dos colonizadores, (8) **do** trabalho **forçado** e, sobretudo, (9) **das** epidemias de varíola, malária, sífilis e de (10) **todas as** doenças trazidas pelo homem branco, contras as quais as populações indígenas não tinham defesas orgânicas. [...]



Emprego da vírgula e dos porquês

O porquê do envelhecimento

(D'ÁVILA, 2006)

Josemar fazia Gnani Yoga, a yoga da sabedoria, e já havia aprendido respostas para muitas questões, como por exemplo: *por que* nascemos aqui no mundo, *por que* sofremos e gozamos, *por que* morremos e o que nos acontecerá depois da morte. Um dia, porém, esbarrou numa questão que julgava irrespondível. Não conseguia descobrir o *porquê* dos *porquês* das coisas que acontecem no mundo. Consultou seu guru:

– Mestre, me esclarece sobre o *porquê* dos *porquês* das coisas que acontecem com a gente aqui no mundo?

Disse-lhe o mestre:

– Não vou lhe afirmar que esse *porquê*, do qual você procura a resposta, esteja respondido na Lei do Carma, *porque* você me perguntaria o *porquê* da Lei do Carma, então dar-lhe-ei minha resposta fazendo-lhe uma pergunta: Qual é o *porquê* da vida?

Josemar, para não ficar calado, arrumou uma resposta:

– O *porquê* da vida é ser sinônimo de existência, *porque* tudo que existe vive e *porque* tudo que vive envelhece.

– Você se complicou: meteu mais dois *porquês* na questão sem resposta, o *porquê* de que tudo que existe vive e o *porquê* de que tudo que vive envelhece.

– Sim, mestre, sabemos que isso é uma verdade incontestável, ao verificarmos quimicamente as modificações que acontecem com o passar dos tempos em certas substâncias minerais que alteram suas propriedades, a exemplo do alumínio que sofre endurecimento progressivo, da borracha que perde a elasticidade, das soluções coloidais que se deturpam com o tempo, e do período de tempo que a radioatividade de uma substância precisa para reduzir de 0,3697 o seu valor original – uma perda que podemos encarar como envelhecimento. [...]

No texto anterior, temos, desde o título, o uso de vários *porquês*. Notamos, como usuários da língua, que cada grafia da palavra tem um valor, um sentido diferente. E por que é importante aprendermos os porquês? Se o usuário não usar o porquê adequado para a situação, não saberemos do que ele está falando, nem a mensagem que deseja passar.

Emprego dos porquês

Por que

- Aparece no início de frase interrogativa.
Ex.: *Por que* Maria está feliz?
Nós aprendemos uso nas séries iniciais como sendo o porquê de pergunta.
- Quando, no meio da frase, pode ser substituído pelas expressões *pelo(s) qual(is), o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is)*.
Ex.: A razão *por que* todos ficaram felizes foi a presença de Maria.
- Depois das palavras *daí* e *eis*, deve ser usado *por que*.
Ex.: Eis *por que* todos estão felizes.
- No início de títulos.
Ex.: *Por que* gostamos de carnaval.

Porque

- Deve ser usado quando assumir o sentido de *pois, porquanto, por causa que*.
Ex.: Ela está feliz *porque* encontrou Pedro.

Por quê

- É usado antes do sinal de pontuação ou no final da frase.
Ex.: Ela está feliz, *por quê?*

Porquê

- É usado quando assumir o sentido de *motivo*, ou quando representar a palavra porquê.

Ex.: Maria não sabe o *porquê* de tanta felicidade.

A palavra porquê é de suma importância para a compreensão do texto.

Para alguns desses usos, o falante nativo não encontra problemas. Na verdade, o uso menos conhecido é do porquê separado, sem acento e no meio da frase. A grande dica aqui é, quando temos dúvidas sobre qual deles usar, tentar substituí-los pelas palavras equivalentes. Nunca um *pois* poderá substituir um porquê que significa, por exemplo, *motivo*. Logo, vale a pena fazermos isso para que o sentido não seja prejudicado.

Casos de emprego da vírgula

Usar adequadamente a vírgula no texto é, na maioria das vezes, muito difícil para o usuário. Isso porque as gramáticas trazem as regras com nomenclaturas muito técnicas, que estão fora da realidade linguística do falante. Sendo assim, decidimos compilar essas tantas regras em apenas dez, mudando a forma de abordar as razões pelas quais colocamos vírgulas. Algumas das normas apresentadas aqui não serão encontradas dessa forma na gramática, mas elas abrangem as regras que estão lá. Portanto, colocamos vírgulas quando ocorrerem as situações que estão abaixo explicadas.

Quando houver um aposto na frase

Ex.: O SOE, Serviço de Orientação Educacional, tem uma orientadora pedagógica como responsável.

Aposto é um substantivo ou locução substantiva que caracteriza, determina e especifica o termo anterior. É um termo acessório, uma vez que não afeta a mensagem principal. No entanto, é inegável que ele melhora a informação.

No exemplo acima, para quem não é da área da educação, o aposto ajuda a entender a sigla.

Quando houver um vocativo

Ex.: Maria, venha aqui!

Venha, Maria, aqui!

Venha aqui, Maria!

Vocativo é um chamamento. Também é um termo acessório, pois não faz parte da mensagem principal.

Quando a ordem direta do português for invertida

Ex.: Maria estuda na Escola Estadual Conhecimento.

Na Escola Estadual Conhecimento, Maria estuda.

Maria, na Escola Estadual Conhecimento, estuda.

A ordem direta do português é *sujeito + verbo + complementos verbais + adjuntos adverbiais*. Quando a frase está nessa ordem é *proibido* o uso de vírgulas. Porém, quando decidimos, por questões comunicativas, mudar a ordem das palavras, temos que colocar vírgulas.

Quando a ordem das orações for invertida

Ex.: Embora Maria estude na Escola Estadual Conhecimento, ela frequenta a biblioteca da Escola Saber.

A ordem das orações é *oração principal + oração subordinada*; quando a trocamos, temos que colocar vírgulas.

Quando houver uma conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva

Ex.: Maria estuda na Escola Estadual Conhecimento, mas frequenta a biblioteca da Escola Saber.

Maria estuda na Escola Estadual Conhecimento, portanto ela voltará às aulas esta semana.

Vale lembrar aqui as conjunções coordenativas.

Conjunções coordenativas

Tipo/sentido	Conjunções	Locuções conjuntivas	Exemplos
<i>Aditiva</i> Estabelece relação de soma.	e, nem.	Não só... mas também.	Maria estuda na Escola Estadual Conhecimento e Pedro também. <i>Não só</i> Maria estuda na Escola Conhecimento <i>mas também</i> Pedro.
<i>Adversativa</i> Estabelece relação de oposição, de contraste.	mas; porém, todavia, contudo, entretanto, senão.	No entanto, não obstante.	Maria é muito estudiosa, <i>mas</i> foi mal na prova. Pedro não estuda muito; <i>no entanto</i> , foi bem na prova.
<i>Alternativa</i> Estabelece relação de exclusão, alternância, de escolha de um por outro.	ou, ou ... ou, ora ... ora, quer ... quer, seja ... seja.		<i>Ou</i> Maria vai à praça <i>ou</i> ela estuda.
<i>Conclusiva</i> Estabelece relação de conclusão do que foi anteriormente colocado.	assim, logo, pois (após o verbo), portanto.	Por isso, por conseguinte.	Maria estudou muito para a prova, <i>logo</i> foi bem.
<i>Explicativa</i> Estabelece relação de explicação para o fato anteriormente colocado.	que (= porque), pois (antes do verbo), porque, porquanto.		Maria foi bem na prova <i>porque</i> estudou.

Quando houver orações ligadas pelo e com sujeitos diferentes

Ex.: Maria voltará a estudar e lerá muitos livros.

Maria voltará a estudar, e Pedro lerá muitos livros.

Na primeira frase, Maria executará as duas ações expressas pelo verbo. Na segunda, ela executará apenas a primeira, pois a segunda será feita por Pedro. Logo, temos duas orações com sujeitos diferentes e por isso a vírgula ficará antes do e.

Quando ocorrer enumeração

Ex.: Livros, cadernos, borrachas e régua são materiais necessários para o começo das aulas.

Quando houver supressão do verbo

Ex.: Maria gosta de cinema; Pedro, de teatro.

Nós precisamos avisar ao nosso leitor que o verbo *gostar* deveria, a princípio, estar presente na segunda oração, mas, como isso não ocorreu porque deixaria o texto repetitivo, colocamos a vírgula para marcar essa omissão.

Quando houver expressões retificadoras ou explicativas como *isto é, ou seja, a saber, em outras palavras, digo, ou melhor, ou antes, entre outras*

Ex.: Pedro estudará linguística, ou seja, analisará a linguagem verbal humana.

Quando houver informação extra

Ex.: Pedro, menino legal, estuda na Escola Estadual Conhecimento.

Pedro, que tem muita alegria de viver, estuda na Escola Estadual Conhecimento.

Como informação extra, entendemos todo e qualquer comentário ou dado que não faça parte da mensagem principal, mas que, de alguma forma, assim como o aposto, irá melhorá-la.

Estes são os principais usos de vírgula, que mostramos de uma forma mais simples e condensada. Mais uma vez, ressaltamos a importância da realização de vários exercícios para assimilar o que foi mostrado.

Atividades

1. Empregue o *porquê* adequado.

- a) Maria quer saber _____ Pedro anda tão triste.
- b) Todos sabem que Pedro anda triste _____ foi mal na prova.
- c) Maria saiu mais cedo da aula; _____?

- d) _____ todos foram mal na prova de Língua Portuguesa?
- e) O _____ de tantas notas baixas é a falta de estudo.
- f) Eis _____ tantos foram mal na prova: falta de estudo.
- g) A palavra _____ precisa ser bem empregada para não comprometer o texto.
- h) Maria é querida por todos _____ é muito comprometida com seus estudos.
- i) Maria é querida por todos. _____?
- j) A aluna _____ tanto brigo é Maria.

2. Coloque vírgulas quando necessário e justifique com o número da regra.

- a) Aposto
- b) Vocativo
- c) Inversão na ordem das palavras
- d) Inversão na ordem das orações
- e) Conjunções explicativa ou adversativa
- f) Orações unidas pelo e com sujeitos diferentes
- g) Enumeração
- h) Omissão do verbo
- i) Palavras retificadoras ou explicativas
- j) Informação extra
- () Maria estuda inglês; Pedro espanhol.
- () Todos os dias Maria e Pedro vão para a escola.
- () Ler redigir representar e declamar são algumas das atividades da aula de Língua Portuguesa.
- () Maria chama o Pedro!
- () Maria excelente aluna da escola é muito amiga de Pedro.
- () Maria é muito irresponsável digo responsável.

- () Maria aluna da professora Joana é muito estudiosa.
- () Maria foi para a escola e esqueceu o livro em casa.
- () Maria foi para a escola e Pedro esqueceu o livro em casa.
- () Ainda que Maria seja estudiosa ela tirou nota baixa na prova.
- () Maria é muito dedicada por isso teve nota boa na prova.

Dicas de estudo

CAMARGO, Thaís Nicoleti de. **Uso da Vírgula**. São Paulo: Manole, 2005. (Coleção: Entender o Português).

A gramática deve ser escolhida pelo próprio usuário. Ele é quem deve descobrir, entre as várias gramáticas existentes, qual explica melhor o conteúdo, ou seja, qual ele entende melhor. Mesmo assim, segue a indicação de algumas boas gramáticas.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. 19. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

SAVIOLI, Francisco Platão. **Gramática em 44 lições**. 32. ed. São Paulo: Ática, 2000.

Autoavaliação

1. Preencha o texto abaixo com o *porquê* adequado.

Tento entender o (1) _____ das coisas? Talvez (2) _____ seja uma pessoa curiosa ou, quem sabe, chata. Na verdade, nem tudo tem um (3) _____; (4) _____? A resposta está no modo de como agimos na vida.

Se formos indecisos, o nosso (5) _____ será sempre o de interrogação – separado, sem acento. Se formos de agir, de dar respostas ao mundo, então o nosso (6) _____ será o de resposta – junto, sem acento. Se formos de agir e depois questionar as nossas atitudes, o nosso (7) _____ será o de pergunta no final da frase – separado, com acento. Mas se formos de buscar a razão, o motivo para as nossas atitudes, o nosso (8) _____ será aquele que é substantivo – junto, com acento. No fim, nós escolheremos qual deles melhor se encaixa no nosso modo de ver a vida e ninguém mudará isso, (9) _____ temos que ser valentes!

2. Coloque as vírgulas que foram retiradas do texto abaixo.

Amizade duradoura e produtiva

Maria Cecília Suguiyama professora de Educação Infantil da Escola Móvil de São Paulo tem uma relação especial com Escola. “Conheci a revista numa banca quando ela estava no número 16 em outubro de 1987 e de lá para cá nunca mais deixei de ler.” Ciça como é conhecida entre os colegas e alunos tornou-se assinante um ano depois. “Guardo em casa as edições que trazem textos da minha área.” As demais ela socializa com os colegas. “Levo para a escola e incentivo outros professores a lerem mas fico de olho para que nenhuma suma.” O aprimoramento das reportagens nesses quase 17 anos é um ponto decisivo na hora da professora renovar a assinatura. “Ainda vamos passar muitos anos juntas.” (NOVA ESCOLA, 2004).



O significado das palavras no contexto

Para escrevermos um bom texto, precisamos ter ciência do significado das palavras. Nas nossas conversas diárias, não temos problemas para empregar a palavra certa no contexto discursivo. Porém, quando vamos escrever, apagamos esse domínio e acabamos por usar termos com sentidos equivocados para o contexto que criamos para aquela situação. Sendo assim, devemos ter consciência que as palavras da Língua Portuguesa circulam em dois campos: o semântico e o lexical. Segundo Mesquita (1999, p. 156), “campo semântico diz respeito às diferentes acepções que uma mesma palavra pode assumir em contextos diferentes”. Um exemplo disso é a palavra *cabeça*, como segue:

Ex.: Estou com dor de cabeça. (Parte do corpo)

Pedro é o cabeça do movimento. (Líder)

Pedro é o cabeção da turma. (Inteligente)

Maria não viu a cabeça do alfinete. (Extremidade arredondada de um objeto)

Embora exista um sentido primeiro para essa palavra, temos o costume de usá-la com vários outros significados que se encaixam em determinados contextos.

Há ainda o campo lexical que, conforme Mesquita (1999, p. 156), tem a seguinte característica: “o campo lexical é constituído por palavras que se relacionam entre si, designando referentes que cabem numa área particular da realidade. São palavras que poderiam ‘conviver’, ‘coexistir’ num mesmo contexto.” Um termo como *escola de samba*, por exemplo, tem o seguinte campo lexical: ala, carro alegórico, samba-enredo, ensaio, passista, mestre-sala, porta-bandeira, destaque, puxador, bateria, rainha da bateria, destaque.

Esse campo é muito importante para que possamos manter a coesão e a coerência textual. Se estou falando de escola de samba, não posso usar palavras relacionadas à cozinha, pois isso quebraria a unidade do texto.

Denotação e conotação: conceito

A língua é viva, ela muda sempre que nossas necessidades forem aumentando ou mudando. Sendo assim, as palavras que nós usamos também terão outros sentidos acrescidos. É mais econômico, em termos de língua, adicionar mais um sentido a uma palavra do que criar uma nova.

Na língua temos dois sentidos: o *denotativo* e o *conotativo*. O primeiro é o literal de uma palavra, é o sentido primeiro do termo no dicionário.

Ex.: Massa – uma medida de farinha misturada com água ou outro líquido, formando pasta.

O segundo é o figurado, ou seja, todos os outros sentidos mencionados no dicionário que se distanciam do sentido primeiro.

Ex.: Massa – povo, população

Quando empregamos o sentido denotativo, como falantes nativos, não temos problemas para identificar o sentido. Porém, o uso do conotativo exige uma contextualização. Vejamos as frases abaixo:

1. Pedro é muito detalhista. Sempre quer saber tudo, com medo que saia algo errado. Ele é um mala!
2. A mala de Pedro está pesada.

Na primeira frase tivemos que explicar melhor a situação para que pudéssemos empregar *mala* no sentido de *chato*, ou seja, conotativamente. Já na segunda situação, não precisamos de tantos dados, uma vez que usamos denotativamente a palavra *mala*. Por que isso? O usuário da língua tem a tendência de acionar primeiro o denotativo e depois, com a contextualização, o conotativo.

A publicidade faz muito uso do sentido conotativo para vender seus produtos. Vamos ver alguns exemplos:

“Seja uma mãe coruja. Mande seus filhos para a casa dos avós e passe a noite inteira acordada”. Campanha publicitária do suco Clight.

“Prenda a atenção dos outros, solte seus cachos.” Campanha publicitária do xampu Dove.

Na primeira propaganda, a palavra *coruja* se refere às mães que acham seus filhos os melhores, que são excelentes e cuidadosas com a prole. Na segunda, a palavra *prenda* é no sentido de *obter por muito tempo* a atenção dos outros e *cachos* diz respeito a cabelos encaracolados. Para que os produtos sejam vendidos, é preciso que o leitor entenda esses sentidos.

Existem algumas palavras que, devido a características específicas, precisarão sempre de um contexto ou de uma atenção maior do ouvinte, mesmo que estejam sendo empregadas no sentido primeiro, como nos seguintes casos:

- *homonímia* – as palavras têm a mesma pronúncia e grafia, mas sentidos diferentes. O contexto é essencial para a compreensão.

Ex.: A manga está boa. (A medida da manga da camisa)

A manga está boa. (A fruta)

- *polissemia* – a mesma palavra tem vários sentidos.

Ex.: O fim do período é marcado pelo ponto.

O ponto de partida para o raciocínio foi a leitura do livro.

O ponto cruz deixa o bordado mais bonito.

- *paronímia* – as palavras têm grafia e sons semelhantes e sentidos diferentes.

Ex.: O tráfego de carros é intenso no verão.

O tráfico de animais silvestres é proibido no Brasil.

Carlos Alberto Faraco escreveu um texto que explica muito bem por que isso acontece.

Ninguém segura a língua

(FARACO, 2006)

[...]

Diante de todo esse quadro praticamente inesgotável de recursos, podemos afirmar que uma língua é um universo infinito e em contínuo movimento. Mesmo que conseguíssemos juntar num megadicionário todas as palavras da língua (com os diferentes sentidos de cada uma delas) e apresentar numa megagramática todos os princípios que regem a construção dos enunciados estruturalmente possíveis na língua (cobrindo toda a gama de

suas variedades), ainda assim a língua como tal nos escaparia. E isso porque ela não é uma realidade estática, que possa ser congelada num dicionário ou numa gramática. Ela não é um tesouro, uma mera coleção de sons, palavras e enunciados. A língua é, de fato, uma realidade dinâmica, plástica e aberta, em contínuo movimento, tal qual a experiência humana. E ela tem de ser assim, porque, de outro modo, não seria capaz de dar forma à multiplicidade de eventos de expressão e interação que ocorrem continuamente no interior da sociedade que fala (ou, como no caso do Português, das sociedades que a falam).

Assim, no mesmo momento em que estivéssemos terminando nosso megadicionário, novos sentidos estariam sendo agregados às velhas palavras e novas palavras estariam sendo criadas ou incorporadas de outras línguas. Mesmo que conhecêssemos integralmente os princípios das alterações semânticas das palavras ou da criação e incorporação de novas palavras, sua manifestação ou direção são, de fato, imprevisíveis.[...]

Dificuldades mais frequentes na Língua Portuguesa

Existem palavras na nossa língua que, por causa de semelhanças na grafia e na pronúncia, deixam-nos com problemas no uso apropriado delas no texto. Abaixo estão aquelas que achamos mais relevantes mencionar, mas existem outros casos que podem ser encontrados em qualquer gramática da nossa língua.

■ *Cessão / sessão / seção*

- Cessão = cedência. É proveniente do verbo ceder.

Ex.: A cessão dos direitos autorais facilita o mercado editorial.

- Sessão = duração de um evento.

Ex.: A sessão de cinema estava lotada.

- Seção = setor de uma empresa.

Ex.: A seção de roupas femininas está em liquidação.

É bem verdade que *cessão* não é muito usado por nós. Mas é importante que se saiba a sua grafia e sentido para que não confundamos com as outras duas.

■ Há/a

- Há: indica tempo passado. Pode ser substituído por *fazer*.

Ex.: Há duas horas que estou aqui.

Faz duas horas que estou aqui.

- A: indica tempo futuro.

Ex.: Irei terminar o curso daqui a dois anos.

Cabe lembrar que o *a* jamais poderá ser substituído por *fazer*, ou seja, não seria uma frase da nossa língua “irei terminar o curso daqui *faz* dois anos”. É sempre aconselhável, em caso de dúvida, a substituição pelo verbo *fazer*.

■ Se não/senão

- Se não: indica uma condição. Pode ser substituído por *caso não*.

Ex.: Se não estudarem, não passarão de ano.

- Senão: tem sentido de *a não ser*.

Ex.: Não fazia outra coisa senão chorar.

Como falantes nativos, não usamos muito o *senão*, pois preferimos *a não ser*.

■ A fim/afim

- A fim de: é uma locução conjuntiva. Significa *com o objetivo de*.

Ex.: A fim de conseguir melhores notas, os alunos estudaram bastante.

- Afim: significa *igual, semelhante*.

Ex.: Temos ideias afins.

A única expressão que pode variar em número (singular ou plural) é o *afim*. O outro é invariável; logo, uma boa dica é tentar colocar a expressão no plural para ver qual delas se encaixa na frase.

■ A par/ao par

- A par: estar ciente de algo.

Ex.: Pedro está a par dos problemas de Maria.

- Ao par: só é usado para expressar equivalência cambial.

Ex.: O dólar está ao par do euro.

O usuário da língua que não frequenta o mercado financeiro só usa *a par*. *Ao par* não faz parte do vocabulário de grande parte da população.

■ *Ao encontro de/de encontro a*

- Ao encontro de: significa ser *favorável a, para junto de*.

Ex.: Suas ideias vão ao encontro das minhas (sentido positivo).

- De encontro a: significa *contra*.

Ex.: Suas ideias vão de encontro ao meu posicionamento (sentido negativo).

A ideia aqui é ver qual delas passa uma ideia positiva. Ninguém diz que *vai de encontro ao amigo* e muito menos *ao encontro do poste*, uma vez que notamos o valor de cada expressão nas frases elaboradas. Portanto, em caso de dúvida, façamos esse tipo de teste.

■ *A cerca de/acerca de/há cerca de*

- A cerca de: significa *a uma distância*.

Ex.: A escola fica a cerca de 100km.

- Acerca de: significa *sobre*.

Ex.: O livro é acerca de limites.

- Há cerca de: significa *faz aproximadamente, existe aproximadamente*.

Ex.: Há cerca de dois anos moro aqui.

■ *Todo o/todo*

- Todo o: significa *inteiro*.

Ex.: Toda a cidade se mobilizou na campanha do agasalho.

- Todo: significa *qualquer*.

Ex.: Todo cidadão tem que ajudar na campanha do agasalho.

■ *À toa/à-toa*

- À toa: significa *perdido*.

Ex.: "Estava à toa na vida, o meu amor me chamou, pra ver a banda passar [...]". ("A banda", Chico Buarque.)

- À-toa: refere-se a pessoas de péssimo comportamento.

Ex.: Não ande com o João. Ele é um sujeito à-toa.

■ *Concerto/conserto*

- Concerto: apresentação musical.
Ex.: Fui ao concerto da orquestra em minha cidade.
- Conserto: significa *arrumar algo*.
Ex.: O conserto do carro ficou para hoje.

■ *Mal/mau*

- Mal: é um advérbio e é o contrário de *bem*.
Ex.: Maria é mal interpretada nas suas atitudes.
- Mau: é um adjetivo e é o contrário de *bom*.
Ex.: Maria adora ouvir a história do lobo mau.

■ *A moral/o moral*

- A moral: significa conduta ética.
Ex.: Temos que zelar pela moral e bons costumes nesta casa.
- O moral: significa *ânimo*.
Ex.: Pedro está com o moral baixo porque foi mal na prova.

Esses conteúdos são essenciais para o entendimento da mensagem. Cabe ao falante empregá-los adequadamente e, para isso, deve haver a prática através de exercícios e textos.

Atividades

1. Escolha uma das palavras que está entre parênteses para preencher adequadamente as lacunas das frases abaixo.
 1. Maria foi muito _____ na prova de português. (mal / mau)
 2. Maria ia _____ Pedro, seu melhor amigo. (ao encontro de / de encontro a)
 3. A Escola Estadual Conhecimento fica _____ de três quilômetros da casa de Maria. (a cerca / acerca / há cerca)
 4. _____ tirar uma nota melhor, Maria estudou no final de semana. (a fim de / afim)

5. A mãe de Maria está _____ das notas da filha. (a par / ao par)
6. O amigo de Maria, João, está _____. (à toa / à-toa)
7. Maria irá terminar a escola daqui _____ cinco anos. (há / a)
8. Maria está _____ três anos na Escola Estadual Conhecimento. (há / a)
9. Com as médias baixas, _____ da turma ficou bastante comprometido. (a moral / o moral)
10. _____ de três aulas que Maria não entrega os temas de casa. (a cerca de / acerca / há cerca de)

Dicas de estudo

A gramática deve ser escolhida pelo próprio usuário. Ele é quem deve descobrir, entre as várias gramáticas existentes, qual explica melhor o conteúdo, ou seja, qual ele entende melhor. Mesmo assim, segue a indicação de algumas boas gramáticas:

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco M. de. **Gramática**. 19. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

SAVIOLI, Francisco Platão. **Gramática em 44 lições**. 32. ed. São Paulo: Ática, 2000.

Sugiro também a leitura da seguinte obra:

MARTINS, D. A. P. S.; ZILBERKNOP, L. S. **Português Instrumental**: de acordo com as atuais normas da ABNT. Porto Alegre: Sagra, 2005.

Autoavaliação

1. Preencha adequadamente o texto abaixo escolhendo uma das palavras que estão entre parênteses.



Emprego da crase e dos pronomes demonstrativos

A crase é a união da preposição *a* com o artigo *a* e da preposição *a* com o *a* inicial dos pronomes demonstrativos de terceira pessoa (aquele, aquela, aquilo). É indicada pelo acento grave (´).

Ex.: Como sempre, os ambiciosos visam à carreira profissional.

Como sempre, os ambiciosos visam aos cargos mais altos nas empresas.

Existem alguns casos que solicitam a crase, como veremos a seguir.

Casos de uso da crase

Diante de palavras femininas complementos de verbos que regem preposição *a*

Ex.: Pedro deu flores à amiga.

Diante de nomes de locais que se encaixem no esquema abaixo

Quem vai a,
Volta da,
Crase há.
Quem vai a,
Volta de,
Crase pra quê?

Ex.: Fui a Paris./Voltei de Paris.

Fui à bela Paris./Voltei da bela Paris.

Fui à Bahia./Voltei da Bahia.

Diante dos pronomes demonstrativos *aquele(s)*, *aquela(s)* e *aquilo*, quando eles acompanham verbos que regem a preposição *a*

Ex.: Refiro-me àquele rapaz teu amigo.

Diante da palavra *casa* quando essa vier determinada

Ex.: Voltei a casa. (Não tem crase)

Voltei à casa de Maria. (Tem crase)

Diante da palavra *distância* quando essa vier determinada

Ex.: Vi o acidente a distância. (Não tem crase)

Vi o acidente à distância de 100 metros. (Tem crase)

Diante da palavra *terra* quando ela significar *planeta* ou *lugar onde alguém nasceu*. *Terra* no sentido de *terra firme* não tem crase

Ex.: Os pescadores voltaram a terra pela manhã. (Não tem)

Fomos à terra de meus avós. (Tem crase)

Os astronautas, depois de anos no espaço, voltaram à Terra. (Tem crase)

Diante da expressão *à moda de*, estando ela expressa ou não

Ex.: Fez um gol à Pelé.

Adoro arroz à grega.

Diante do pronome relativo *a qual*

Para se ter certeza do emprego da crase nesse caso, deve-se colocar um substantivo masculino. Se a união do artigo com o pronome ficar *ao qual*, significa que *a qual* tem crase.

Ex.: A menina *à qual* me refiro é tua amiga.

O menino *ao qual* me refiro é teu amigo.

A caneta *à qual* me refiro é a azul.

O lápis *ao qual* me refiro é preto.

A bolsa *à qual* me refiro é a preta.

O colar *ao qual* me refiro é o de brilhantes.

Diante de locuções adverbiais, locuções preposicionais e locuções conjuntivas

Ex.: *Às duas horas da tarde*, tudo corria *às mil maravilhas*.

À medida que o tempo passa, ficamos mais *à vontade* com as nossas opiniões.

Abaixo estão algumas locuções que exigem crase:

<i>Às duas horas</i> (diante de horas)	<i>Às escuras</i>
<i>À medida que</i>	No que diz respeito <i>à</i> (+ palavra feminina)
<i>À proporção que</i>	No que se refere <i>à</i> (+ palavra feminina)
<i>Às cegas</i>	Quanto <i>à</i> (+ palavra feminina)
Das 2h <i>às</i> 20h	Devido <i>à</i> (+ palavra feminina)
<i>À queima-roupa</i>	<i>À noite</i>
<i>Às vezes</i>	<i>À tarde</i>

Quando as expressões *rua, loja* e *estação de rádio* estiverem subentendidas

Ex.: Fui *à* Carlos de Carvalho (*à* Rua Carlos de Carvalho).

Envie fotos de móveis *à* Florence (*à* loja Florence).

Telefonei *à* Pop Rock (*à* rádio Pop Rock).

A crase é facultativa diante de nomes próprios femininos, antes do pronome possessivo singular (minha, sua, tua)

Ex.: Dei flores a minha amiga. Ou

Dei flores à minha amiga.

Dei flores a Maria. Ou

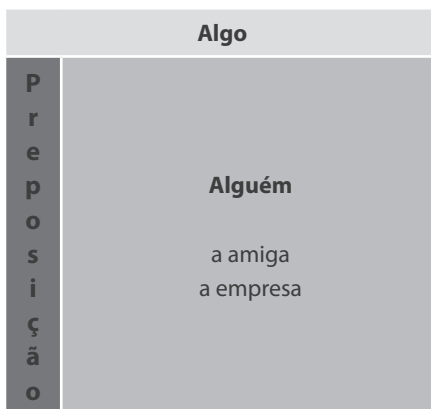
Dei flores à Maria.

Dicas para reconhecer casos de emprego da crase

Algumas pessoas têm dificuldades em reconhecer verbos ou palavras que exijam o emprego da crase. Vamos, então, sugerir, algumas técnicas para que se saiba quando colocar o sinal indicativo de crase.

O esquema a seguir ajuda a identificar verbos que sejam regidos pela preposição *a*.

Quem _____, _____.
envia dá envia dá



Com os verbos acima, falamos “Quem envia, envia algo a alguém”. Se esse alguém for uma palavra feminina, colocamos crase.

Outra técnica é colocar diante da palavra feminina a expressão *para a*. Se ela ficar adequada, então há crase. Se, ao trocar o substantivo feminino por um masculino, a preposição *a* juntar-se com o artigo *o*, então haverá crase.

Ex.: Dei flores à amiga.

Dei flores ao amigo.

Esses são alguns recursos, mas o ideal é aprender as regras que regem a crase. Não devemos esquecer que sem o acento indicador de crase não saberemos quando há encontro de artigo e preposição, e isso, sem dúvida, atrapalha a compreensão do texto. Portanto, para termos um bom processo comunicativo, temos que empregar adequadamente a crase.

Emprego dos pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos têm a função de referir substantivos no espaço, no tempo e no texto.

Espaço

Este / esta / isto

Referem-se a objetos que estão perto de quem fala.

Ex.: Esta bolsa é minha.

Esse / essa / isso

Referem-se a objetos que estão perto de quem ouve.

Ex.: Essa bolsa é minha.

Aquele / aquela / aquilo

Referem-se a objetos que estão longe de quem fala e de quem ouve.

Ex.: Aquela bolsa é minha.

Tempo

Este / esta / isto

Referem-se a tempo presente.

Ex.: Esta semana está muito quente.

Esse / essa / isso

Referem-se a tempo passado ou futuro próximo.

Ex.: Essa semana que passou foi muito quente. (Semana passada)

Essa semana que virá será muito quente. (Semana que vem)

Aquele / aquela / aquilo

Referem-se a tempo distante.

Ex.: O ano de 1970 foi de glória. Aquele foi o ano das discotecas.

Texto

Este / esta / isto

Referem-se a termos/palavras que serão mencionadas no texto.

Ex. *Isto* é tudo que quero: *paz*.

Esse / essa / isso

Referem-se a termos que já foram mencionados no texto.

Ex.: *Maria* e *Pedro* são estudiosos. *Esses* alunos têm notas boas.

Aquele / aquela / aquilo

São usados junto com os pronomes *este*, *esta* e *isto*. Referem-se à primeira palavra mencionada.

Ex.: *Pelé* e *Ronaldinho* são ídolos no futebol brasileiro. *Aquele* (Pelé) no passado; *este* (Ronaldinho) no presente.

Para se assimilar esses usos, no entanto, faz-se necessária a prática, por meio não somente de exercícios, mas do uso consciente no texto. Somente assim garantiremos que o nosso texto, tanto oral quanto escrito, cumprirá o seu papel: comunicar.

Atividades

1. Coloque crase quando necessário. Justifique com a letra que corresponde à regra.
 - a) Diante de palavras femininas complementos de verbos que regem a preposição *a*.
 - b) Diante de nomes de locais.
 - c) Diante dos pronomes demonstrativos *aquele(s)*, *aquela(s)* e *aquilo*, quando eles acompanham verbos que regem a preposição *a*.
 - d) Diante da palavra *casa* quando essa vier determinada.
 - e) Diante da palavra *distância* quando essa vier determinada.
 - f) Diante da palavra *terra* quando ela significar *planeta* ou *lugar onde alguém nasceu*.
 - g) Diante da expressão *a moda de*, estando ela expressa ou não.
 - h) Diante do pronome relativo *a qual*. Para ter a certeza do emprego da crase nesse caso, deve-se colocar um substantivo masculino; se o pronome ficar *ao qual*, significa que *a qual* tem crase.
 - i) Diante de locuções adverbiais, locuções preposicionais e locuções conjuntivas.
 - j) Quando as expressões *rua*, *loja* e *estação de rádio* estiverem subentendidas.
 - () Maria gosta de lasanha a bolonhesa.
 - () Pedro foi a casa de Maria.
 - () Pedro foi a Espanha para fazer um curso.
 - () Dirigiu-se a Pinto Bandeira (nome de rua).
 - () Maria foi a terra de seus pais.

- () Pedro informou a nota a colega.
- () Com relação aquele menino, a professora não tinha mais comentários.
- () A proporção que Pedro conhecia Maria, mais ele gostava dela.
- () Pedro cuidava Maria a distância de vinte metros.
- () A mesada a qual aspiro é de R\$200,00.

2. Coloque o pronome demonstrativo adequado.

- a) _____ é tudo que Maria quer: passar de ano.
- b) Está vendo _____ menina lá do outro lado da rua? É minha amiga.
- c) Pedro vai almoçar na casa de Maria. _____ menino é muito educado.
- d) _____ menina, ao meu lado, é minha amiga.
- e) Maria estuda nos feriados. _____ reflete nas notas.
- f) Pedro é fã de Pelé e Maradona. _____ é ícone do futebol e de bom comportamento; _____ é conhecido pelos escândalos.
- g) Maria é uma boa colega. _____ estudante também tem o carinho dos professores.
- h) Não conseguimos identificar _____ que está do outro lado do morro.
- i) Pedro vai almoçar na casa de Maria e _____ todos sabem.
- j) _____ trabalho é o mais temido: o de matemática.

Dicas de estudo

A gramática deve ser escolhida pelo próprio usuário. Ele é quem deve descobrir, entre as várias gramáticas existentes, qual explica melhor o conteúdo, ou seja, qual ele entende melhor. Mesmo assim, segue a indicação de algumas boas gramáticas:

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco M. de. **Gramática**. 19. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

SAVIOLI, Francisco Platão. **Gramática em 44 lições**. 32. ed. São Paulo: Ática, 2000.

Sugiro também a leitura da seguinte obra:

MARTINS, D. A. P. S.; ZILBERKNOP, L. S. **Português Instrumental**: de acordo com as atuais normas da ABNT. Porto Alegre: Sagra, 2005.

Autoavaliação

1. Coloque crase, quando necessário, no texto abaixo.

No que diz respeito a educação, o governador de Céu Azul e futuro candidato ao cargo de Presidente da República decepcionou seus eleitores. Ele, a ditador, cortou quase R\$500 mil reais da verba destinada a educação em Céu Azul. Os estudantes, inconformados, foram para as ruas e, a distância de 200 metros da sede do governo, protestaram. A polícia reagiu e o governador foi a casa de seus companheiros de partido para discutir a situação. Embora não fale profundamente da atitude dos estudantes, quando se refere aquele fato, ainda que de forma breve, mostra-se incomodado. Se depender dos estudantes, a situação irá piorar, e ele terá que voltar a terra de sua família para *dar um tempo* para a sua imagem. É sempre assim, a pasta da educação sempre sofre cortes, e o povo de Céu Azul fica, mais uma vez, sem escola.

2. Preencha os espaços em branco com o pronome demonstrativo adequado.

Muitos alunos alegam que odeiam a Língua Portuguesa porque _____ sempre foi difícil. No entanto, eles não se dão conta que a utilizam para todos os setores importantes da vida, entre eles, _____ que seguem: namorar, brigar, vender, convencer, amar, argumentar, entre outros. O problema não é a língua, mas sim a maneira como ela é vista e ensinada pelos intelectuais e professores. _____ se acham os donos, acreditam que todas as regras devam se submeter aos seus modos de expressão, _____ são os que devem fazer com que todos falem e escrevam da mesma forma, usando, para isso, somente a gramática tradicional. Se _____ não mudar, certamente não teremos pessoas para ensinar, no futuro, a nossa língua-mãe.



Gabarito

O processo comunicativo e seus elementos

Atividades

1. Fonte: Pedro
Emissor: Pedro
Canal: tecnológico
Código: verbal
Mensagem: querer sair com Maria
Receptor ou recebedor: Joana
Destinatário: Maria
2.
 - a) Função emotiva
 - b) Função conativa
 - c) Função fática
 - d) Função referencial
 - e) Função poética
 - f) Função metalinguística

Autoavaliação

1.
 - a) Emenda de vogais
 - b) Clareza
 - c) Concisão

d) Cacofonia

e) Aliteração

2.

a) Fonte: Pedro

Emissor: Pedro

Canal: natural

Código: verbal

Mensagem: esperá-lo no final do corredor

Receptor ou recebedor: Joana

Destinatário: Maria

b) Fonte: Pedro

Emissor: João

Canal: tecnológico

Código: verbal

Mensagem: esperá-lo no final do corredor

Receptor ou recebedor: Maria

Destinatário: Maria

c) Fonte: Pedro

Emissor: João

Canal: tecnológico

Código: verbal

Mensagem: esperá-lo no final do corredor

Receptor ou recebedor: Joana

Destinatário: Maria

Variação linguística e os níveis de linguagem

Atividades

1. Resposta pessoal.

Sugestão:

- a) De língua culta:
Dê-me dois pães, por favor.
 - b) De língua coloquial:
Me dá dois pães, por favor.
 - c) De língua vulgar ou inculta:
Dá dois pão, faiz favor.
 - d) De língua regional:
Mas que barbaridade de negrinho (o doce brigadeiro no Rio Grande do Sul) gostoso, tchê.
 - e) De língua grupal, dividindo-se em grupal com o uso de gírias e técnica.
 - f) De língua técnica:
É importante dar atenção à etimologia; às relações sintagmáticas e semânticas; e às alterações morfológicas, fonéticas e prosódicas de cada item lexical para se fazer um material lexicográfico.
 - g) De língua grupal com o uso de gíria:
Depois do trampo (trabalho remunerado) ele vai beber umas béras (bebida alcoólica).
2. A língua varia de acordo com a necessidade do homem.
3. O falante deve aceitar as variações da língua portuguesa porque não existe a possibilidade de haver uma língua única.

Autoavaliação

- 1.
- a) Grupal/gíria.
 - b) Regional.
 - c) Grupal/técnica.
 - d) Vulgar/inculta.
- 2.
- a) Legibilidade.

- b) Movimento de autoria.
- c) Técnicas de escrita e letramento.

Coesão

Atividades

Os articuladores são os abaixo listados:

Linha 6 – e

Linha 11 – como

Linha 14 – que

Linha 15 – Mas

Linha 15 – como

Autoavaliação

Linha 3 – **ele** remete à linha 1 – rádio.

Linha 4 – **que** remete à linha 4 – aparelhos.

Linha 5 – **isso** remete às linhas 4 e 5 – programas de rádio estão conquistando todos os espaços e aparelhos que se puder imaginar celulares, *MP3 players*, televisões e até satélites.

Linha 6 – **que** remete à linha 6 – opiniões.

Linha 10 – **estações** remete à linha 9 – emissoras.

Linha 11 – **aqui** remete à linha 8 – Brasil.

Coerência

Atividades

Não há relação entre as ideias, sendo que, se *praticar esportes faz bem para a saúde*, pode-se inferir que se exercitar é melhor que ficar em casa olhando para a televisão, ao contrário do que diz o texto.

Autoavaliação

Metarregra da progressão.

Transcrição e retextualização

Atividades

ih:::	alongamento de vogal ou consoante + marcador conversacional
((risos))	comentários descritivos do transcritor
comé	aglutinação de palavras (como é)
()	incompreensão de palavras ou segmentos
cuidá	redução do “r” infinitivo
...	pausa

Autoavaliação

Outras variantes do texto podem ser aceitas, desde que estejam na língua padrão. Abaixo oferecemos uma sugestão.

M. Z., moradora de Garibaldi, no Rio Grande do Sul, contou que na sua infância, quando tinha oito anos, ela e a irmã mais velha só iam à escola quando chovia. Em dias ensolarados, tinham que ficar em casa cuidando do irmão menor e fazendo os serviços domésticos, tendo em vista que a mãe trabalhava na roça. Levavam também o pequeno para a mãe no serviço dela.

Paráfrase

Atividades

- Os testes desmentiram *que boa parte do material estivesse contaminado*.
Os testes desmentiram *a contaminação de* boa parte do material.
- O discurso mostra *que o presidente está preparado para exercer o cargo*.
O discurso mostra *o preparo* do presidente *para o exercício* do cargo.

3. Surpreendeu aos jornalistas *que o velhinho estivesse lúcido, aos 103 anos.*
Surpreendeu aos jornalistas *a lucidez* do velhinho, aos 103 anos.
4. Naquele momento, alguém lembrou *que o presidente do sindicato era inábil no trato de questões políticas.*
Naquele momento, alguém lembrou *a inabilidade* do presidente do sindicato no trato de questões políticas.
5. Desde o primeiro momento, nenhum dos técnicos do laboratório se dispôs a *afiançar que a fita cassete era autêntica.*
Desde o primeiro momento, nenhum dos técnicos do laboratório se dispôs a *afiançar a autenticidade* da fita cassete.

Autoavaliação

1. O professor interrompeu a aula. (Voz ativa)
A aula foi interrompida pelo professor. (Voz passiva)
2. Os garotos enfurecem o professor. (Voz ativa)
O professor é enfurecido pelos garotos. (Voz passiva)
3. A aula será interrompida por alguém. (Voz passiva)
Alguém interromperá a aula. (Voz ativa)
4. O dia de hoje não foi previsto por ninguém. (Voz passiva)
Ninguém previu o dia de hoje. (Voz ativa)
5. As despesas seriam pagas por todos. (Voz passiva)
Todos pagariam as despesas. (Voz ativa)
6. Matei os pernilongos. (Voz ativa)
Os pernilongos foram mortos por mim. (Voz passiva)
7. Escrevi a carta. (Voz ativa)
A carta foi escrita por mim. (Voz passiva)

Parágrafo-padrão

Atividades

1. O tetris é um jogo difícil.

Autoavaliação

1. Resposta pessoal. É importante selecionar um tópico frasal e desenvolvê-lo utilizando os modos que se adequam ao seu estilo. Abaixo segue uma sugestão:

Para nos relacionarmos melhor nos meios que requerem conhecimento intelectual e moral, e desse modo nos colocarmos em uma posição relativamente mais confortável, se não financeiramente pelo menos socialmente, o estudo é fundamental. Mesmo que não tenhamos as devidas chances no mercado de trabalho em razão da política financeira, como demonstra a *Síntese dos Indicadores Sociais 2000* do IBGE, mostrando que a escolaridade média dos jovens de 15 a 24 anos aumentou 1,2 anos, mas a proporção de trabalhadores nessa faixa etária caiu de 59,2% em 1992 para 51,7% em 1999, estudar vale por ser um fator que embasa decisões mais adequadas e um crescimento moral, intelectual ou social. Um exemplo disso, segundo pesquisa da Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados), são índices de escolaridade proporcionais a índices de redução da mortalidade infantil registrados entre 1992 e 1997 na região oeste do estado de São Paulo. Portanto, estudar, mesmo que não resulte sempre em ascensão financeira, possibilita a aquisição de conhecimentos que permitem o aprimoramento do indivíduo e o respeito à vida.

Resumo

Atividades

1. Abaixo segue uma sugestão de resumo indicativo:

O texto *Brasil no espaço*, de Marcelo Bortolotti, afirma que há, no espaço, 38 objetos com nomes que fazem referência ao Brasil. Isso porque, devido às regras, o cientista descobridor pode batizá-lo com o nome que desejar. A maioria dessas homenagens é feita por cientistas brasileiros que trabalham em programas espaciais internacionais e centros de observação brasileiros. Sabe-se, também, que cientistas estrangeiros apaixonados pelo país já deram nomes de lugares brasileiros a corpos espaciais.

Autoavaliação

1. A seguir segue uma sugestão de resumo indicativo:

Tito Montenegro explica, no texto *A sujeira das nações: quem é que vai pagar por isso?* que, com o ingresso da Rússia no Protocolo de Kyoto, as discussões sobre aquecimento global ficaram maiores. Isso porque agora, com o número mínimo necessário para o Protocolo entrar em prática, as nações terão que respeitar o tratado, que tem como objetivo amenizar o efeito estufa. Elas foram divididas em dois grandes grupos: as nações mais industrializadas e as nações em desenvolvimento. As primeiras terão que diminuir a emissão em 5% em relação a 1990 e as segundas estão livres da ação, podendo vender cotas de emissão para países que necessitem. Alguns países não concordam, entre eles os Estados Unidos, que alegam a queda na economia para não aceitar os termos. Também países em desenvolvimento não concordam com os termos do Protocolo, entre eles Brasil e China. Dizem que os países mais industrializados são histórica e proporcionalmente os maiores responsáveis pela poluição, afirmação sustentada pelo pesquisador climático da UFRJ Christiano Campos.

Resenha crítica

Atividades

Elaboração pessoal do texto, respeitando o modelo.

Autoavaliação

Elaboração pessoal do texto, respeitando o modelo.

Correspondências oficiais

Atividades

Aos oito dias do mês de março do ano de dois mil e seis, reuniram-se na sala um, às quinze horas, no prédio da Empresa Viva Chique, o presidente João da Silva e os funcionários da Empresa Viva Chique. Após cumprimentar a todos, o presidente apresentou o assunto da reunião: planejamento estratégico para venda de imóveis de luxo. Foi chamado o funcionário Pedro de Souza, mentor do plano, para apresentação. Pedro mostrou as pesquisas feitas na cidade de Curitiba. Nela consta que há muitas pessoas dispostas a investir

em imóveis de luxo; no entanto, têm dificuldade de encontrar o imóvel dos sonhos. Disse também que os imóveis existem e estão na Viva Chique, mas se constatou que os corretores não conseguiam mostrar isso ao cliente. Após algumas manifestações de discordância com o colocado, ficou acertado que a Empresa pagará um curso de qualificação em São Paulo. E, após a leitura da pauta para a próxima reunião, o presidente encerrou esta, da qual para constar, eu, Aline Machado, lavrei esta Ata. Sala um, em 08 de março de 2006.

As respostas poderão variar, uma vez que foi dada a liberdade de inventar os dados.

Autoavaliação

Timbre da instituição

Atestado

ATESTO, para os devidos fins, que a Maria dos Anjos trabalhou, nesta Instituição, no dia 25/02/2006.

Curitiba, 08 de março de 2006.

Beltrano de Tal
Diretora

Concordância verbal

Atividades

1. Há
2. Existem
3. Devem
4. Pagaram
5. Pagou
6. Bateram
7. Soou

8. Sairemos
9. Saíres/sairão

Autoavaliação

Pensamos – humanos
Inventa – natureza
Passa – isso
Continua – planeta
Acontecem – esses desastres
Apoiam – continentes
Chocam – placas tectônicas
Nascem – rochas e solos
Afirmou – o geólogo Simon Winchester
Fizemos – nós
Podem ser considerados – cinco
Teria matado – terremoto
Inspiraram – espasmo atmosféricos e geológicos

Concordância nominal

Atividades

1. mesma/obrigada.
2. as línguas.
3. a língua.
4. esforçados ou esforçadas.
5. esforçadas.
6. permitida.
7. permitido.
8. meia.

9. bastante.

10. bastantes.

Autoavaliação

1. história.

2. território.

3. homogeneidade.

4. Língua Portuguesa.

5. línguas.

6. número.

7. século.

8. trabalho.

9. epidemias.

10. doenças.

Emprego da vírgula e dos porquês

Atividades

1.

a) por que

b) porque

c) por quê

d) por que

e) porquê

f) por que

g) porquê

h) porque

- i) por quê
 - j) por que
2. (h) Maria estuda inglês; Pedro, espanhol.
- (c) Todos os dias, Maria e Pedro vão para a escola.
 - (g) Ler, redigir, representar e declamar são algumas das atividades da aula de Língua Portuguesa.
 - (b) Maria, chama o Pedro!
 - (j) Maria, excelente aluna da escola, é muito amiga de Pedro.
 - (i) Maria é muito irresponsável, digo, responsável.
 - (a) Maria, aluna da professora Joana, é muito estudiosa.
 - (Não tem vírgula) Maria foi para a escola e esqueceu o livro em casa.
 - (f) Maria foi para a escola, e Pedro esqueceu o livro em casa.
 - (d) Ainda que Maria seja estudiosa, ela tirou nota baixa na prova.
 - (e) Maria é muito dedicada, por isso teve nota boa na prova.

Autoavaliação

- 1.
- 1. porquê
 - 2. porque
 - 3. porquê
 - 4. por quê
 - 5. porquê
 - 6. porquê
 - 7. porquê
 - 8. porquê
 - 9. porque
2. Maria Cecília Suguiyama, professora de Educação Infantil da Escola Móvil de São Paulo, tem uma relação especial com Escola. “Conheci a revista numa

banca quando ela estava no número 16, em outubro de 1987, e de lá para cá nunca mais deixei de ler.” Ciça, como é conhecida entre os colegas e alunos, tornou-se assinante um ano depois. “Guardo em casa as edições que trazem textos da minha área.” As demais, ela socializa com os colegas. “Levo para a escola e incentivo outros professores a lerem, mas fico de olho para que nenhuma suma.” O aprimoramento das reportagens nesses quase 17 anos é um ponto decisivo na hora da professora renovar a assinatura. [...]

O significado das palavras no contexto

Atividades

1. mal
2. ao encontro de
3. a cerca
4. a fim de
5. a par
6. à toa
7. a
8. há
9. o moral
10. há cerca de

Autoavaliação

1. há
2. todo o
3. de encontro às
4. acerca
5. sessões

Emprego da crase e dos pronomes demonstrativos

Atividades

1. (g) Maria gosta de lasanha à bolonhesa.
(d) Pedro foi à casa de Maria.
(b) Pedro foi à Espanha para fazer um curso.
(j) Dirigiu-se à Pinto Bandeira (nome de rua).
(f) Maria foi à terra de seus pais.
(a) Pedro informou a nota à colega.
(c) Com relação àquele menino, a professora não tinha mais comentários.
(i) À proporção que Pedro conhecia Maria, mais ele gostava dela.
(e) Pedro cuidava Maria à distância de vinte metros.
(h) A mesada à qual aspiro é de R\$200,00.
2.
 - a) Isto
 - b) Aquela
 - c) Esse
 - d) Esta
 - e) Isso
 - f) Aquele/este
 - g) Essa
 - h) Aquilo
 - i) Isso
 - j) Este

Autoavaliação

1. No que diz respeito à educação, o governador de Céu Azul e futuro candidato ao cargo de Presidente da República decepcionou seus eleitores. Ele, à ditador, cortou quase R\$500 mil reais da verba destinada à educação em Céu Azul. Os estudantes, inconformados, foram para as ruas e, à distância de 200 metros da sede do governo, protestaram. A polícia reagiu e o governador foi à casa de seus companheiros de partido para discutir a situação. Embora não fale profundamente da atitude dos estudantes, quando se refere àquele fato, ainda que de forma breve, mostra-se incomodado. Se depender dos estudantes, a situação irá piorar, e ele terá que voltar à terra de sua família para *dar um tempo* para a sua imagem. É sempre assim, a pasta da educação sempre sofre cortes, e o povo de Céu Azul fica, mais uma vez, sem escola.
2. Muitos alunos alegam que odeiam a Língua Portuguesa porque essa sempre foi difícil. No entanto, eles não se dão conta que a utilizam para todos os setores importantes da vida, entre eles, estes que seguem: namorar, brigar, vender, convencer, amar, argumentar, entre outros. O problema não é a língua, mas sim a maneira como ela é vista e ensinada pelos intelectuais e professores. Aqueles se acham os donos, acreditam que todas as regras devam se submeter aos seus modos de expressão, estes são os que devem fazer com que todos falem e escrevam da mesma forma, usando, para isso, somente a gramática tradicional. Se isso não mudar, certamente não teremos pessoas para ensinar, no futuro, a nossa língua-mãe.



Referências

AMARAL, Ludmila. Como surgiu a expressão “santo do pau oco”? **Superinteressante**, São Paulo, ed. 182, n. 11, ano 16.

AMIZADE Duradoura e produtiva. **Nova Escola**, São Paulo, ed. 174, ago. 2004.

BAN, Ana. Economia e aventura. **Superinteressante**, São Paulo, ed. 182, n. 11, ano 16.

BIGHETI, Carlos. Mundo Mágico. **Superinteressante**, São Paulo, ed. 221, n. 3, ano 19, 2006.

BORTOLOTTI, Marcelo. Brasil no espaço. **Superinteressante**, São Paulo, ed. 210, n. 10, fev. 2005.

CAIPIRA DO PIXEL. **Superinteressante**, São Paulo, ed. 182, n.11, ano 16.

CARELLI, Gabriela. O pecado da ignorância. **Veja**, São Paulo, n. 59, ano 38, 28 set. 2005.

CHAROLLES, Michel. Introduction aux problèmes de la cohérence des textes. **Langue Française**, 38. Paris: Larousse, 1978.

CUNHA, Sérgio F. *et al.* **Tecendo Textos**. Canoas: Editora da Ulbra, 1997.

DEVEZE, Eloisa. Biblioteca-cabeça. **Superinteressante**, São Paulo, ed. 222 n. 1, ano 29.

D'ÁVILA, Angelo. **O Porquê do Envelhecimento**. Disponível em: <www.revista.agulha.nom.br/poesia/adavila2.html>. Acesso em: 20 fev. 2006.

FARACO, Carlos Alberto. Ninguém Segura a Língua. **Discutindo Língua Portuguesa**, São Paulo, n. 2, mar./abr. 2006.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco M. de. **Gramática**. 19. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FÁVERO, Leonor, L.; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística Textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Oralidade e Escrita:** perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2002.

FLÔRES, Onici Claro; SILVA, Rosara Rosseto da. **Da Oralidade à Escrita:** uma busca da mediação multicultural e plurilinguística. Canoas: Editora da Ulbra, 2005.

FRANCO, Cátia. Por que a lua fica amarelada de vez em quando? **Superinteressante**, São Paulo, Ed. 218, out. 2005.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna:** aprenda a escrever, aprendendo a pensar. ed. 22. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English.** London: Logman, 1976.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A Coerência Textual.** 14. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **A Coesão Textual.** 18. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LOPES, Reinaldo José. Natureza em fúria. **Superinteressante**, São Paulo, fev. 2005.

LUCCHESI, Dante. **Caldeirão de Culturas:** discutindo a Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

MACHADO não merecia. **Veja**, São Paulo, ed. 1944. n. 7, ano 39.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.); LOUSADA, E. G.; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Resenha.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a Escrita:** atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, D. A. P. S.; ZILBERKNOP, L. S. **Português Instrumental:** de acordo com as atuais normas da ABNT. Porto Alegre: Sagra, 2005.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa.** 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

MONTENEGRO, Tito. A Sujeira das Nações: quem é que vai pagar por isso? **Superinteressante**, São Paulo, ed. 210, n. 10, fev. 2005.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística:** domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.

OPPERMAN, Álvaro. O Pelé do pôquer. **Superinteressante**, São Paulo, ed. 222, n. 1, ano 29.

ORLANDI, Eni de Lourdes Pulcinelli. **O Que é Linguística**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

O VIOLINISTA que veio do mar. **Veja**, São Paulo, ed. 1943, n. 6, ano 39.

PIMENTA JR., Edward. O tetris é um problemão. **Superinteressante**, São Paulo, ed. 185. n. 1, ano 17.

RING OF FIRE: The Legend of Johnny Cash. **Veja**, São Paulo, ed. 1940, n. 3, ano 39.

SAVIOLI, Francisco Platão. **Gramática em 44 Lições**. 32. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SECCHES, Fabiane. **Deus é Brasileiro**. Disponível em: <www.zetafilmes.com.br> Acesso em: 3 mar. 2006.

SILVA, Bruno Miquelino da. Autores que escrevam sobre nada. **Superinteressante**, São Paulo, n. 10, ed. 210, fev. 2005.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. Tradução de: NEVES, Beatriz Affonso. 3. ed. Porto Alegre: Artemed, 1999.

STIVANIN, Taíssa. Cerveja preta aumenta o leite? **Superinteressante**, São Paulo, ed. 210, n. 10, fev. 2005.

SUZUKI, Shin Oliva. Nasce o novo rádio. **Superinteressante**, São Paulo, ed. 218, n. 10, out. 2005.

UM PROCESSO de paz que ninguém esperava. **Veja**, São Paulo, ed. 1940, n. 3, ano 39.

VALLADARES, Ricardo. A megera das seis. **Veja**, São Paulo, ed. 1938 n. 1, ano 39.



*Lingua Portuguesa:
da oralidade à escrita*

Fundação Biblioteca Nacional
ISBN 978-85-387-0647-2



9 788538 706472